

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS - CCHEL
COLEGIADO DE HISTÓRIA

FAGNER GUGLIELMI PEREIRA

**TRABALHADORES DE FRIGORÍFICO: TRABALHO, LAZER
E MORADIA (1960-1980)**

MARECHAL CÂNDIDO RONDON. PR

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS - CCHEL
COLEGIADO DE HISTÓRIA

FAGNER GUGLIELMI PEREIRA

**TRABALHADORES DE FRIGORÍFICO: TRABALHO, LAZER
E MORADIA (1960-1980)**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em História, nível Mestrado, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua Bosi

MARECHAL CÂNDIDO RONDON. PR

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

P436t Pereira, Fagner Guglielmi
Trabalhadores de frigorífico: trabalho, lazer e moradia
(1960-1980) / Fagner Guglielmi Pereira. - Marechal Cândido
Rondon, 2014.
135 p.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua Bosi

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual
do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.

1. Trabalhadores. 2. Trabalho. 3. Lazer. I. Bosi, Antônio
de Pádua. II. Título.

CDD 22.ed. 331.1
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

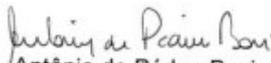
Programa de Pós-Graduação em História - Nível Mestrado

Reconhecido pela Portaria Ministerial - MEC nº 1.077, de 31/08/2012, publicada no DOU de 13/09/2012.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

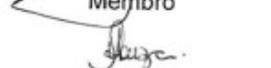
Aos vinte dias do mês de março de 2014, às 08h30min, reuniu-se, em sessão pública, a banca examinadora da defesa de dissertação de mestrado em história constituída pelos professores Dr. Antônio de Pádua Bosi (Orientador) (UNIOESTE), Dr. José Roberto Pereira Novaes (UFRJ), Dr. Rinaldo José Varussa (UNIOESTE) e Dr^a Aparecida Darc de Souza, para avaliarem o trabalho "Trabalhadores da Frrondon: trabalho, lazer e moradia (1960-1980)" apresentado pelo pós-graduando **Fagner Guglielmi Pereira** para a obtenção do título de "Mestre em História" do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História do UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon. A banca examinadora considerou o trabalho APROVADO. Nada mais havendo a constar, eu Antônio de Pádua Bosi, orientador do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pelo pós-graduando avaliado.

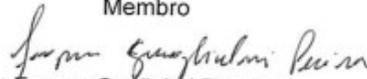
Marechal Cândido Rondon, 20 de março de 2014.


Antônio de Pádua Bosi
Orientador


José Roberto Pereira Novaes
Membro


Rinaldo José Varussa
Membro


Aparecida Darc de Souza
Membro


Fagner Guglielmi Pereira
pós-graduando



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
UNIOESTE

PARECER DESCRITIVO

Título da Dissertação: *"Trabalhadores da Frirondon: trabalho, lazer e moradia (1960-1980)"*.

Nome do concluinte: **Fagner Guglielmi Pereira**

Integrantes da Banca:

Prof. Dr. Antônio de Pádua Bosi (Orientador) (UNIOESTE);

Prof. Dr. José Roberto Pereira Novaes (UFRJ);

Prof. Dr. Rinaldo José Varussa (UNIOESTE);

Profª Drª Aparecida Darc de Souza (UNIOESTE).

Parecer:

A dissertação foi aprovada, devendo o autor providenciar as alterações sugeridas durante a arguição e entregues ao orientador e ao autor. O título deverá ser alterado para: "Trabalhadores de Frigolândia: Trabalho, Lazer e Moradia (1960-1980)".

Marechal Cândido Rondon, 20 de março de 2014.

À Dona Lila, que nos deixou enquanto eu escrevia esse trabalho. Não pude fazer uma última visita, mas sua bondade e generosidade jamais serão esquecidas.

AGRADECIMENTOS

À Suzane que me acompanhou durante a graduação e divide comigo expectativas de trabalho e de vida. Você é fonte de inspiração para mim.

À minha família por suportar e aceitar a ausência do convívio familiar durante todos esses anos. Espero retribuir tudo em breve. Ainda há tempo. Agradeço especialmente a minha irmã, Flávia Cecília Pereira, por estar sempre por perto e não medir esforços para me ajudar. Tenho merecido muito pouco o seu empenho.

Ao Antônio por sua competência e paciência durante o período da orientação e pela disposição em socializar brilhantes ideias.

À Cida. Por tudo.

Aos amigos da República do “Castelo”: Gui, Arthur, Lúcio, Su, Cida, Antônio, Fano, Callegari, Norberto Obermann, Masiero, Fernandinho, Cristian, Jô, Gil, Geomar, Sol, Douglas, Clarice, Dudu, Írio, Luiz, Victor, Carlitos, e Engels com quem aprendi muito e vivenciei importantes momentos.

À CAPES, sem a qual seria impossível a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço aos trabalhadores de Marechal Cândido Rondon-PR pelo carinho. Sou grato por me receber em suas casas e compartilho muito de suas angústias e sonhos.

RESUMO

Essa dissertação discute sobre a experiência de trabalhadores que trabalharam em um frigorífico de abate de porcos em Marechal Cândido Rondon-PR durante os anos de 1960 a 1980. São trabalhadores que migraram de regiões bastante distintas do Brasil. A análise de suas experiências nos revelaram os modos de vida e de trabalho até serem admitidos em um frigorífico de abate de porcos nesta cidade. Durante a década de 1970, a integração campo e cidade aproximou as fábricas das produções dos colonos. Nesta época fábricas de beneficiamento de grãos e frigoríficos foram instalados nesta cidade. A indistinção econômica entre campo e cidade fundamentou a instalação de fábricas para beneficiar os grãos de soja e industrializar a carne do porco. Esse processo alterou formas de viver e trabalhar na medida em que constituiu novas relações de trabalho e modos de viver. Para chegar a esse diagnóstico, foi preciso investigar a vida de trabalhadores que migraram para região do Oeste Paranaense em meio à transformação do cenário econômico em Marechal Cândido Rondon-PR e região. As trajetórias de vida dos trabalhadores e suas experiências no mundo do trabalho entrecruzaram o contexto histórico de constituição industrial na região Oeste do Paraná. A partir disso, o presente trabalho abordará: trajetórias de vida de trabalhadores migrantes, ocupações no processo de constituição da atividade industrial, sentidos e significados a partir do modo de trabalhar em frigorífico e viver na Vila Operária em Marechal Cândido Rondon-PR.

PALAVRAS CHAVE: Trabalhadores, Trabalho e Vila Operária.

ABSTRACT

WORKERS OF SLAUGHTERHOUSE: WORK, LEISURE AND DWELLING (1960-1980)

This dissertation discusses the experience of workers who worked in a slaughterhouse pigs in Marechal Cândido Rondon-PR during the years 1960-1980. They migrated from very different regions of Brazil. The analysis of their experiences revealed the ways of life and work before and after of the work in the slaughterhouse. During the 1970s, the economy integration of countryside and town approached of the productions the settlers. In the town, were installed grain processing factories and slaughterhouse. The economy between countryside and the town was based the installation of factories for the benefit of soybeans and industrialization of the pig meat. This process, changed ways of living and working and constituted new working relationships and ways of living. To arrive at this diagnosis, it was necessary to investigate the lives of workers who migrated to the West Paranaense region amid the transformation of economic scenario in Marechal Cândido Rondon-PR and region. The trajectories of life of workers and the their experiences with working in the historical context of industrial constitution in the west of the Paraná. From this paper will explicate: life trajectories of migrant workers, occupations in the industrial activity, senses and meanings about work and life in the the Workers' Village in Marechal Cândido Rondon-Pr.

KEYWORDS: Workers, Work and Workers' Village.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1	23
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E TRAJETÓRIAS DE VIDA DE TRABALHADORES DE FRIGORÍFICO (1970-1980)	23
1.1- A INSTALAÇÃO DO FRIGORÍFICO RONDON	23
1.2- TRAJETÓRIAS DE VIDA E DE TRABALHO	35
CAPÍTULO 2	53
TRABALHADORES DO FRIRONDON: OCUPAÇÕES E RELAÇÕES DE TRABALHO	53
2.1. OCUPAÇÕES, CONDIÇÕES E RELAÇÕES DE TRABALHO NO FRIGORÍFICO	54
2.2 “TINHA DIA QUE A GENTE CHEGAVA EM CASA ASSIM, MEU DEUS COM AS ESTRELAS”: JORNADA DE TRABALHO E O SENTIDO DO TRABALHO	77
CAPÍTULO 3	84
VILA OPERÁRIA: CULTURA E SOCIABILIDADE DOS TRABALHADORES EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR (1975-1990)	84
3.1 – A VILA OPERÁRIA DO FRIGORÍFICO RONDON.....	84
3.2 – MORADIA E SOCIABILIDADE DOS TRABALHADORES.....	89
3.3 - A RELAÇÃO DOS TRABALHADORES NA VILA	96
3.4 – ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
FONTES	129
4.1 Oraís	129
4.2 Jornalísticas	131
4.3 Documentos Oficiais	133
Referências bibliográficas	134

APRESENTAÇÃO

Este texto é fruto de uma pesquisa sobre os trabalhadores de um frigorífico de porcos no processo de industrialização em Marechal Cândido Rondon-PR durante os anos que compreendem 1960 e 1980. O curso destas três décadas registrou a migração de trabalhadores e trabalhadoras para o Oeste Paranaense. Considerando este período importante para entender a constituição da classe trabalhadora nesta região, eu me propus a investigar como os trabalhadores deste frigorífico de abate de porcos, localizado em Marechal Cândido Rondon-PR, viveram e trabalharam em um período em que estar “empregado com carteira assinada” significou trabalhar nas fábricas instaladas entre 1970-1980.

Para iniciar a introdução deste trabalho, vou indicar os caminhos trilhados na construção do problema de investigação e da pesquisa. O contato com jovens trabalhadores do setor industrial, em pesquisa desenvolvida em trabalho de conclusão de curso, foi fundamental para consolidar tal empreitada.¹

Em 2009, quando comecei a estudar o modo de vida e de trabalho de jovens trabalhadores empregados em fábricas alimentícias em Marechal Cândido Rondon-PR, pude perceber que a constituição da atividade industrial nesta cidade extrapolava a alçada do recorte espaço-temporal empreendida pela pesquisa de Iniciação Científica. Naquela época, resolvemos estudar o trabalho de jovens operários do setor industrial em Marechal Cândido Rondon-PR entre os anos de 2000 a 2010.² Pude entrevistá-los, conhecê-los, visitar suas casas, e assim, compreender um pouco como a classe trabalhadora vive nesta região.

Conheci trabalhadores como André, cujo sonho sempre foi ser reconhecido por seu trabalho, receber remuneração necessária para viver uma vida digna e “trabalhar, para ter conhecimento assim e ir para frente sabe? Crescer na vida. [...] Ter outros conhecimentos, Conhecimento de máquinas, ir conhecer para fora, fazer outros estudos.”³ Depois de oito meses de trabalho, todas suas expectativas foram reduzidas ao ponto de sua demissão não

¹ Devo creditar aqui os anos de participação no Laboratório de Trabalho e Movimentos Sociais – LTMS, especialmente o auxílio dos professores: Aparecida Darc de Souza, Antônio de Pádua Bosi, Rinaldo José Varussa e Vágner José Moreira.

² Monografia de trabalho de conclusão de curso: “Entre a propaganda do progresso econômico e a experiência dos trabalhadores: um estudo sobre o trabalho agroindustrial em Marechal Cândido Rondon-PR (2000-2010)

³ André, solteiro, 25 anos, trabalhador autônomo. Entrevista realizada em 20 de março de 2011 por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando.

ser uma simples opção: “Tem mais pessoas conhecidas minhas que trabalham lá com aquela doença, não sei se tu já ouviu falar, LER [Lesão por Esforço Repetitivo]. De serviço repetitivo”. André foi trabalhar em empreitadas na construção civil, onde o trabalho lhe rendeu melhor remuneração e a possibilidade de regular seus horários e organizar melhor a vida.

Visitei Aline, cuja vida de migrante nortista pobre e recém-casada havia empurrado para um trabalho que causou doenças nos olhos e problemas nas articulações das mãos. Aline relatou sobre os “problemas de adaptação, o frio, os horários que você tinha que entrar os horários que você tinha que sair né..? [...] o horário, você tinha pra entrar, mais não tinha pra sair...”⁴ Ela resolveu pedir demissão depois de praticamente dois anos, 2005 a 2007, de vida conduzida pelo trabalho de madrugada em um frigorífico de frango. Raramente ver os filhos e o marido, Foi a condição experimentada por Aline, na qual ela não estava mais disposta a assumir como modo de vida. Hoje, ela trabalha em casa.

Conversei também com Fernanda. Ela veio de longe para trabalhar em Marechal Cândido Rondon-PR, com promessas de boa remuneração e emprego estável. Os descontos em alimentação e transporte e as duas vezes em que pediu demissão, tanto na sessão da desossa como na limpeza, desmentiram as promessas feitas e frustrou as expectativas dela: “Quando a gente começa assim ‘aí é que o salário é muito bom!’ ‘Aí que você vai ganhar bem!’ aí você vai fazer, você experimenta lá pra ver né? Quando você chega não é nada disso!”⁵ Depois da experiência operária, Fernanda preferiu ir trabalhar de ajudante de cozinha nas pizzarias da cidade. Trabalho informal que a isenta dos direitos trabalhistas, mas lhe rende mais tempo para cuidar da filha pequena, além de prevenir males nas articulações, solidão, cortes e humilhação.

Estudei durante o tempo em que frequentei os quatro anos da graduação, com amigos e amigas que, para manter os estudos, precisaram trabalhar nas fábricas alimentícias desta cidade. Conciliar os estudos com o trabalho não foi uma escolha para eles, nem foi motivo de orgulho. Pelo contrário, o trabalho lhes sugou tanto as energias que estudar deixou de ocupar a maior parte do tempo diário: “quando comecei as aulas aí eu comecei a

⁴ Aline, casada, 29 anos. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2011 por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira.

⁵ Fernanda, solteira, 29 anos, desempregada. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2011 por Aparecida Darc de Souza, Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando.

trabalhar na COPAGRIL e estudar na Universidade, foi bastante complicado porque assim, o turno que eu trabalhava, começava cinco horas da manhã [e] eu saía da universidade às onze [23] horas”⁶. Alguns amigos, felizmente, ainda estudam comigo, enquanto outros tantos trabalhadores, como Aline, nunca tiveram tempo e oportunidade para iniciar uma vida universitária.

Essas experiências estão amarradas a um processo recente de crescimento da atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR a partir de 1990. Trata-se da instalação de uma fábrica de biscoitos (Fábrica de biscoitos FAVILLE), uma indústria de beneficiamento do leite (Indústria de beneficiamento de Leite FRIMESA) e um frigorífico de abate de frangos (Unidade Industrial COPAGRIL). Até 2010, essas indústrias eram responsáveis por 40% dos empregos formais em Marechal Cândido Rondon-PR. Isso indica que parcela significativa dos empregos formais está sob domínio das fábricas de alimentos, como observou um dos jovens trabalhadores entrevistados: “meio que eu trabalhava ali por não ter opções, numa cidade pequena, que tem uma demanda maior do que oferta de emprego, apesar de você ter segundo grau completo, outros tipos de emprego há uma dificuldade maior, fui trabalhar na COPAGRIL.”⁷ Partindo dessas informações, lançou-se a hipótese de que a iniciação desses trabalhadores no mundo do trabalho é condicionada por relativo domínio dos empregos formais por estas empresas. Restam, para os trabalhadores, poucas opções, nas quais são limitadas pela organização do trabalho na região.

Durante esse tempo de estudo, pude perceber que todos os trabalhadores entrevistados, estudantes ou não, tiveram um objetivo muito imediato nessas empresas. Sobreviver e procurar se ajeitar aos poucos, parece ser o sentido comum do trabalho nas fábricas. O trabalho que adoce é o mesmo que limita a vida de inúmeros trabalhadores fora dela: “você ocupar o teu final de semana quando todo mundo está em casa, você tá lá trabalhando se desgastando e na segunda-feira onde todo mundo tá trabalhando você tá em casa, você não poder ir visitar seus parentes [...] Você faz isso porque você tá precisando do dinheiro porque se não...”⁸

⁶ João, solteiro, 24 anos, estudante universitário. Entrevista realizada em 27 de Novembro de 2009 por Fagner Guglielmi Pereira.

⁷ Marcelo, solteiro, 23 anos, estudante universitário. Entrevista realizada em 10 de Dezembro de 2009 por Fagner Guglielmi Pereira.

⁸ Leandro, solteiro, 25 anos, estudante universitário. Entrevista realizada em 7 de dezembro de 2009 por Fagner Guglielmi Pereira.

Além disso, no momento daquela pesquisa, a professora Aparecida Darc de Souza e eu, constatamos, a partir do exame de dez anos de fontes jornalísticas de “O Presente”, que além das relações despóticas no universo da produção, há uma pressão ideológica relativamente forte em relação à disputa pelo significado do crescimento industrial. Importante síntese que retrata a pressão sobre trabalhadores pobres da região, haja vista que o jornal atua como um aparelho legitimador da exploração do trabalho industrial.

Os artigos e matérias veiculados pelo jornal concentram suas forças na celebração do crescimento da atividade industrial tratada como sinônimo de progresso para a cidade e possibilidade de ascensão e melhoria de vida para a população local. O jornal tem de forma contribuído sistemática na construção de um imaginário social legitimador e naturalizador das condições de trabalho e exploração desenvolvidas por estas empresas. (PEREIRA; SOUZA, 2014, p. 37)

Um número significativo de matérias foi redigido para justificar a instalação das fábricas em Marechal Cândido Rondon-PR. Não foi difícil constatar que as condições de trabalho e de vida, experimentado por trabalhadores como André, Aline e Fernanda, são contrárias aquilo que foi divulgado pelo jornal. Como afirmou a professora Aparecida Darc de Souza, o papel da imprensa parece ter sido o de suavizar as implicações do crescimento industrial na região Oeste do Paraná. Assim, ela contribui para a “construção de um imaginário social” que legitima a exploração do trabalho e naturaliza a desigualdade social. De um lado, inúmeras reportagens do jornal “O Presente” articularam interesses que assinalam positivamente a “geração de emprego” e por conseqüência o “progresso econômico”. No outro, os trabalhadores percebem a situação de exploração que encontraram no interior da produção. Além das impressões negativas compartilhada pelos operários, elevado índice de rotatividade e absenteísmo tem marcado a vida desses trabalhadores em relação ao universo da produção (VARUSSA, 2006). Frente a esse problema, há uma mobilização diária de trabalhadores de outros estados, especialmente do Mato Grosso do Sul, para trabalhar em frigoríficos (GEMELLI 2011).

Diante isso, o vivido por muitos trabalhadores explicita a contradição que existe entre desenvolvimento econômico e desenvolvimento social. Baixos salários, descontos com a alimentação e transporte, desrespeito às leis trabalhistas, adoecimento por esforço repetitivo, acidentes de trabalho, ocupações precárias e altamente fiscalizadas são problemas experimentados por uma numerosa classe trabalhadora na região Oeste do Paraná (BOSI,

2011; FINKLER, 2007; GRANDO; 2013 HECK, 2013). Diante desse quadro, atualmente, o trabalho nas fábricas alimentícias em Marechal Cândido Rondon-PR é instável.

Naquele diálogo travado com os jovens trabalhadores, foi possível perceber as privações econômicas, a falta de tempo disponível para as relações familiares, para a participação nos espaços públicos, para o estudo e lazer. De tal maneira que, manter a força de trabalho nessas fábricas tem sido uma tarefa difícil.

Durante os anos que compreenderam 2008 a 2011, conheci também trabalhadores como Seu Chico. Ele migrou de Crissiumal-RS para trabalhar no Oeste do Paraná em 1980. Seu Chico trabalhou por mais de dez anos em uma fábrica que beneficiava ração para o frigorífico de abate de porcos da Swift Armour em Marechal Cândido Rondon-PR. Ele foi operador sob o ritmo das máquinas movido à lenha. Seu Chico fez de tudo, consertou as máquinas, misturou farinha de carne ao complemento da ração para os porcos, coordenou os rodízios nas tarefas produtivas e trabalhou como ensacador de ração.

Quando entrevistamos Seu Chico pela primeira vez, em uma tarde de fevereiro de 2010, sua trajetória de vida e de trabalho pode revelar muitas coisas. Ele foi de tal modo marcado pelo trabalho, que, não foi difícil para ele, conseguir indicar cada etapa de sua vida a partir das ocupações no mundo do trabalho. Da perda de condições de trabalho no campo do Rio Grande do Sul, passando pela lida com a terra em Dionísio Cerqueira – SC até o emprego no frigorífico da Swift Armour, Seu Chico mapeou três momentos importantes de sua vida: a) A dissolução do trabalho familiar no campo do Rio Grande do Sul, b) a tentativa de nas terras em Dionísio Cerqueira-SC e c) sua migração para Marechal Cândido Rondon-PR para trabalhar no frigorífico. Diferente de André, Aline ou Fernanda, Seu Chico pareceu valorizar a experiência no trabalho industrial de modo a referenciá-la como um marco em sua vida. Esse momento registrou o recomeço para trabalhadores que amargaram a instabilidade do trabalho no campo na década de 1960-70.

Depois da entrevista com Seu Chico, viemos conversando no caminho de volta para casa. Falamos sobre a exclusão social dos personagens que fizeram e fazem parte do crescimento da atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR, da vida de trabalhadores como André, Aline e Fernanda até a diferença daquilo que chamamos de “geração de operários”.

Enquanto os jovens operários, os quais até então havíamos centrado todos os esforços de investigação, pouco tiveram o que falar sobre o trabalho na fábrica, a não ser

das privações que trabalhar lhes causavam, da hierarquia fabril, da má remuneração e da indignação por terem sido enganados por falsas propagandas de crescimento profissional, os “velhos” trabalhadores, por outro lado, pareceram valorizar a experiência do tempo em que trabalharam no frigorífico. Seu Chico falou de sua relação com os trabalhadores da fábrica de ração, dos apelidos, dos rodízios nas tarefas produtivas e dos espaços de sociabilidade durante o período em que morou na vila operária do frigorífico. Isto logo despertou interesse de investigação. Avaliamos serem experiências completamente diferentes, na qual o confronto entre elas poderia revelar aspectos importantes ligados a formação da classe trabalhadora no Oeste do Paraná. Estava certo, porém, da necessidade de investigar aquilo que chamei de “duas gerações de trabalhadores”.

Não consegui perceber, no início, o tamanho do problema e do fôlego de investigação que isto despenderia. E, também que, confrontar as experiências de operários iguais a André com as de trabalhadores como seu Chico, poderia correr o risco de perder o foco da pesquisa, na medida em que aprofundaria pouco sobre a rica relação de vida e de trabalho em que trabalhadores como seu Chico viveram.

Pesquisas empreendidas sobre trabalho e trabalhadores na região do Oeste do Paraná há aproximadamente dez anos, já haviam mapeado muito sobre o universo social de trabalhadores como André. Enquanto que, eu sabia muito pouco sobre as experiências de vida e de trabalho de trabalhadores como Seu Chico. Entendi que aproximar as experiências de Seu Chico e André, em função de explicar o que mudou nestes quarenta anos, é uma tarefa a ser realizada para o futuro.

Esta constatação foi possível logo depois que eu descobri que pouco foi produzido sobre os trabalhadores entre os anos de 1970 e 1980. Se tivesse percebido isso logo no começo da pesquisa não teria enfrentado tantos problemas. Se tivesse definido bem meu objeto logo no princípio, poderia definir melhor meus referenciais, embora tivesse pouquíssima investigação sobre estes trabalhadores no qual um levantamento bibliográfico na biblioteca da Universidade Estadual do Oeste Paranaense - UNIOESTE foi suficiente para revelar. Raras exceções, como o trabalho de Carlos Seibert e produções recentes dos professores Antônio Bosi e Rinaldo Varussa, me ajudaram nesta empreitada. Cada um do seu jeito. Os últimos me auxiliaram a visualizar a classe trabalhadora como sujeito ativo nas relações sociais. Homens e mulheres que tem muito mais a revelar do que a simples

expressão “força de trabalho” tem a esconder. Especialmente no que diz respeito a metodologia dos estudos no campo da História Social do Trabalho:

Assim, há um propósito que foi se alinhando nesta trajetória e que mantém vínculos estreitos e caros com o marxismo: uma orientação que evoca a história na perspectiva dos sujeitos sociais que a fazem, o que não significa uma identificação com algum tipo de pensamento relativista que pressupunha como impossível o conhecimento da realidade à medida em que faz coincidir cada visão e interpretação constituída acerca do mundo com a História. Ao contrário disso, as experiências dos trabalhadores relativamente ao passado são aqui estudadas como um problema que projeta, na História vivida e *quente*, expectativas, sentimentos e estratégias de lutas coletivas cujos significados e desdobramentos políticos tentamos tornar objeto de reflexão histórica. (BOSI, VARUSSA, 2011, p. 8)

O trabalho de Seibert me auxiliou com a triagem das fontes jornalísticas, registros sobre trabalhadores como Seu Chico e marcos objetivos sobre as mudanças de administração do frigorífico de abate de porco.

Depois do levantamento bibliográfico, decidi que seria necessário empreender mais esforço de investigação sobre os trabalhadores, sobre suas vidas em relação ao seu trabalho e trajetória de vida frente ao processo de integração econômica entre campo e cidade do Oeste do Paraná.

Homens e mulheres, tais como Seu Chico, viveram modo de trabalho comum na Vila Operária de um frigorífico de porcos em Marechal Cândido Rondon-PR durante as décadas de 70 e 80. A partir disso, tive que fazer um levantamento de fontes pudesse destacar meu problema de investigação. Reajustar hipóteses, revisar fontes e cálculos não foi exceção durante este trabalho. Assim, defini o meu objeto de pesquisa no espaço e no tempo.

Aos poucos, o cruzamento dos dados me ofereceu a possibilidade de reconstituir um cenário histórico cujas relações sociais, econômicas e políticas de Marechal Cândido Rondon-PR parecem típicas da região do Oeste do Paraná de 1970: a) instalação das fábricas e cooperativas agroindustriais; b) integração campo e cidade; c) migração de trabalhadores de todos os estados do país e d) delimitação dos espaços sociais da produção. Para tanto, precisei lançar mão do trabalho estatístico e jornalístico. Estas fontes jornalísticas revelaram pontos e posicionamentos importantes sobre o contexto histórico estudado.

Durante três meses frequentei os acervos da Rádio Difusora de Marechal Cândido Rondon-PR. A rádio parece ter coberto momentos significativos sobre a atividade industrial durante a década de 1970 e 1980. Fotografei aproximadamente mil reportagens dos cadernos de programação das matérias da Frente Ampla de Notícias – FAN da Rádio Difusora de Marechal Cândido Rondon-PR. Classifiquei as matérias em pastas eletrônicas para facilitar o manuseio destas fontes. Em algumas das matérias tive dificuldade em datá-las porque o caderno não apresentava com clareza o dia da reportagem. Solucionei o problema organizando os dias de investigação das fontes por meses do ano. Assim, quando voltava para casa no fim do dia, descarregava as fotos nas pastas do ano em que tinha coletado as fontes. Deste modo, descartei a possibilidade de misturá-las no meio da coleta.

Dentro destas pastas separei ainda os temas de investigação: 1) Sobre indústria; 2) Sobre políticas públicas; 3) Sobre a suinocultura e 4) Sobre conflitos sociais. Depois de pensar na organização do trabalho com as fontes jornalísticas, este foi o melhor método que encontrei. Adianto, porém, que não será possível, neste trabalho, realizar uma interpretação mais sistemática dessas fontes. Mesmo porque, este não é o objetivo e nem o objeto desta pesquisa. Elas somente são importantes para mim no diálogo problematizador com outras fontes, especialmente com as tabelas estatísticas e com as fontes orais.

As fontes jornalísticas revelaram atenção especial à constituição do frigorífico Frirondon em fins da década de 1960 e início de 1970. As notícias associavam a construção do frigorífico ao progresso regional, pois a fábrica seria responsável pela integração da produção do campo à iniciativa de agregar valor à produção animal e vegetal em Marechal Cândido Rondon-PR. Carlos Seibert, ao utilizar as matérias do Programa Frente Ampla de Notícias, chegou a constatação de que essas fontes indicam a articulação da classe dominante no processo de ampliação do capitalismo na região Oeste do Paraná. O autor explora a percepção de que a Rádio Difusora, em Marechal Cândido Rondon-PR, foi um veículo de comunicação que abordou e legitimou o desenvolvimento da atividade industrial a partir da articulação e interesses de uma classe dominante local. Segundo Seibert, a principal estratégia de convencimento da Rádio é que a “indústria” promove o “progresso” e que, deste ponto de vista, se constitui enquanto argumento que legitima a instalação das indústrias (SEIBERT, 2008, p. 26). Além disso, o meu trabalho com essas fontes puderam revelar que a instalação do frigorífico esteve fortemente ligado à integração econômica entre campo e cidade, na formação das cadeias produtivas, na transformação econômica da

região, na constituição de novas formas de viver e de trabalhar, bem como no movimento que articulou a migração de trabalhadores, como Seu Chico, para o Oeste do Paraná.

Quando comecei o levantamento estatístico, a partir de dados disponibilizados nos relatórios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, percebi que o deslocamento de trabalhadores para Marechal Cândido Rondon-PR não é um fenômeno tão recente (1990-2010), como pressupunha no início da pesquisa. Cerca de 400.000 trabalhadores migraram para a região Oeste Paranaense na década de 1970. Vieram trabalhadores do nordeste, sudeste, centro oeste, norte e outros estados do sul do Brasil além de regiões distantes do Paraná. Isto ficou mais claro quando organizei os dados.

Ao produzir as tabelas, notei que o número da população urbana municipal, entre os anos de 1970 e 1980, foi quase cinco vezes maior do que a redução da população rural. O que de certa forma, indicou também o modelo típico de industrialização nesta região do país, onde a manutenção dos colonos no campo, iminentes sojicultores ou suinocultores, foi primordial para que as fábricas estabelecessem relação direta com a produção animal e vegetal no campo (oferta de insumos, matrizes, ração e financiamentos). Essa relação também orientou o modo de viver e trabalhar. Onde trabalhadores migrantes trabalharam em ocupações ligadas nesse modelo, tanto no campo como na cidade.

Partindo disso, a indistinção entre campo e cidade, ligados em um único projeto econômico, forçou trabalhadores como seu Chico a trabalharem em pelo menos uma das três ocupações formadas nesta região a partir de 1970: boia-fria, saqueiro ou trabalhadores de indústrias. Foi quando comecei a perceber que o processo de integração entre campo e cidade não somente visou integrar as matérias primas às fábricas, como também definir espaços sociais para os trabalhadores. Integrando-os nos contornos das fábricas em ocupações no campo e na cidade. Bairros de Marechal Cândido Rondon-PR, tais como Higienópolis, Botafogo e a Vila Operária (atualmente bairro Jardim Marechal) foram formados por trabalhadores como Seu Chico, Tonhão, Antônio da banha, Alípio, João, Lino e D. Linda, Bigode, Guaíba e Helena. Trabalhadores que tive a oportunidade de entrevistar.

Quando iniciamos o trabalho com as fontes orais decidimos que precisaríamos construir um roteiro que abordassem pelo menos três pontos: a) trajetória de vida; b) trajetória de trabalho; c) Relações de trabalho no frigorífico. Foi quando eu percebi que para trabalhadores iguais Seu Chico, trajetória de vida e de trabalho são praticamente indissociáveis. Todas as referências destes trabalhadores estão intrinsecamente ligadas à

experiência que eles tiveram/tem com o trabalho. Lembrar a data de admissão no frigorífico como um “marco” não foi apenas um exercício de memória para eles.

Foi quando comecei a mapear a trajetória de vida associada ao trabalho. Este exercício revelou que os trabalhadores de frigoríficos de abate de porcos, embora não tivessem tido nenhum contato anteriormente, haviam passado por experiências comuns, na qual uma análise em suas trajetórias de vida foi o suficiente para revelar. Cada um deles amargou a saída do campo. Os trabalhadores encontraram na Vila Operária e no trabalho do frigorífico motivo para recomeçar suas vidas e reproduzirem hábitos e costumes de quando viviam e trabalhavam no campo. Em grande medida, a redefinição de valores, hábitos e costumes formaram a cultura desses trabalhadores em relação ao trabalho com o corte da carne do porco e os espaços ocupados por eles. Sobre isso, penso que a Vila operária do frigorífico, espaço ocupado por mais de 50 famílias de trabalhadores, é um lugar de relações sociais e de (re) definição de padrões culturais *da classe trabalhadora* antagônicos à plena dominação do capital.

Em recorte temporal que data de 1990-2010, Antônio Bosi em “A cultura da classe: a recusa do trabalho operário em frigorífico no Oeste do Paraná” identificou que uma jovem classe trabalhadora pobre é privada de relações sociais porque esses espaços são *para* a classe e não *da* classe trabalhadora. Para essa classe trabalhadora jovem, que ocupa postos de trabalho precários nas fábricas do Oeste do Paraná, esses espaços tendem a ser “frustrado porque o ‘sabor’ experimentado, por ser caro, é efêmero e não pode ser degustado com frequência”.

Entender este universo não é exatamente uma tarefa fácil. Numa escala arbitrária é possível mapear clubes, bares e boates como lugares marcados pela experiência da classe, embora haja algum tráfego de trabalhadores com renda inferior a dois salários mínimos, como Leandro, nos espaços mais caros, mantidos pelos filhos da burguesia e pequena burguesia [...] Geralmente as tentativas de trabalhadores pobres integrarem os lugares da burguesia são frustradas porque o ‘sabor’ experimentado, por ser caro, é efêmero e não pode ser degustado com frequência. Lugares como o Olímpico [clube de dança] tendem a se consolidar em espaços ocupados e mantidos majoritariamente por jovens trabalhadores, que ganham salário mínimo e que moram com os pais. Mas parece ser um espaço *para* a classe e menos um espaço *da* classe, constituído por trabalhadores. (BOSI, 2013, p.17-18)

No entanto, a experiência de trabalhadores, como Seu Chico, nos revelou relativa autonomia na constituição dos espaços de sociabilidade e de lazer. Além disso, as

organizações dos bailinhos, do futebol e do churrasco extrapolaram os domínios da administração capitalista do frigorífico.

A partir da experiência de trabalhadores como Chico, percebi que o terceiro ponto de análise das entrevistas “relações de trabalho no frigorífico” requeria uma ampliação, nas quais inseri mais dois pontos: a) a experiência dos trabalhadores na vila operária: espaços de sociabilidade e de lazer e b) consciência de classe dos trabalhadores. Pontos, estes, que articulam as relações sociais aos espaços construídos *pelos trabalhadores* na vila operária. Assim defini meu plano de redação.

No primeiro capítulo, abordo a trajetória de vida e de trabalho de trabalhadores como Seu Chico, Alípio, João, Antônio da banha, Lino e D. Linda, Bigode, Guaíba e Helena. Trabalhadores e trabalhadoras que tiveram suas vidas marcadas por novo aprendizado do trabalho. Todos eles foram trabalhadores do campo que tiveram abandoná-lo muito cedo.

A vida dos trabalhadores é marcada pela presença do outro em um espaço que foi definido para a classe trabalhadora nesta região. Entretanto, foi, sob muitos aspectos, redefinido pela relação comum neste espaço.

Para tais trabalhadores, as referências para interpretar o mundo que os cerca provém das experiências que tiveram no mundo do trabalho. Lidar com a disposição para o recomeço, a dureza do trabalho no campo, poucas possibilidades de trabalho na cidade, além da relação com a família e com os amigos no espaço em que vivem e trabalham; marcou a trajetória de vida de homens e mulheres que migraram para Marechal Cândido Rondon-PR.

Neste ponto, as observações de Edward Thompson nos auxiliam a caracterizar as experiências da classe trabalhadora no processo de constituição da atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR.

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno *histórico*. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas. (THOMPSON, 1987, p. 9)

As trajetórias de vida “aparentemente desconectadas” dos trabalhadores nos revelaram um conjunto de experiências ligadas ao mundo do trabalho. Avaliar o percurso

individual dos trabalhadores significou perceber que esse movimento foi experimentado por homens e mulheres nas quais as semelhanças têm muito mais a revelar do que as diferenças a esconder. As experiências comuns dos trabalhadores também formaram a consciência, que suponho ser sistematizada por um conjunto de valores, hábitos e costumes reconstituídos nos espaços de sociabilidade da Vila operária.

Além de reproduzirem costumes constituídos em suas trajetórias de vida, o trabalho com corte da carne do porco foi a possibilidade que eles encontraram para restabelecer laços familiares, garantir a sobrevivência: moradia, água, luz e estabilidade financeira. Ainda ressalto neste capítulo o processo de integração econômica entre campo e cidade para poder interpretar a trajetória de vida desses trabalhadores.

Com isso, pode-se dizer que a presença dos trabalhadores migrantes de frigorífico no Oeste do Paraná é formada por vidas que dialogaram entre si em um passado recente, cuja condição antes e durante o trabalho no frigorífico reúne experiências comuns reconstituindo-as e partilhando-as na vida e no trabalho industrial. É partindo da hipótese, de que as trajetórias individuais foram comunmente entrelaçadas nos espaços do cotidiano dos trabalhadores, que desenvolvi o capítulo sobre ocupações e relações de trabalho.

Partindo disso, apresento, no capítulo seguinte, uma interpretação sobre as relações de trabalho no frigorífico. Parto do pressuposto de que o espaço da produção também é lugar de conflito. A organização do trabalho no frigorífico dependeu da disposição, saberes e habilidades de trabalhadores que dominavam diversas ocupações dentro da fábrica. Por algum tempo essa relação de trabalho afastou o avanço de especialização das ocupações no frigorífico e fortaleceu os embates cotidianos dos trabalhadores com a gerência. A chefia precisou dialogar com as experiências de trabalhadores que trabalhavam de sol a sol, como no campo, na qual a alteração do ritmo da produção foi passível de estranhamento, bem como a redução das horas extras, o não pagamento da insalubridade e as eventuais trocas de ocupações em setores indesejáveis na produção, especialmente os setores “sujos”, periféricos à linha de produção e do abate.

Depois de avaliar tudo isto, percebi que para conservar as relações de trabalho e igualar forças com os chefes, os trabalhadores assumiram uma relação política a partir dos espaços de sociabilidade organizados pelos trabalhadores. O compadrio e a extensão familiar na vila operária selavam as relações de identidade de classe na vila operária, como revelou para mim Lena. Fazer parte um da vida do outro significou, também, construir

relações sociais que fortaleceu os trabalhadores enquanto classe que tendeu a defender seus interesses.

Para esses trabalhadores, mexer nas relações de trabalho significaria mexer no modo em que organizaram suas vidas. Depois da trágica experiência vivida no passado recente de cada um deles, e que inclusive os reuniu na vila operária, privar os costumes e padrões culturais foi uma tarefa difícil de ser concretizada.

No terceiro capítulo, trato sobre as relações de vida e de trabalho no espaço da vila operária do frigorífico. Parto da hipótese de que a cultura dos trabalhadores é formada por suas ações enquanto classe em relação à sociabilidade e ao universo do trabalho. A vila operária, para além de ser um lugar de construção da rotina do trabalho, também foi um espaço de relações sociais. Sobre esse assunto me apoiei nas considerações de Edward Thompson acerca da construção da cultura compartilhada entre homens e mulheres que experimentaram condições de vida e de trabalho comuns, nas quais as necessidades de existência consolidam sentidos, também comuns, sobre a realidade em que vivem e trabalham.

Há um sem número de contextos em que homens e mulheres, ao se confrontarem com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínseco ao seu modo de vida [...] Essa experiência adquire feições classistas, na vida social e na consciência, no consenso, na resistência e nas escolhas de homens e mulheres. (THOMPSON, 2001, p. 260-261)

Considerando o espaço da vila operária como um lugar da produção e como um espaço de relações sociais, me propus a realizar um trabalho que contemplasse a avaliação dos trabalhadores a partir da experiência no trabalho e fora dele.

Essa experiência esteve ligada a trajetória de vida e de trabalho de homens e mulheres, antes e durante o trabalho no frigorífico. Deste ponto de vista, a vila operária foi um lugar de transmissão de hábitos, de ressocialização e de redefinição de valores e costumes apreendidos no decorrer da vida e compartilhado no período em que trabalharam no frigorífico e no tempo em que viveram na vila operária.

Em minha opinião, esse movimento tem mais sustentação quando se investiga os espaços de sociabilidade intrínsecos ao modo de viver, trabalhar e resistir contra a exploração do trabalho. Trata-se, portanto, da percepção de que os trabalhadores se

constituem nas relações humanas. Suas ações, percepções e sentimentos estão articulados ao mundo do trabalho, às relações de poder e práticas culturais. Soma-se a isto, o diálogo entre o sujeito social e as referências construídas para interpretar o mundo que os cerca em relação ao contexto histórico vivido.

Partindo disso, a seqüência do texto irá abordar trajetórias de vida e de trabalho durante o período de desenvolvimento da atividade industrial e de migração de trabalhadores para o Oeste do Paraná. Considerando um movimento único e de conflitos entre classes, visei abordar os problemas encontrados a partir do ponto de vista e da experiência dos trabalhadores de frigorífico em Marechal Cândido Rondon-PR.

CAPÍTULO 1

Organização do trabalho e trajetórias de vida de trabalhadores de Frigoríficos (1970-1980)

Este capítulo tem por objetivo discutir a trajetória de vida e de trabalho dos trabalhadores que trabalharam no frigorífico em Marechal Cândido Rondon-PR durante os anos de 1970 e 1980. Trata-se de identificar as trajetórias de vida dos trabalhadores articulada às ocupações no mundo do trabalho. Paralelo a isto, estabeleço relação com o contexto histórico de transformação na organização do trabalho e da produção em Marechal Cândido Rondon-PR. Momento histórico que registra a incipiente articulação das cadeias produtivas no Oeste do Paraná.

Basicamente parti das seguintes perguntas: Como e quando esses trabalhadores chegaram a Marechal Cândido Rondon-PR? De onde eles vieram? Quais foram as suas experiências com o mundo do trabalho? Como se constituíram enquanto classe nessa região? Acredito que essas perguntas são importantes para discutir o modo de vida e de trabalho dos trabalhadores que chegaram em Marechal Cândido Rondon no período de instalação do frigorífico Frirondon.

Para responder essas perguntas realizei entrevistas com homens e mulheres que trabalharam no frigorífico de abate de porcos instalado na década de 1960, em Marechal Cândido Rondon-PR, Frirondon. A partir das entrevistas e do diário de campo pude conversar com esses trabalhadores e mapear suas trajetórias. Junto às entrevistas pesquisei, partindo das mesmas perguntas, as pautas de notícias elaboradas e divulgadas pela FAN (Frente Ampla de Notícias) durante as décadas de 1960 e 1970, cujo acervo encontra-se na Rádio Difusora de Marechal Cândido Rondon-PR.

1.1- A INSTALAÇÃO DO FRIGORÍFICO RONDON

Quando Marechal Cândido Rondon-PR ainda era distrito de Toledo-PR, por volta de 1960, a população do município chegou a ter aproximadamente dezessete mil habitantes. As pessoas residiam majoritariamente no campo. O município se dividida em seis distritos com um pequeno núcleo urbano na então sede municipal, vila General Rondon.

Tabela 1

População urbana e rural do Município de Marechal Cândido Rondon-PR – até 1960			
Município e distritos	Total	População Urbana	População Rural
Sede do Município (Toledo)	7.552	2.972	4.580
General Rondon	4.426	2.954	1.472
Novo Sarandi	3.243	—	3.243
Quatro Pontes	3.001	—	3.001
Margarida	2.895	—	2.895
Mercedes	1.509	—	1.509
Dez de maio	1.316	—	1.316
Porto Mendes	1.017	—	1.017
Total	24.959	5.926	19.033

FONTE: IBGE, 1960. <http://biblioteca.ibge.gov.br/> acesso em 05/02/2013

O perímetro urbano era o lugar onde se efetuava a venda de produções relacionadas ao excedente de plantações e criação de porcos.

Ainda em 1954, a venda do suíno no comércio local era prática dominante. O comércio local recebia o suíno em armazéns em troca de mercadorias. O sistema de troca era simples. O preço da carne do suíno vivo era tabelado de forma que o peso do porco fosse a moeda de troca pelas mercadorias no armazém. Muitas vezes a casa comercial do Sr. Alfredo Nied intermediou a troca. Junto à loja existia uma fabriqueta de sabão que aproveitava os suínos adoecidos ou mortos pelo transporte donde possivelmente sustente a origem do jargão camponês onde diz que do “porco não se perde nem o grito”. Nesta época, Sr. Alfredo Nied, muitas vezes intermediou a viagem dos porcos para frigoríficos na região de Ponta Grossa-PR (SEIBERT, 2006, p. 38).

Após 1954 a comercialização de suínos destacou-se no comércio local, pois recebiam o porco em troca de mercadorias vendidas no balcão. A Casa Comercial de Alfredo Nied, foi uma das primeiras firmas a comercializar os suínos. Esta casa comercial possuía uma fábrica de sabão para aproveitamento de suínos doentes, machucados ou mortos no transporte. (SAATKAM, 1984, pág.137)

O objetivo final do transporte era chegar até um dos grandes frigoríficos desta época, destaca-se o frigorífico da Companhia Wilson, localizado na região de Ponta Grossa-PR e a SADIA localizada em Toledo-PR. O percurso do porco até o frigorífico não era fácil. Servir de intermediador para os frigoríficos em Ponta Grossa-PR poderia representar alguns

prejuízos em vista. Morte dos porcos, perda de peso e estresse. Da moléstia do animal até percalços da viagem, como por exemplo, o gasto com a gasolina e o desgaste dos caminhões.

Referente a isso, na década de 1960, a industrialização da carne de porco animou um grupo de comerciantes locais que tinham como objetivo manufaturar a criação de suíno local. Pareceu ser um segmento econômico promissor. Concentrar e agregar valor a produção do campo em espaço definido para a atividade frigorífica e, ao mesmo tempo, organizar a criação do suíno no campo em relação ao abate do frigorífico promoveu uma aproximação direta de fábricas às produções do campo.

Com o desenvolvimento da agricultura e paralelamente o da suinocultura, iniciava-se a expansão industrial aproveitando as matérias primas destas atividades. Em 1963 um grupo de rondonenses funda o Frigorífico Marechal Cândido Rondon S/A indústria e Comércio. (SAAKAMP, 1984, pág. 156)

A presença da atividade industrial, registrada por Venilda Saakamp, foi organizada por capital local. Ao estudar a instalação do FRIRONDON, Carlos Seibert apontou que a classe dirigente temia a concorrência do capital nacional, por isso, a articulação entre colonos e comerciantes locais originou um grupo que visava beneficiar e agregar valor à carne do porco. Formou-se, então, um grupo de comerciantes em Marechal Cândido Rondon-PR para administrar o frigorífico durante a década de 1960. Articular os interesses dos colonos criadores de porcos e dos comerciantes de Marechal Cândido Rondon-PR possibilitou a aproximação dos dois segmentos em função da constituição da atividade industrial no município.

Inicialmente pelos comerciantes, Alfredo Nied, Afonso Diesel, Osvino Rodolfo Zart, Arnildo Dreier, Helmuth Koch, Carlos Kleemann e Nelson Aloísio Hack e alguns agricultores. Segundo Dorvalino Bombardelli, este grupo empresarial abriu um escritório próximo ao antigo terminal rodoviário de Marechal Cândido Rondon com a finalidade de captar recursos financeiros através da venda aberta de ações do frigorífico aos interessados. (SEIBERT, 2008; pág. 37)

Sobre isso, é importante registrar que o modo de vida e trabalho dos colonos parece ter mudado. Neste mesmo período muitos trabalhadores do pequeno núcleo urbano sofreram pressões que indicam transformações no perfil de orientar as produções provenientes do

campo. A relação de trabalho predominantemente autônomo com relação a criação de porcos, galinhas e a própria pescaria foram sendo substituídos por relações de trabalho baseado em modelo fabril. Formavam-se as cadeias de produção que ligou o campo à cidade em atividade integrada. Nota-se que nesse processo é instalado o FRIRONDON em 1963 e ampliado em 1969 para abater uma numerosa produção suína da região.

Ao invés de transportar a criação do porco até o frigorífico da Wilson localizado na região de Ponta Grossa-PR, industrializar a carne do suíno em Marechal Cândido Rondon-PR, visava garantir a expansão dos lucros dos criadores e acionistas do frigorífico.

Juntamente com a agricultura, a criação de porcos durante as décadas de 50 e 60, alicerçou uma das principais atividades econômicas de Marechal Cândido Rondon-PR. Os suínos eram criados soltos ou confinados em chiqueiros fora de padrões e técnicas industriais. Pode-se inferir que esta relação de trabalho tenha permanecido por toda a década de 1950 e início de 1960. As técnicas com relação à produção integrada foram aos poucos sendo absorvida.

Na década de 1960, o trabalho como subsistência foi predominante em Marechal Cândido Rondon-PR. Trabalhadores de diversas regiões do Brasil se alocaram nesta cidade. Sr. Hermann Heinrich* foi um deles. Migrou do Rio Grande do Sul em 1953. Mesmo sendo um migrante de 1950 (oficialmente chamado de “pioneiro”) ele apontou o estranhamento na chegada de outros trabalhadores migrantes de estados do sudeste e nordeste, por volta dos anos de 1960, quando desapontado afirmou que “não existe mais amizades por causa da chegada de pessoas de outras línguas. Criou distâncias.”⁹ Disse ele. Uma coisa Sr. Hermann tem razão: de várias partes do Brasil vieram trabalhadores que ocuparam a região do Oeste Paranaense. As relações sociais, em menos de uma década, haviam se transformado significativamente.

A gente falava e cantava praticamente só alemão. Todas as noites se juntava quase toda a gente de Rondon para conversar, e para cantar. Era divertido mesmo. Quem gostava de tradição alemã, como a de cantar, estranha muito hoje, porque não existem mais amizades por causa da chegada de pessoas de outras línguas. Criou distâncias. Não se sentia quase nenhuma dificuldade, enfrentava-se o mato. De noite cantava-se junto e no

* Utilizei pseudônimo.

⁹ Quando Sr. Hermann fala de “pessoas de outras línguas” ele se refere outras línguas que não falassem o alemão. SAATKAMP, Venilda. Desafios, lutas e conquistas: história de Marechal Cândido Rondon-Pr. Cascavel. ASSOESTE, 1984, pág; 52 e 53.

outro dia trabalhava-se não sentindo cansaço, pois a gente se sentia à vontade. (SAATKAMP, 1984, pág. 53)

Seu modo de vida e de trabalhar, expresso nas recorrentes visitas aos vizinhos, nas cantorias, na relativa autonomia com o trabalho, foi pressionado em função da reorganização do trabalho na região. Sr. Hermann interpretou, do seu modo, os reflexos da reprodução do capital no Oeste Paranaense e conseqüentemente na transformação da organização e exploração do trabalho. São duas faces do mesmo projeto que impulsionou a transformação dos modos de viver e trabalhar a partir de 1970. Sr. Hermann identificou as perdas, especialmente com relação a sociabilidade e a relação que ele um dia tivera com trabalho. Ele também atribuiu um peso grande a migração de “pessoas de outras línguas” para a cidade, em sua maioria, trabalhadores de diversas regiões do Brasil.

A implantação do frigorífico FRIRONDON nos anos 1960 e a constituição de cooperativas industriais a partir de 1970 modificou relações anteriormente construídas. O “Criou distâncias” interpretado por Sr. Hermann como perda de práticas sociais, pode ser entendido como evidência de um processo ascendente de divisão de classes sustentadas pela ampliação do capital industrial na região do Oeste Paranaense. O que foi identificado por Sr. Hermann coincide com a migração de trabalhadores para Marechal Cândido Rondon-PR. A população em Marechal Cândido Rondon-PR de 1960 até 1970 aumentou significativamente. O confronto de gerações de migrantes coincidiu com o desenvolvimento da atividade industrial. Compôs esse quadro, trabalhadores do Estado de Pernambuco, Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, Mato grosso e, majoritariamente, trabalhadores de Santa Catarina e Rio Grande do Sul como, por exemplo, Antônio da banha.

Antônio da banha viveu no Rio Grande do Sul até os dezesseis anos. Foi quando em 1969 migrou para o Paraná para trabalhar com madeira em uma serraria em Vera Cruz do Oeste-PR. Trabalhou duro. Na lida com a madeira, na pavimentação asfáltica, em plantação de bananas, em fazendas, até que em 1974 entrou para trabalhar no frigorífico de abate de suínos da FRIRONDON. Possivelmente, Antônio da Banha faça parte do quadro estatístico da população que migrou para Marechal Cândido Rondon-PR durante a década de 1960.

Tabela 2

População Total, por sexo e Estado de Origem do Município de Marechal Cândido Rondon-PR – até 1970

Estado	Homens	Mulheres	Total	%
Pernambuco	28	25	53	0,12
Bahia	66	45	111	0,26
Minas Gerais	282	205	487	1,13
São Paulo	139	142	281	0,65
Paraná	6.576	6.220	12.796	29,60
Espírito Santo	44	46	90	0,21
Santa Catarina	4.787	4.429	9.216	21,32
Mato Grosso	22	14	36	0,08
Rio Grande do Sul	10.516	9.586	20.102	46,51
Outros	33	20	53	0,12

FONTE: IBGE, 1970. <http://biblioteca.ibge.gov.br/> acesso em 05/02/2013

Segundo a tabela 2, até 1970, 22.493 pessoas migraram para Marechal Cândido Rondon-PR. Significativo aumento, quando avaliamos que até a década de 1960, quando a Vila Marechal Rondon, somada a Toledo (sede do município) e os outros seis distritos registravam juntos 24.959 habitantes.¹⁰ Reconhece-se a partir de então, um significativo movimento migratório que sucedeu a migração de colonos durante a década de 1950.

A tabela 3 aponta, extraída do censo demográfico de 1970 aponta as principais atividades que envolveram o confronto de migrantes colonizadores, tais como Seu Hermann dos migrantes que trabalharam para os colonos e nas atividades industriais. Reconhecendo essa divisão, destacam-se dois principais segmentos econômicos. A atividade que envolveu o trabalho com a agricultura, extração de madeira, criação de animais e pesca e a incipiente

¹⁰ O censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE em 1970 (referente a década de 1960) apontou que o município de Marechal Cândido Rondon-PR (somando os distritos) registrou o total de 43.776 habitantes, o que indica um aumento populacional de 18.817 pessoas, em relação ao censo realizado em 1960 (referente a década de 1950, somando a Vila General Rondon, Toledo e os distritos). Tais números apontam, que, em uma década, houve um aumento populacional de 75, 4%. Na década de 1970, o Censo demográfico realizado em 1980 pelo IBGE, aponta para 53.593 habitantes, o que corresponde um aumento populacional de 9.817 pessoas em Marechal Cândido Rondon-PR. Tal cifra, indica um aumento populacional relativo a 22,42 % quando observamos o aumento populacional que compreendem década de 1970 em comparação a década de 1950, há um aumento populacional de 28.634, o que corresponde uma evolução de 115%. Ainda que desconsideremos as taxas de natalidade e mortalidade durante o período analisado, os números ainda sustentam a hipótese de que houve um significativo movimento migratório que compreende a década de 1960, haja vista que esse movimento continua em crescimento na década 1970.

atividade industrial. Para elucidar melhor isso, a tabela 3 indica a relação dos trabalhadores economicamente ativos no município de Marechal Cândido Rondon-PR registrados no censo demográfico de 1970. Destaca-se a predominância de ocupações relacionadas ao trabalho no campo.

Tabela 3

Relação dos trabalhadores economicamente ativos e as principais ocupações em Marechal Cândido Rondon-PR até 1970			
Principais ocupações	Trabalhadores		
	Homens	Mulheres	TOTAL
Agricultura, Silvicultura, Pecuária, Caça e Pesca	10.601	3.194	13.795
Atividades Industriais	1039	39	1.078
Comércio e Mercadorias	435	120	555
Prestação de Serviços	315	457	772
Transporte e Armazenagem	240	8	248
Atividades Sociais	154	178	332
Administração Pública	76	8	84
Outras Atividades	164	70	234
TOTAL	13.024	4074	17.098

FONTE: IBGE, 1970 <http://biblioteca.ibge.gov.br/> acesso em 05/02/2013

O trabalho no campo, o exercício da agricultura, extração de madeira, a criação de rebanhos e a pesca fizeram majoritariamente parte do universo social do trabalho em Marechal Cândido Rondon-PR durante a década de 1960.

Deste ponto de vista, distinguiram-se, evidentemente, aqueles que tiveram condições de comprar terras daqueles que trabalharam para os proprietários colonizadores. Antônio da banha¹¹ foi um dos inúmeros trabalhadores assalariados neste contexto.

A trajetória de trabalho de Antônio pode ser definida pela instabilidade. As poucas alternativas no Rio Grande do Sul o fizeram migrar e tentar a sorte no Oeste do Paraná. Até começar a trabalhar no Frigorífico FRIRONDON no começo da década de 1970 trabalhou em várias ocupações. Foi empurrado para ocupações com as quais nunca havia trabalhado.

¹¹ Antônio da banha, 65 anos, operário. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Marcos da Silva de Oliveira no dia 05 de abril de 2011.

Embora fosse um trabalhador jovem, sua trajetória de vida indica a insegurança do trabalhador no início de 1970 em Marechal Cândido Rondon-PR.

Quando Antônio da banha migrou para o Oeste do Paraná em 1969, o universo das relações de trabalho parece ter se modificado. Sublinha-se aqui o contexto histórico que entrecruza o processo de constituição da atividade industrial nessa região. A experiência de Antônio da banha no mundo do trabalho qualifica esse diagnóstico.

Antônio da banha nasceu no Rio Grande do Sul, mas o status de colonizador ou pioneiro não fez parte de sua trajetória de vida, assim como outros trabalhadores, que compuseram o quadro da população de Marechal Cândido Rondon-PR durante a década de 1970 e 1980. Trabalhadores como Antônio da banha fixaram residência em cidades do Oeste do Paraná. Muitos trabalharam em lavouras como agregados ou bóias frias, saqueiros ou trabalhadores de frigoríficos. Outros tantos, como Antônio da banha, experimentaram todas essas ocupações. Ele se firmou como trabalhador de frigorífico, em um tempo em que se articulou a integração campo e cidade para beneficiar a carne do porco, além de outras atividades industriais ligadas às produções do campo, tais como fábricas de ração.

A experiência de Antônio da banha em relação às condições de trabalho foi delineada em momento histórico de incipiente integração entre campo e cidade. Sobre tal característica, aponta-se para a dependência das fábricas em relação à matéria prima provinda do campo. Sobre isso, observa-se que a produção do frigorífico oscilou conforme variou a produção da matéria prima. Venilda Saatkanp salienta que:

Até o ano de 1969 Marechal Cândido Rondon continuou com o destaque na suinocultura, o seu auge de criação, e merecendo o título de “Município da maior criação do Estado do Paraná” com um total de 450.000 cabeças ao ano de 1968 e 490.000 em 1969. A produção era escoada por vias ferroviárias aos centros de abate dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A partir de 1969 a suinocultura começou a ser praticada em menor escala, devido à expansão da monocultura da soja e trigo que proporcionavam maiores lucros, deixaram de criar suínos, diminuindo gradativamente o rebanho no município. No ano de 1976 havia 4.975 produtores de suínos com um rebanho de 185.636 cabeças, caracterizando uma diminuição de produtores e um aumento de suínos. (SAATKAMP, 1984, pág.138)

Paradoxalmente, quanto mais se planejou a integração do campo e cidade em uma cadeia produtiva da carne suína, tanto menos foi criado suíno. Do ponto de vista produtivo, houve um decréscimo quantitativo nos anos de 1970.

Em 1973 foi criado cerca de 179.000 cabeças de porcos durante o ano, número muito inferior às 490.000 cabeças produzidas no ano de 1969. Em 1978 a suinocultura atingiu seu pior número em duas décadas, cerca de 118.400 cabeças ao ano. Pode-se afirmar que com a redução das criações de porco, da pecuária de subsistência, da própria industrialização e possivelmente da exportação dos produtos para outras regiões, o consumo da carne do porco tenha diminuído, por algum tempo, da composição dietética do trabalhador assalariado de 1970. Criações domésticas de porcos passaram a ser o recurso para garantir o complemento alimentar.

Sr. Klaus Shimtd também participou desse processo.

Comparando a década de 1960 com o início do ano de 1980, verificamos que a primeira foi muito melhor. Os colonos naquela época, começaram a fazer casas para os porcos (pocilgas) e comprar carros para o transporte. Havia a procura do porco e tinha preço. Hoje o que se produz não tem preço que compense o trabalho e a mão de obra cara [...] Os suínos são tratados com rações, pasto verde e mandioca, plantados na fazenda. A SADIA e a própria ACARPA, eram contra a utilização da mandioca para o trato dos porcos. (SAATKAMP, 1984, pág.138)

Sr. Klaus Shimtd chegou em Marechal Cândido Rondon-PR em 1956. Foi um dos consagrados pela historiografia que privilegia o ponto de vista dominante. Considerado um dos pioneiros do processo de colonização, Sr. Klaus Shimtd faz um balanço negativo sobre a criação de suínos comparando a década de 1960 com a década de 1980¹². Disse ele, que durante a década de 1960, os trabalhadores do campo fabricaram pocilgas e carros de boi para facilitar a criação dos suínos. Nessa época, segundo ele, havia a procura pelo porco. Insatisfeito com os rumos da suinocultura, Sr. Klaus declarou que durante a década de 1980, o que se produziu não compensou o trabalho e a mão de obra cara. Sr. Klaus não foi nenhum trabalhador assalariado. Comprou terras na década de 1950. Migrou para Marechal Cândido Rondon-PR motivado pelo convite de seu irmão, tal de Albert Shimtd*. Albert foi, durante a década de 1970, presidente da Cooperativa Agroindustrial COPAGRIL¹³. Nesse sentido, o relato de Sr. Klaus expõe o ponto de vista da classe dirigente. No relato, Sr. Klaus parece pouco animado com os caminhos trilhados pela criação de suínos durante a década de 1970.

¹² *Idem*, pág: 138.

* Albert Shimtd também foi Diretor Geral de redação da própria Rádio Difusora durante a década de 1970.

¹³ “Assembleia Geral de Prestação de Contas da Copagril (Cooperativa Agroindustrial) foi realizada” (FAN 29-03-1972)

O desenvolvimento de técnicas de produção no campo acentuou desigualdades ao limitar a prática da pecuária de subsistência, na medida em que também promoveu reformas sanitárias amarradas às políticas higiênicas da cidade em função da produção da mercadoria no frigorífico.

A prefeitura vem alertando os senhores moradores da sede municipal e distrital tais que durante este mês estarão procedendo o recolhimento de suínos que serão apreendidos, de acordo com determinações de código de postura do município. O código de posturas estabelece em seu artigo 45 que, os suínos encontrados em perímetro urbano da Sede Municipal e Distritais serão apreendidos e ainda será aplicada multa aos infratores, no caso, as pessoas que ainda insistem em criar porcos no quintal de suas casas, dentro de perímetro urbano. A medida é acertada pois, desde muito tempo a municipalidade já vinha se preocupando com esse aspecto, e que muito ajudou no desaparecimento de moscas, o inseto transmissor de uma infinidade de doenças. É natural que todos compreendam o que especifica o trecho da lei, compreendendo também o trabalho do pessoal da prefeitura. (FAN, 09-08-1973)

Para a grande maioria da classe trabalhadora, deixar a prática da criação animal de subsistência não foi uma opção. Privar uma prática social do trabalho que evidentemente conduzia uma vida norteada por relações de trabalho no campo pareceu ser fundamental para forçar novas relações de trabalho no núcleo urbano.

Ainda que esse quadro fosse passível de registro e preocupação de Sr. Klaus, as orientações eram as de estabelecer relações diretas com a produção do campo de modo a integrá-las a algum tipo de beneficiamento realizado na cidade com força de trabalho ali residente. Sobre isso, um trecho do relatório anual do IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social de 1982, elucida a situação da industrialização, especialmente a de frigoríficos e abatedouros no Paraná.

Na medida em que avança o processo de industrialização, o setor agrícola tende progressivamente a estreitar suas relações com a indústria. Isto é explicado por dois fatores: em primeiro lugar porque os produtores agrícolas são cada vez mais industrializados antes de atingir o consumidor e, em segundo lugar, porque a agricultura consome um número cada vez maior de insumos e máquinas produzidos pela indústria. Por outro lado, o comércio vai também perdendo a importância frente à indústria, que passa a estabelecer suas relações mais diretamente com os produtores rurais, ou vendendo sua produção através de representantes, ou comprando a produção agrícola diretamente dos produtores [...] A indústria quando passa a comprar diretamente a produção agrícola também impulsiona a sua modernização, pois a exigência quanto à padronização do produto

implicará na introdução de novas técnicas de produção. Assim, abatedouros e frigoríficos, por exemplo, passam a oferecer produtos: rações, matrizes, etc. A agroindústria poderá também integrar-se horizontalmente, formando complexos, como, por exemplo, a produção de rações integradas com o abate de animais. Nestes complexos a agricultura passa a representar simples elo de uma corrente mais ampla, sendo seu ritmo o processo de produção comandados pelo elo industrial da cadeia. (IPARDES, 1982, p.16)

Ao que tudo indica a instalação do FRIRONDON durante os anos de 1960, foi organizado por setores da classe dominante para industrializar e agregar valor à vasta criação suína na região. Implantar medidas sanitárias e orientar a produção do campo parece ter sido desdobramento do processo de integração econômica entre campo e cidade.

No começo da década de 1970, a estimativa de produção variou entre quinhentos a setecentos animais ao dia, embora a capacidade máxima do frigorífico chegasse a mil cabeças por dia. No dia 26 de junho de 1969, uma reportagem da Frente Ampla de Notícias (FAN) indicou a capacidade da produção do frigorífico.

A informação nos foi prestada na manhã de hoje pelo senhor Jacó Bressianini, encarregado da parte industrial desta grande casa de carnes. A inauguração oficial e o início do funcionamento desta indústria está marcada para dentro de breves dias, ocasião que teremos imenso prazer anunciar a abertura desta indústria que une-se à base de progresso de nossa região. A capacidade de matança e acomodação para suínos abatidos será de seiscentos cabeças diárias, mas, as máquinas tem capacidade de produção para mais de 1.000 cabeças. Esta indústria, faz com que nos sintamos bem à vontade.(FAN, 26/06/1969)

É certo que o processo de acumulação do frigorífico dependia da competição da produção animal com frigoríficos como os da FRIMESA em Medianeira-PR e o da SADIA em Toledo-PR. Uma das formas encontradas pela classe dominante foi realizar política de integração industrial à produção vegetal e animal. Além da proibição de criação de porcos nos núcleos urbanos¹⁴, a década de 1970 também registrou várias indicações de manejo para os produtores de porcos, conforme indica reportagem da Frente Ampla de Notícias.

No comentário de hoje voltaremos ao assunto da alimentação correta dos suínos: os criadores de suínos sabem que os alimentos representam 75 a 80% do custo da produção dos suínos. Todavia, tem que atentar em que tal alimentação difere, sob vários aspectos, da de outras espécies de animais

¹⁴ Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon-Pr. Edital nº 10/71. Data: 22/09/1971

domésticos. A natureza do aparelho digestivo do porco determina uma arraçoamento de concentrados, caracterizado por baixo consumo de fibras, exceto quando regime de pastagens. Desde que corretamente alimentado, consegue ele ganhos mais rápidos, em relação ao seu peso vivo, do que outros animais, alcançando o frigorífico em tempo relativamente curto. (FAN, 03-05-1971)

Provavelmente as indicações de manejo e a pressão por enquadrar a produção dentro da técnica tenha progressivamente diminuído a produção animal durante os anos de 1970. Mais do que acelerar o crescimento dos porcos para o abate, as indicações de manejo parecem ter reorganizado a forma de criar e engordar os porcos. Padronizar a criação alimentou a dependência do campo às fábricas. Os financiamentos e o saber da produção dentro da técnica subordinaram o campo à cidade, na medida em que também reduziu a produção de matéria prima para a produção frigorífica.

Além disso, a competição com a produção da soja, também tendeu a pressionar para baixo a criação de porcos. Tudo indica que esse movimento tenha ocorrido em um momento histórico de definição da produção agroindustrial em Marechal Cândido Rondon-Pr. No campo a produção da soja e do suíno; na cidade o beneficiamento da soja e da carne do porco nas fábricas e nos frigoríficos. Em 1972, uma reportagem da Frente Ampla de Notícia endossa essa percepção, já que os financiamentos indicam o enquadramento dos espaços no campo ao regular a matéria prima para as fábricas e frigoríficos.

O que temos notado entre nossos suinocultores nos últimos tempos é que os mesmo estão incertos quanto a necessidade de aumentar ou ampliar as suas criações dentro da técnica. Por outro lado verificaremos que muitos dos suinocultores recorreram a financiamentos nos anos anteriores e nestes planos técnicos de financiamento está prevista a continuidade na criação de suínos, com melhor rendimento e com maior número, para que assim tenham condições de pagar suas parcelas de financiamentos segundo o plano técnico. Por outro lado verificamos que está havendo incremento na agricultura, com maior área de plantio e conseqüentemente diminuição na criação dos suínos, isto poderá trazer problemas no pagamento destes financiamentos para a suinocultura, pois queremos lembrar que as destocas e as lavouras mecanizadas, também são alvo de novos financiamentos, e estes novos financiamentos tomarão todos recursos da lavoura e portanto o criador não terá condições de pagar suas parcelas se não continuar com a criação de suínos, conforme previsto no plano técnico do financiamento que o mesmo efetuou. (FAN, 23-02-1972)

Ao que parece os colonos sentiram-se pressionados a se enquadrar enquanto suinocultores ou sojicultores. Alguns, com lotes maiores de terra, desenvolveram as duas

atividades. De qualquer modo, é certo que o processo de padronização da produção reorientou o modo de trabalhar no campo. É possível inferir, inclusive, que o processo de proletarização dos colonos em Marechal Cândido Rondon-Pr tenha aí a sua origem. Por outro lado, o que nos interessa, por hora, é destacar que as relações de trabalho no frigorífico foram constituídas em processo de: a) definição e especialização da produção no campo, b) instalação de fábricas e cooperativas agroindustriais e c) constituição das cadeias produtivas envolvendo a criação de animais (como a carne do porco); tudo isso em meio ao processo de migração de trabalhadores para o Oeste do Paraná. É sobre a trajetória de vida e de trabalho, sentidos, impressões e sentimentos dos trabalhadores entrevistados, na expectativa de identificar o que há de comum em suas experiências, é que me debruço no próximo subitem.

1.2- TRAJETÓRIAS DE VIDA E DE TRABALHO

Vários trabalhadores migraram para trabalhar em Marechal Cândido Rondon-Pr durante os anos de 1970-1980. Este contexto histórico marcou a migração de trabalhadores como Antônio da banha, João, Guaíba, Alípio, Lino e Dona Linda, Bigode, Lena, Chico, Tonhão e Fátima para o Extremo Oeste Paranaense.

De toda parte vinha gente! Porque aqui é um lugar que tem acho do Brasil inteiro tem gente que mora aqui! Então tinha gente do Rio, de Bahia, de Minas, do Rio Grande a maioria é povo que veio do Rio Grande [do sul], que habitou esse Paraná aí foi o povo do Rio Grande [do sul], né...? Porque saía do Rio Grande [do Sul] de mudança e vinha aqui para o Paraná! Pra essa região, então a maioria é descendente de gaúcho, mas tinha muitas... de toda a região tinha gente, vinha gente de longe de repente, cara com experiência né?¹⁵

Antônio da banha¹⁶ foi um destes trabalhadores. Nasceu em Taquararé-RS. Sem escolaridade, trabalhou muito tempo na roça. Aprendeu a trabalhar cedo. Na lida com o arado e com os bois, Antônio da banha ajudou seu pai de criação desde os oito anos de idade. O pai verdadeiro não conheceu. Plantavam milho, soja, arroz, feijão e trigo em uma pequena propriedade de seu padraço. Para garantir uma remuneração extra, Antônio da banha trabalhava de diarista em propriedades das redondezas. Com dezesseis anos deixou o

¹⁵ Chico, 60 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira no dia 03 de Fevereiro de 2010.

¹⁶ Antônio da banha, 65 anos, operário. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Marcos da Silva de Oliveira no dia 05 de abril de 2011.

lar paterno para trabalhar em uma das fazendas em Vera Cruz do Oeste-PR. Nesta cidade, Antônio trabalhou cerca de oito meses em plantação de bananal. As coisas não foram muito fáceis para trabalhadores iguais a ele.

Em 1969, mudou-se para Matelândia-PR. Durante este tempo, retirou o necessário para a sobrevivência. Em Cascavel-PR e Santa Tereza-PR trabalhou em companhia asfáltica. Antônio da banha dividia o seu tempo entre o trabalho nas estradas e uma pequena plantação em terra que conseguiu arrendar nas proximidades da companhia de pavimentação. Nada conseguiu. Desde os tempos em que trabalhou de diarista em terras no Rio Grande do Sul-PR, o sonho de Antônio da banha foi de fixar em alguma “terrinha, mas é que não tinha condições de você comprar um pedaço de terra. Não tinha de onde você tirar. Você já não tinha nada, ganhava um pouquinho mesmo, e, também não dava.” Tentar a sorte no Extremo Oeste Paranaense parece ter afastado ainda mais a possibilidade de conseguir seu pedaço de terra. Dos sonhos e da vida de trabalhador no Rio Grande do sul, restou-lhe somente disposição e a energia para ganhar a vida.

A solução encontrada por Antônio foi retornar à Vera Cruz do Oeste-PR. Lá trabalhou em Serraria. Trabalho pesado. Transformar troncos de árvores em taboas esgotava-lhe as energias. Ganhou muito pouco durante o tempo em que trabalhou. O suficiente para sobreviver. Logo se deslocou para Toledo-PR, lá ele foi “comer o pão que o coisa amassou. As crianças. Sabe que quando a gente tem as crianças a gente quer dar o conforto, quer trabalhar... E ali foi quando eu sofri bastante.” Possivelmente Antonio da banha tenha ficado desempregado em Toledo-PR. Com crianças pequenas para cuidar, procurou alternativas à situação encontrada naquela cidade. Para Antônio da banha, tentar a sorte em Marechal Cândido Rondon-PR parece ter sido mais uma imposição social do que uma escolha.

Depois de rodar por várias ocupações, Antônio da banha migrou para Marechal Cândido Rondon-PR. Logo conseguiu trabalho no frigorífico: “Dia vinte de agosto de setenta e quatro entrei no frigorífico. Nunca me esqueço do dia vinte de agosto de setenta e quatro!” Parece ser uma data importante para ele. Depois de passar maus momentos em Toledo-PR, garantir emprego, moradia, água, luz e carne barata para a família aliviou a pressão exercida sobre trabalhadores como ele. Antônio da banha viveu no Rio Grande do Sul até os dezesseis anos. Possivelmente, ele faça parte do quadro estatístico da população que migrou para Marechal Cândido Rondon-PR durante a década de 1960.

Uma colcha de retalhos parece definir o universo de relações sociais construídas por trabalhadores como Antonio da banha até 1970. Guaíba foi um deles.

Guaíba¹⁷ nasceu em Santa Catarina, numa pequena cidade chamada Xavantina-SC, então distrito de Seara-SC. Lá trabalhou na roça até os dezoito anos de idade. Quando seu pai faleceu, seus irmãos deixaram o campo. Guaíba foi o filho mais novo de uma família muito grande. Depois que a família foi se desintegrando, ele foi pressionado a trabalhar na cidade. Em meados da década de 1960, começou a trabalhar no frigorífico da Seara, em Santa Catarina, significou para ele, buscar uma alternativa à vida difícil do campo. Lá, Guaíba trabalhou durante alguns anos e aprendeu o trabalho com a faca. Esta ocupação lhe custou alguns cortes, mas lhe rendeu a habilidade necessária para o reconhecimento no trabalho.

Depois de vender as terras em Santa Catarina, Guaíba migrou para o Oeste Paranaense, já na década de 1970. No Paraná, Guaíba trabalhou no frigorífico em Medianeira-PR. Em Santa Catarina, havia trabalhadores conhecidos, que para esta parte do Brasil se deslocaram para trabalhar nos frigoríficos locais. O deslocamento de Guaíba para Medianeira-PR foi resultado dos contatos com outros trabalhadores. De Medianeira para Marechal Cândido Rondon-PR também. Guaíba trabalhou uns anos no Frigorífico Rondon. Com a reforma do Frigorífico Rondon em meados da década de 1970, muitos dos trabalhadores se arranjaram com o trabalho assalariado no campo. Guaíba tentou a sorte em dois frigoríficos de abate de porco. Um deles na região de Palmas-PR, o outro no frigorífico da Sadia-PR em Toledo-PR.

Em fins da década de 1970, quando a Swift-Armour comprou as instalações do antigo Frigorífico Rondon, “o cara me buscou de lá, me trouxe aqui pra eu trabalhar na Swift”. Guaíba foi procurado novamente para retornar a Marechal Cândido Rondon-PR. Aproveitar do conhecimento de trabalhadores como Guaíba, foi vantajoso para os frigoríficos que iniciavam suas atividades nesta região. “Ah, os cara buscava. Que nem o chefe que era daqui, era conhecido lá da Seara. Nós trabalhava junto”. Guaíba ensinou muita gente na lida com a faca.

Tem gente que não ensina. Tem gente que não ensina porque tem medo de perder o serviço. “Há eu vou ensinar ele depois ele me toma...” eu não! Eu

¹⁷ Guaíba, 66 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 07 de Maio de 2013.

sempre ensinei. Às vezes eu falava “não, não faz assim, faz assim, assim e assim.” Afiar faca também eu sou profissional. Porco, boi, pode vir o que vier. Imagina, quarenta anos! Até hoje não perdi a habilidade ainda.¹⁸

Do preparo da afiação da faca até o contato do instrumento com a carne, desdobravam-se os cortes precisos. Guaíba dominou os procedimentos necessários da produção. Da matança, passando pelos cortes e congelamento, até a embalagem e o carregamento dos produtos. Guaíba acredita que o saber das etapas de produção também lhe conferiu um prestígio dentro da fábrica. As relações sociais que ele construiu durante o tempo que ele trabalhou confirmam isto. O trabalho no frigorífico aproximou experiências de trabalhadores com trajetórias de vida semelhantes às de Guaíba.

Alípio¹⁹ nasceu no campo de uma cidadezinha do Rio Grande do Sul, há cinquenta e seis quilômetros de Santana do Livramento-RS. No campo, ele trabalhou até os dezessete anos. Trabalhou na lida com ovelhas, bois e agricultura para subsistência. Aos poucos seus irmãos mais velhos, que compunham a força de trabalho do negócio no campo, foram saindo de casa. Cuidar do negócio com poucas mãos para o trabalho ficou insustentável para os que ainda restavam em casa.

Quando o avô de Alípio vendeu as terras em meados de 1975, havia poucas possibilidades de permanecer com o modo de vida no qual Alípio foi criado. Com a venda dos animais, seu pai conseguiu comprar uma pequena chácara perto de Santana do Livramento-RS. A destituição das práticas ligadas ao campo fez com que Alípio reorganizasse sua vida. A “terrinha” que seu pai comprou parece ter sido insuficiente para garantir a sobrevivência dos dois. Em 1976, Alípio começou a trabalhar no frigorífico da Swift Armour em Santana do Livramento-RS. Este frigorífico operou nesta cidade desde a década de 1940. Lá foi absorvido determinado conhecimento que Alípio havia apreendido no campo. Selecionar os animais para o abate, pesar e avaliar os lotes foram algumas tarefas que aproximou a condição operária do antigo modo de vida e de trabalho de Alípio.

Eu trabalhava, classificava gado, pesava gado. Sempre fui classificador. No caso, na época eu entrei lá. Precisava né? De um classificador de animais. E eu tinha nascido e me criado no interior e conhecia. Aí esse cara que era casado com a primeira irmã minha, o tal de R.V. Ele me chamou pra trabalhar na Swift. Até quem me chamou foi um primo do

¹⁸ *Idem*

¹⁹ Alípio, 53 anos, operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira no dia 28 de Outubro de 2012.

irmão meu, um tal de Marcelo. Mas daí, quando o R. soube que eu ia trabalhar na Swift, me falou pro Marcelo: ‘não. Eu quero o Alípio pra trabalhar no estoque’. O estoque era uma seção que existia. No estoque trabalhava 21 pessoas. Então controlava entrada e saídas, enfim, daí eu fui pra mangueira pro procedimento de gado, pra classificar. Aí classificava gado. Todo dia passava pra uma cadernetinha.²⁰

Alípio permaneceu em Santana do Livramento-RS até final da década de 1970, quando “veio então esse subgerente que era de lá veio pra cá porque a Swift comprou esse frigorífico e ele ligou pra lá me convidando pra vim pra cá”. Uma das estratégias dos subgerentes do frigorífico parece ter sido esta. Contratar trabalhadores, como Alípio, de outras regiões do Brasil com determinada experiência na lida com o trabalho frigorífico. Além do mais, para Alípio, vir para Marechal Cândido Rondon-PR lhe garantiu duas vantagens comparadas à realidade do Rio Grande do Sul. A primeira delas foi a remuneração, que triplicou na mudança de um frigorífico para o outro. A segunda foi se livrar da pressão que os trabalhadores de frigorífico sofriam com a superpopulação dos trabalhadores em Santana do Livramento-RS, especialmente os uruguaios. Garantir uma remuneração três vezes maior e livrar-se da iminência do desemprego parece ter aumentado o nível de estabilidade para trabalhadores como ele. Destaca-se também o intermédio de parentes na constituição da força de trabalho dos frigoríficos. Deste modo, a contratação de trabalhadores de frigoríficos, tais como em Marechal Cândido Rondon-PR, estabeleceu relações indiretas entre pessoas que já trabalhavam no frigorífico e seus parentes. Essa característica da constituição da força de trabalho de frigoríficos no Oeste do Paraná se articula com a especificidade do processo de industrialização nessa região. A manutenção de colonos no campo, pressionado pela integração econômica com às fábricas, é vital para a manutenção da organização do trabalho e a indistinção econômica entre campo e cidade.

Em Marechal Candido Rondon-PR, Alípio constituiu família e logo começou a trabalhar na lida com os porcos que chegavam às baias do frigorífico. Ali ele pesou, avaliou e selecionou muitos porcos para o abate. Foi nesta ocupação que Alípio conheceu João.

João²¹ foi um dos companheiros de Alípio na lida com os porcos no curral. Natural do Rio Grande do Sul, também de Santana do Livramento-RS, João aprendeu a trabalhar no curral, no abate, no corte e por fim, na sala de máquinas.

²⁰ *Idem.*

²¹ João, 56 anos, operário. Entrevista realizada por Rinaldo José Varussa em fevereiro de 2011.

Antes de vir para Marechal Cândido Rondon-PR, João trabalhou em várias ocupações no Rio Grande do Sul. Trabalhador assalariado, durante algum tempo ganhou a vida como calceteiro. Empedrou muitas estradas, ruas e praças em Santana do Livramento-RS. Lá ele trabalhou também de diarista em fazendas, construindo currais e cuidando dos animais. João levava uma vida instável.

Os empregos que João arranjava no Rio Grande do Sul eram sazonais. Hora trabalhava na cidade, hora no campo. Esta instabilidade parece requerer de trabalhadores iguais a ele uma capacidade de adaptação que é despótica. João fez de tudo. No entanto, sob condições que ele não pode escolher. Para trabalhadores como João, cujas relações de trabalho não foram uma escolha, orientar a vida na expectativa de assegurar condições de sobrevivência parecem ser o desafio. Quando seu cunhado foi visitá-lo no Rio Grande do Sul e o viu “trabalhando em más condições, ele resolveu vim aí falar com o seu R. Seu R. era o diretor da empresa da Swift. Ele disse ‘vai lá!’ e assim ele fez, mandaram o seu R. me trouxe eu vim, e daí eu comecei a trabalhar”. Fazia poucos anos que a Swift-Armour operava em Marechal Cândido Rondon-PR. A Swift Armour comprou as instalações do frigorífico antigo FRIRONDON que estava sendo administrado pelo grupo FRIMESA/RUARO em 1979 (SEIBERT, 2006, p. 73-87).

João resolveu se mudar para esta cidade em 1980. Estimulado por seu cunhado somado a falta de expectativas com a vida no Rio Grande do Sul, João veio parar em Marechal Cândido Rondon-PR. Diferente de Guaíba e Alípio, João parece não ter tido experiência com o trabalho frigorífico antes de mudar-se para o Oeste Paranaense.

“Foi meu primeiro trabalho de empregado”. A lembrança do tempo em que começou a trabalhar no frigorífico da Swift-Armour no ano de 1979 parece ainda muito viva na memória de Lino²². Ele nasceu no norte do Paraná. Filho de trabalhadores pobres saiu de casa cedo. Em Nova Aliança do Ivaí-PR, acompanhou a vida difícil de filho de arrendatário. No norte do Paraná, em Gaúcha do Norte-PR arrendou terras para o plantio do café, logo que saiu de casa. “Plantava café pro pessoal!” Ali trabalhou duro. Desmatou, preparou e cultivou a terra. Este trabalho lhe garantia dois anos de arrendo, o que significava garantir uma renda limitada por dois anos de colheita. Depois dos dois anos, “plantava pasto para o patrão!” e saía.

²² Lino, 60 anos, ex-operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

Lino deixou muitas vezes para trás a energia gasta e os afetos da lida com o campo. Toda vez que esteve pronto para se fixar, ele foi interrompido por um recomeço forçado. As terras não eram suas. A vida peregrina norteou a mobilidade de um trabalhador que sempre teve muito pouco para sobreviver. Os braços e a disposição para o recomeço foram durante algum tempo os meios para garantir a vida. A iminência do recomeço anunciada a cada plantação que começava, empurrou Lino para Guaporema-PR e Assis Chateaubriand-PR. “Tinha um fazendeiro que precisava de nós”. Despossuído de tudo, sua condição tornou-o também dependente do patrão.

Nesta cidade, Lino trabalhou no cultivo de hortelã, milho, soja e arroz. “Tudo nós plantava”. E em todos os lugares. Lino rodou praticamente todo o extremo oeste do Paraná. Deslocou-se de Assis Chateaubriand para Toledo-PR. Ali tirou o suficiente para o sustento. Nada mais. Em Medianeira-PR trabalhou em plantações de soja. O pouco que lhe restou das diárias, possibilitou-lhe o deslocamento para Santa Helena-PR. Lá ele conheceu os ensacadores da Copagril. Numa das pescarias no Rio Paraná, Lino conheceu os saqueiros em Santa Helena-PR. Logo começou a trabalhar de saqueiro. Trabalhou noventa dias. Não se acostumou com o modo de vida deles. Trabalhou pesado. Empilhar sacos o dia inteiro era um trabalho muito desgastante. Além do mais, o universo das relações de trabalho entre os saqueiros não lhe agradou. Quantificar a força era uma das formas de atribuir sentido ao desgastante trabalho, costume que Lino não estava disposto a compartilhar.

Além da má remuneração, a condição de trabalho dos saqueiros abria grandes margens para distensões musculares e problemas nas articulações. O trabalho judiava bastante. Andavam sempre em grupo. Aonde ia um, iam todos. “Eles queriam que você acompanhasse eles”. “Parei e pensei ‘esse serviço não é pra mim’ e peguei e saí”. Foi quando começou a trabalhar no frigorífico da Swift-Armour, em 1979, com “aquela impressão né? piá, de arrumar um emprego e sobreviver”. O “chefe falou pode vir aqui que, arruma os documentos que pode começar. Daí foi assim diretamente. Porque eles tava precisando de gente.”

Aos poucos Lino foi aprendendo o trabalho com a faca nos cortes e com a serra no abate. Lino aprendeu muito com Guaíba. A experiência do trabalho no campo lhe possibilitou uma destreza e saberes prévios, no qual parecem ter contribuído para o aprendizado do trabalho no frigorífico.

É possível que Lino já dominasse minimamente o trabalho com faca. Mas, sob outra lógica. Aquela vinculada a pecuária de subsistência. Por ter sido um trabalhador do campo, é muito provável que Lino tenha carneado animais antes de entrar no frigorífico. Mas, para o trabalho na fábrica foi necessário o rearranjo da experiência do trabalho. Na desossa, teve que aprender a realizar os cortes nos lugares precisos. Isto lhe evitou o desgaste físico desnecessário e a manutenção do fio das facas. Na serra, o manuseio atento foi necessário para livrar-se do risco de acidentes na linha de produção. No frigorífico Lino trabalhou com muitos trabalhadores, Bigode foi um deles. Ele foi, por dez anos, um bom vizinho seu na Vila Operária.

Bigode²³ nasceu em Guaporé-RS. Último filho de uma família pobre do Rio Grande do Sul, ele saiu de casa com apenas treze anos de idade. Migrou para Medianeira-PR em 1971. Seu irmão foi buscar Bigode em Guaporé-RS para morar com ele em Medianeira-PR. Trabalhou um tempo de ajudante de pedreiro até atingir a idade mínima para trabalhar no frigorífico da Frimesa naquela cidade. Com quinze para dezesseis anos já trabalhava no frigorífico. Começou cedo. Até ir pegando o jeito, Bigode “catava os ossos no carrinho e levava”. Logo aprendeu o trabalho com facas.

Quando o frigorífico da Frimesa em Marechal Cândido Rondon-PR faliu em 1977, logo depois, alugou os maquinários para a Swift-Armour no ano de 1978, Bigode foi procurado por um de seus cunhados para trabalhar em Marechal Cândido Rondon-PR. “É tinha um cunhado meu. Ele era encarregado aqui. Daí ele foi pra lá. Veio uns três, quatro colegas meus. Trabalhava em Medianeira, depois viemos trabalhar aqui.” Quando a Swift-Armour começou a operar em Marechal Cândido Rondon-PR em 1978, ela buscou força de trabalho para compor o quadro de trabalhadores. As trajetórias de vida de Bigode, Lino, Alípio e João confirmam a estratégia da empresa frigorífica. O frigorífico parece ter utilizado a relação familiar, amizade e o compadrio para promover o deslocamento dos trabalhadores.

No começo de 1979, Bigode e os outros quatro companheiros do frigorífico em Medianeira-PR, migraram para Marechal Cândido Rondon-PR. Aqui se alocaram e logo começaram a trabalhar. O trabalho de um frigorífico para outro também não mudou muito. No frigorífico da Frimesa, localizado em Medianeira-PR, Bigode fez muitas amizades.

²³ Bigode, 57 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de maio de 2013.

Constituiu relações com compadres e comadres. Os trabalhadores elegiam amigos próximos, geralmente trabalhadores, para serem padrinhos ou madrinhas das crianças recém-nascidas. O compadrio estreitava laços de solidariedade dos trabalhadores dos frigoríficos e constituiu laços de ajuda mútua. Quando Lena, jovem trabalhadora e recém-casada se deslocou de Medianeira-PR contou com a ajuda do “compadre” Bigode. Mudou-se para Marechal Cândido Rondon-PR com a garantia de que lhe ajudaria com a mudança, alocação e contratação no frigorífico.

Lena²⁴ nasceu em uma pequena cidade chamada Serafina Correia-RS. Lá, ela trabalhou no campo até os treze anos de idade. Não era fácil viver no campo de Serafina Correia-RS. As terras cheias de morros e pedregulhos dificultavam o plantio extensivo. Competir com os grandes tornou-se uma tarefa muito difícil. Seu pai garantiu a sobrevivência da família até os treze anos de idade de Lena. Ficou difícil manter-se no campo só com a agricultura de subsistência. “Plantava pra comer. Pra vender mesmo, meu pai vendia só porco e algumas dúzias de ovos.” Plantavam o necessário para manter a família no campo. Da lida com a terra tiravam “arroz pra ter o ano todo. Feijão, batatinha, cebola. Essas coisas. Mas, de vender era só os porco. Daí, com o dinheiro do porco, que o meu pai vendia era que nós comprava roupa de cama e roupa pra uso.” Mudar-se para Medianeira-PR significou também a mudança de modos de vida e trabalho para trabalhadores iguais a Lena. O trabalho com terra não era mais a garantia de sobrevivência.

As coisas não estavam fáceis no Rio Grande do Sul. Foi quando seu pai resolveu acatar a sugestão de um de seus compadres que migrou para o extremo oeste paranaense no começo da década de 1970. “Aí tinha sobrado nós, oito irmãos e o pai e a mãe. Daí como esses irmãos vieram embora, falando que era melhor, o pai se animou vendeu tudo e veio pra Medianeira-PR. Então, ali em Medianeira, entrou trabalhar no frigorífico o meu pai, meus três irmão mais velhos e eu.” Do trabalho no frigorífico ela, seus irmãos e seus pais retiravam o suficiente para manterem parte da família unida. O trabalho na terra foi substituído pelos horários fixos do frigorífico. Já não era mais a venda dos animais que garantiam as necessidades materiais da família, e sim o trabalho assalariado na desossa dos porcos.

²⁴ Lena, 52 nos, cozinheira. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 09 de Maio de 2013.

Lena, Bigode, João e Antônio da banha, são trabalhadores que provavelmente tenham feito parte das estatísticas levantadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente a evolução da população urbana em Marechal Cândido Rondon-PR. Durante o período de instalação de fábricas ligadas à produção agroindustrial, a população urbana em Marechal Cândido Rondon-PR passou de 7.189 habitantes durante a década de 1960 para 24.812 em 1970. Os números apresentados na tabela 4 e 5 indicam um avanço de 245,1% da população urbana da cidade.

Tabela 4

Comparativo da população Nacional, Estadual e Municipal (décadas de 1960 e 1970)						
Localidade	Até 1970 (década de 60)			Até 1980 (década de 70)		
	População			População		
	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total
Brasil	52.904.744	41.603.839	94.508.583	82.013.375	39.137.198	121.150.573
Paraná	2.546.899	4.450.783	6.997.682	4.566.755	3.182.997	7.749.752
Mcl. C. Rondon	7.189	36.587	43.776	24.812	29.781	54.593**

FONTE: IBGE, 1970 e 1980 <http://biblioteca.ibge.gov.br/> acesso em 05/02/2013, organizado pelo autor.

Tabela 5

Evolução percentual da população urbana da década de 1960 para 1970						
Localidade	População %					
	Urbana	%	Rural	%	Total	%
Brasil	+ 29.108.631	+ 55 %	- 2.466.641	- 5,9 %	+ 26.641.990	+ 28,2 %
Paraná	+ 2.019.856	+ 79,3 %	- 1.267.786	- 28,5 %	+ 752.070	+ 10,1 %
Mcl. C. Rondon	+ 17.623	+ 245,1%	- 6.806	- 18,6 %	+ 10.817	+ 24,7 %

FONTE: IBGE, 1970 e 1980. <http://biblioteca.ibge.gov.br/> acesso em 05/02/2013 organizado pelo autor.

Os números da tabela 4 e 5 são importantes porque nos ajudam a perceber a migração experimentada por inúmeros trabalhadores, cuja centralidade do trabalho lhes empurrou para Marechal Cândido Rondon-PR. Em cidades como Marechal Cândido Rondon-PR, situada no Extremo Oeste do Paraná, a população urbana evoluiu mais que a

** Neste levantamento foi subtraído o distrito de Novo Horizonte. O referido distrito não aparece no censo demográfico realizado em 1970. Possivelmente Novo Horizonte tenha surgido depois do ano de 1970. Se acrescentarmos a população de Novo Horizonte (1.617) com a população da tabela V (54.593), somaremos os 56.210 habitantes, oficialmente publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1980..

média nacional e estadual entre as décadas de 1960 e 1970. Enquanto que, a média de redução da população do campo nesta cidade, no mesmo período, não superou a média estadual. Entre outras coisas, os números parecem identificar que a classe trabalhadora da cidade é formada majoritariamente por pessoas que migraram para trabalhar nesta cidade.

Além disso, durante os anos que compõe a década de 1970, a região do Extremo Oeste Paranaense teve um aumento de aproximadamente 390.000 habitantes²⁵. Muitos deles são trabalhadores como Lena. Trabalhadores e trabalhadoras cuja trajetória de vida indica um passado comum. Busca por emprego e melhores condições de vida marcaram trabalhadores como Lena.

Em meados da década de 1970, Lena e seus irmãos, pai e mãe migraram para o Extremo Oeste Paranaense. Lena começou a trabalhar muito jovem. Em menos de três anos, Lena havia passado de trabalhadora do campo à trabalhadora de frigorífico. No frigorífico aprendeu o trabalho com a faca e a labuta diária na industrialização do porco. Bigode e Lena eram vizinhos da antiga Vila Operária do Frigorífico da Frimesa em Medianeira-PR. Lá eles batizaram os filhos e consolidaram laços de proximidade com outros trabalhadores.

Esse laço (tão afetivo quanto político) parece ter garantido a migração de Lena para Marechal Cândido Rondon-PR quando as coisas não deram mais certo em Medianeira-PR. Lá, Lena havia ficado desempregada. Com filha pequena para criar, o salário de seu companheiro de casamento, também trabalhador de frigorífico, era insuficiente para garantir as despesas de casa. Quando o frigorífico faliu em Medianeira-PR, o casal se deslocou para São Miguel do Iguaçu-PR, “Aí, depois que eu trabalhei, que eu fiz esse acordo que nós viemos pra cá pra morar (Marechal Cândido Rondon-PR). Esse N. (Bigode) já estava aqui. Ele é meu cunhado. Daí, ele falou vamos pra lá!” A garantia de duas remunerações, moradia, água, luz e a ajuda de seus compadres e comadres, pareceram-lhes melhorar as condições de vida comparada a situação em Medianeira-PR. No início de 1980, Lena, sua filha e marido chegaram em Marechal Cândido Rondon-PR. Nesta cidade, conheceram trabalhadores e trabalhadoras de diversas partes do país.

Este percurso foi marcado pela transformação de modos de viver e trabalhar, como também a formação dos espaços sociais da classe trabalhadora. Os trabalhadores que trabalharam no frigorífico tiveram uma trajetória de vida marcada pelo trabalho no campo.

²⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): <http://biblioteca.ibge.gov.br/> acesso em 05/02/2013.

Lá trabalhavam pela sobrevivência. Eles observaram as dificuldades da vida e do trabalho com a terra. Trabalhadores iguais Lino, Lena, Alípio, Guaíba, João e Antônio da banha foram praticamente empurrados para fora do campo. Todos eles tentaram a sorte com o trabalho industrial. Para muitos destes trabalhadores, o trabalho no frigorífico além de garantir remuneração suficiente para sua vida individual, também serviu de referência para os trabalhadores que vinham do campo. O trabalho com a faca, embora haja enorme diferença, é uma constante na lida do dia a dia na agricultura e pecuária de subsistência, além de uma ocupação encarregada de industrializar uma produção animal comum da vida do trabalhador do campo. Quando o avô e o pai de Alípio ainda trabalhavam no campo de Santana do Livramento-RS, ele era responsável pela pesagem e avaliação dos animais do pequeno negócio da família. O frigorífico pareceu absorver esse saber.

A experiência de Lino parece ser um exemplo típico da condição do trabalhador assalariado no Oeste Paranaense da década de 1970. Esta experiência está inevitavelmente associada à composição dos espaços sociais para a classe trabalhadora no campo e na cidade desta região. A definição das categorias de trabalhadores apontada pelos trabalhadores parece ser evidência disto. Lino ensacou e conviveu com os saqueiros da fábrica de beneficiamento de ração da Copagril durante noventa dias até entrar no frigorífico no ano de 1979. Eles viviam em proximidades destas indústrias. Muitos residiam em bairros periféricos da cidade. Em Marechal Cândido Rondon-PR, eles moravam nos bairros Higienópolis e Botafogo, bairros constituídos ao redor de fábricas. Alguns garantiam sua existência com as diárias nas épocas de safras, outros trabalhavam no setor de beneficiamento da ração.

Uma reportagem em fins da década de 1970 parece endossar a experiência de Lino e outros trabalhadores que dependiam de ocupações ligadas às agroindústrias. Neste período, as fábricas dependiam de força de trabalho permanente. Neste sentido, fixar os trabalhadores nas proximidades das fábricas, garantindo-lhes acesso à moradia, emprego e carteira assinada se relacionava ao contexto histórico de constituição da atividade industrial e às políticas patronais da região do Oeste Paranaense, como indica a propaganda do jornal abaixo:

A Sadia – Frigobras de Toledo, está admitindo funcionários para os serviços de saqueiro, tipo safrista para 3 meses, e para serviço permanente de produção, dando ao mesmo tempo, oportunidade para as famílias dos

operários trabalhem nas granjas avícolas da empresa. São cerca de 30 famílias que a Sadia está admitindo para essas granjas, exigindo estabilidade familiar, que seja formada por 5 pessoas no máximo, que não tenha idade muito avançada, que viva bastante tempo na região, e que possua boas referências. Segundo Amadeu Duarte, Chefe do Departamento Pessoal da empresa, oferecem salário compensador, casa para morar, registro em carteira e estabilidade no emprego, cursos especiais para toda a família, auxílio para arrumar vaga em estabelecimento de ensino e para a obtenção de bolsas de estudo, assistência médico-hospitalar e odontológica extensiva a toda a família, seguro de vida, Associação Recreativa e esportiva. Os contratados deverão ser mantidos com departamento pessoal na Sadia em Toledo, sendo que os interessados devem estar munidos de documentação.²⁶

Quando Lino migrou com Dona Linda, sua esposa, para o Oeste Paranaense, eles sobreviviam do trabalho de empreitada no campo. Eles desmatavam, plantavam e carpiam roças de feijão, milho e soja da região. Quando não conseguiu mais arrendar as terras para o plantio, Lino e Dona Linda, mudavam-se em busca de diárias no campo. Outra reportagem da Frente Ampla de Notícias – FAN da Rádio Difusora registrou a concentração de boias frias.

Alguns dias têm-se conhecimento do aparecimento de grandes turmas que trabalham nas limpezas das lavouras de soja, nesta época do ano. Nesse trabalho de grupo, as turmas ou tropas como costumam chamar, trabalham durante todo um dia e ao final recebem a importância relativa ao serviço prestado. Os turmeiros, ou chefes de equipes firmam o trabalho que é executado sob fiscalização do proprietário. É o desenvolvimento da região que, se é citado como problema, ou um outro aspecto, não é sob o aspecto trabalhista. É bem verdade que as pessoas não recebem os amparos legais. E feita essa nota somente para que esta gente não incorra no erro de chamá-lo de “bóia-fria”, porque os diaristas não gostam disso. Um turmeiro, falando a nossa gente, teve a oportunidade fazer que, o trabalho do diarista é um trabalho honrado como qualquer outro. (FAN, 24/01/1977)

A matéria da Rádio Difusora também salienta a dignidade do trabalho de bóia fria, mas faz questão de ressaltar que esse trabalho é isento de qualquer lei trabalhista, pois é pago por dia ou por semana. O salário geralmente era pago no fim dos dias trabalhados, de onde provinha a preferência da classe dominante em denominar os boias frias enquanto diaristas. O salário também podia ser pago no final semana de acordo com os dias

²⁶ “Sadia recruta pessoal em toda a região” FAN (08-01-80)

trabalhados. Deste ponto de vista, é impossível separar a trajetória de vida da trajetória de trabalho de Lino. É importante destacar isso porque Lino, antes de se empregar no frigorífico, trabalhou em ocupações comuns aos trabalhadores assalariados dessa época: boia-fria e saqueiro, tais como Chico.

Quando Chico chegou em Marechal Cândido Rondon-PR, no começo da década de 1980, trabalhadores como Lino, Lena, Bigode, Guaíba, João e Antônio da banha já trabalhavam no frigorífico. Chico ficou sabendo que havia trabalho nessa região por intermédio de um de seus cunhados que já trabalhava no frigorífico nessa época. Ele ficou surpreso quando observou que se empregar no frigorífico se transformou numa tarefa difícil para ele. A expectativa de garantia de emprego é avaliada por Chico de forma crítica na medida em que sua experiência entre o deslocar e o começar a trabalhar confirma a insegurança da condição de trabalhador urbano no final da década de 70 e início da década de 80 “e daí eu cheguei ali e os encarregado não me davam serviço... e... daí eu falei com o gerente mesmo, ataquei o gerente e conversei com ele na estrada, daí ele me deu serviço, aí eu comecei a trabaiá”.

A expressão utilizada por Chico, para explicar o início da conversa com o gerente do frigorífico, indica a percepção de que emprego na década de 1980 não era mais algo garantido. O “ataquei o gerente na estrada” expressa a ansiedade de um trabalhador que estava “livre como um passarinho”, livre de tudo a não ser dos braços para o trabalho. Depois da composição da força de trabalho apta a desempenhar as funções necessárias para garantir a produção, para trabalhadores como Chico o trabalho no frigorífico a partir de 1980 parece não ser mais uma certeza.

Trabalhava com os colonos, ia ajudar a carpi, plantar, a fazer silagem, fazer de tudo, porque a gente já era da roça! A gente já tinha conhecimento, e daí já conhecia bem os caras porque a maioria já era integrado aonde na ração. Porque tinha integração entre os fornecedor de suíno, então pegava a ração e já tinha integração, agente tinha um conhecimento geral quase com todo mundo que conhecia aqui na época, produtor grande!²⁷

É certo também, que a luta travada entre Chico e a necessidade de sobreviver parece ironicamente ter “pedido” um de seus braços moldados pelo labor como moeda de troca. O

²⁷ Chico, 60 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira no dia 03 de Fevereiro de 2010.

mesmo braço que não venceu o trabalho nas épocas difíceis do campo. Um pouco menos de um ano antes de vencer o tempo de sua aposentadoria, o braço esquerdo de Chico foi triturado numa daquelas máquinas de beneficiamento dos grãos para ração “daí trabaiei mais quatro ano, daí perdi o braço.”. As marcas do trabalho registram uma significativa de trabalho de Chico.

Chico experimentou o trabalho na indústria em um tempo onde os trabalhadores eram conhecidos por apelidos. Os apelidos inferem uma relação de trabalho longa e mais pessoal. “O nome deles eu não sei se eu vou lembrar de tudo, porque a maioria deles era apelido, o operador era o Cabeção”.

A organização do trabalho dentro da fábrica de ração chegou a comportar dezenove trabalhadores. Fazer o rodízio nas tarefas diárias foi algo comum na relação de trabalho de Chico, “se hoje eu ensacava, amanhã eu só costurava, depois da manhã eu ia pra ponta da “dala”, da esteira, puxava produto o dia inteiro, no outro dia eu ia para o bloco, nunca repetia a mesma coisa”. A referência de organização de trabalho industrial experimentada por Chico informa um ritmo de trabalho fora dos padrões de especialização de tarefas produtivas. O rodízio no trabalho é evidência de uma organização coletiva dos trabalhadores em função de amenizar o trabalho enfadonho do esforço repetitivo. Os saqueiros formavam uma categoria de trabalhadores, assim como os trabalhadores do frigorífico, que acompanhou o processo de industrialização nesta região.

Chico trabalhou em uma pequena fabriqueta de beneficiamento de grãos para a ração. Essa fábrica compunha as instalações do frigorífico da Swift Armour. O destino da ração, que passava pelas mãos de Chico e pelos ombros dos saqueiros, destinava-se aos suinocultores integrados ao frigorífico. As vísceras e partes dos porcos, não aproveitados para a saída comercial, integravam-se ao composto da ração no beneficiamento de grãos.

Os saqueiros trabalhavam sob o ritmo das máquinas de beneficiamento e secagem dos grãos movida à lenha. Logo depois ensacavam ração como produto final do processo produtivo. Os operadores das máquinas tinham mais conhecimento técnico, muitas vezes eles mesmos faziam os reparos e as manutenções necessárias, enquanto os ensacadores contavam com a robustez para o exercício de sua função. Com exceção dos operadores de máquinas, foi comum, no universo da relação de trabalho, os ensacadores realizarem os rodízios nas tarefas específicas. Isto lhes preveniu o trabalho repetitivo e enfadonho, reduzia-lhes as possibilidades de distensões, torções, fraturas e males nas articulações. Este

último grupo de trabalhadores obteve uma estabilidade maior no trabalho comparado aos safristas e aos bóias-frias.

Muitos dos safristas que ajudavam os ensacadores nos momentos de pico da produção vegetal, também trabalharam de bóias-frias. Com o processo de definição dos espaços sociais da produção, o campo de Marechal Cândido Rondon-PR parece também ter passado por uma definição. Esse espaço foi garantido aos colonos. Os dois segmentos mais importantes para a economia local naqueles anos iam se integrando a produção industrial. A produção industrial, somada ao processo de deslocamento de trabalhadores iguais a Lino, formou ocupações ligadas ao processo de integração campo e cidade.

A classe trabalhadora, especialmente aquela que migrou durante a década de 1970 e 80, manteve-se em espaços e ocupações que pudessem garantir sua existência. Pode-se dizer, que saqueiros, bóias-frias e trabalhadores de frigorífico foram ocupações criadas como desdobramento da reorganização do trabalho nesta região.

Quem não trabalhava em alguma industriazinha da cidade trabalhava no interior, tinha muita mão de obra, muito emprego no interior, granja de porco existia uma barbaridade, vaca também tinha, se que era uma bacía leiteira, de suínos uma barbaridade suinocultura, existia muito, então o pessoal que não trabalhava aqui tenho certeza que não trabalhava na cidade, que trabalhava no interior.²⁸

Bóia-fria, então eles pegava os boia-fria, eles, de manhã, tinha os boias-fria primeiro dias assim, iam pegar eles nas esquinas, os boias-frias, tinha muitas esquinas que tinha boia fria, pra todos os lados, as pessoas mais pra perto iam pra aquele local ali que era os boias-frias, trabalhar de boia- fria, então primeiro nós pegava lá.²⁹

A atividade industrial subordinou à produção proveniente do campo, assim como as atividades fabris na cidade ao passo em que reunia trabalhadores e trabalhadoras, tais como Lino, que experimentaram o trabalho das ocupações ligadas a atividade industrial. A produção do campo, tanto na criação de porcos e galinhas como na plantação de soja, constituíram as bases para as agroindústrias da região. Agregar valor as produções primárias significou também promover uma reorientação na organização da produção, cujo trabalho assalariado de migrantes foi o fio que conduziu esta relação. Alípio e João, assim como inúmeros outros trabalhadores assalariados, experimentaram esse processo.

²⁸ Alípio, 53 anos, operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira no dia 28 de Outubro de 2012.

²⁹ João, 56 anos, operário. Entrevista realizada por Rinaldo José Varussa em fevereiro de 2011.

Para a maioria dos trabalhadores que se deslocaram para o Oeste Paranaense, na época de constituição da cadeia produtiva do porco, trabalhar de bóia-fria ou de trabalhador de frigorífico parecem ter sido as principais alternativas. Essas foram ocupações formadas neste contexto histórico. É certo que dentre as ocupações, ser trabalhador de frigorífico, nas décadas de 1970 e 1980, pareceu garantir determinada estabilidade materializada nas políticas fabris. Dentre elas melhor remuneração comparada às outras ocupações, moradia fixa, água e luz.

Quando houve incertezas com relação à vinda da Swift-Armour para Marechal Cândido Rondon-PR e o FRIRONDON administrado pelo grupo Frimesa andava “mau das pernas”, fins dos anos de 1976 e início de 1977, realizar uma reforma no frigorífico e ampliar a capacidade de abate pareceu ser a saída para a continuidade da atividade do frigorífico, como destacou a reportagem abaixo:

Depois de 4 meses de paralisação, para possibilitar a ampliação do parque industrial, o Frigorífico Rondon, do Grupo Frimesa, inicia segunda-feira sua fase experimental de novos maquinários. Serão abatidos 100 cabeças de suínos, aumentando gradativamente sua produção para adequar o comportamento da produção. Poderá ser um dos primeiros passos para o renascimento da suinocultura na região, certo que os suinocultores já poderão entrar em contato com o Departamento de Compras para a firmação dos negócios.³⁰

Durante quatro meses do segundo semestre de 1976, o frigorífico paralisou a produção. Na época havia cerca de 70 trabalhadores ocupados no frigorífico. Alguns deles parecem ter ido trabalhar de boias-frias nas lavouras de soja, milho, ervilha e mandioca nas proximidades do núcleo urbano. Antônio da Banha, por exemplo, foi se virar com o trabalho de bóia-fria. O grupo Frimesa, depois de comprar o antigo FRIRONDON, ficou “quase quatro anos aí ela faliu. Daí fomos carpir soja não tinha outra coisa pra fazer ficamos oito meses.”³¹

Trabalhadores como Antônio da banha e Guaíba tiveram que se arranjar durante este intervalo. Guaíba procurou alternativas em Palmas-PR e em Cascavel-PR. Trabalhou em açougues e em outros frigoríficos. Guaíba retornou a partir de 1979, quando o frigorífico da Swift-Armour comprou as instalações do Frigorífico Rondon administrado pelo grupo

³⁰ “Frimesa experimenta novos maquinários” Frente Ampla de Notícias (11/12/1976).

³¹ Antônio da banha, 65 anos, operário. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Marcos da Silva de Oliveira no dia 05 de abril de 2011.

Frimesa. A saída de Guaíba de Marechal Cândido Rondon-PR, confirma a falta de opções de trabalho assalariado. Trabalhar de bóia-fria ou saqueiro, como fez Antônio da banha, não foi a escolha feita por Guaíba, já que a experiência de trabalho em frigoríficos poderia lhe render uma ocupação melhor.

Em 1978/79, quando a Swift-Armour comprou as instalações do antigo Frigorífico Rondon, o frigorífico parece ter tido que estabelecer um plano de recrutamento de trabalhadores. Foi neste mesmo contexto, fins da década de 1970, que trabalhadores como Bigode, Alípio e Lino foram procurados por gerentes e subgerentes para a contratação imediata no frigorífico da Swift-Armour. Garantir a força de trabalho no frigorífico significou também disputá-la, a despeito de outros frigoríficos da região, tais como o da Sadia em Toledo-PR, que anunciavam a contratação com uma série de políticas de permanência dos trabalhadores à produção agroindustrial.

Para que fosse possível pelo menos competir, foi necessário que o frigorífico da Swift-Armour reproduzisse minimamente a estabilidade prevista pelo plano de assistência de trabalhadores de frigorífico prescrita pela Sadia. Determinada estabilidade garantida pelo frigorífico, visou articular dois interesses. O primeiro, diz respeito à garantia da produção. O segundo, foi agilizar a formação da força de trabalho. Foi nesse momento que Guaíba foi recontratado para trabalhar no frigorífico.

Trabalhadores iguais Guaíba eram responsáveis por ensinar outros. Ele dominava a produção em um frigorífico em Santa Catarina cuja estrutura produtiva parecia não modificar muito do Frigorífico Rondon e da Swift Armour. Isto possivelmente facilitou a adaptação de trabalhadores como ele. Trabalhadores cujo percurso das vidas é marcado pela saída do campo e reconstrução da vida em outro lugar.

As trajetórias de vida de trabalhadores como os trabalhadores entrevistados são importantes quando se analisa as relações de trabalho do frigorífico Frirondon durante as décadas de 1970 e 1980. Os trabalhadores tendem a associar o trabalho no frigorífico com relativa estabilidade que a vida estilhaçada pressionava para baixo. Partindo dessa observação, veremos no próximo capítulo que a formação das relações de trabalho no frigorífico, onde a experiência vivida pelos trabalhadores dialoga com a ação deles no ambiente da produção.

CAPÍTULO 2

Trabalhadores do Frirondon: ocupações e relações de trabalho

No frigorífico os trabalhadores empregados trabalharam em mais de uma ocupação dentro da fábrica. Deste ponto de vista, é importante mencionar que para lidar com a produção da carne do porco os trabalhadores compartilhavam uma série de saberes necessários no processo de produção. Alguns trabalhadores vieram de outras plantas frigoríficas, tais como a da Swift Armour em Santa do Livramento-RS e do frigorífico de Medianeira-PR. Ser recrutado para trabalhar no frigorífico Rondon, durante a década de 1970 e 1980, amparava-se em pelo menos três aspectos dominantes da produção do frigorífico em Marechal Cândido Rondon-PR: 1º) A ampliação do frigorífico FRIRONDON a partir de 1975; 2º) constituição da força de trabalho apta a operar a produção com o mínimo de dispêndio de tempo possível para a aprendizagem e 3º) crise financeira de frigoríficos, em especial o de Medianeira-PR e do próprio frigorífico FRIRONDON a partir de 1976.

Tais características mobilizaram a contratação de trabalhadores para trabalhar no Frigorífico Rondon a partir de 1975. Ao adiantar esta constatação, e entendendo o espaço da produção como lugar de conflito, podemos lançar as seguintes questões: a) Como foi organizado a produção do frigorífico? Porque a produção da mercadoria no frigorífico dependeu do saber dos trabalhadores? Como os trabalhadores lidaram com essa situação?

O trabalho no abate pela parte da manhã, passando pela desossa até o carregamento era executado por grupo de trabalhadores que ocupavam mais de um lugar na produção. A força de trabalho, minimamente apta para este tipo de produção, afastou as ocupações especializadas. Por outro lado, a extensa jornada de trabalho, sobrecarregou os trabalhadores em muitos momentos da produção no frigorífico. Sobre esse aspecto, o pagamento das horas extras e a moradia na Vila Operária garantiram a permanência dos trabalhadores à disposição do frigorífico.

No primeiro capítulo observamos o processo de migração e a trajetória de vida de homens e mulheres que migraram para Marechal Cândido Rondon-PR. Como percebemos,

tal movimento foi entrecruzou a vida de trabalhadores ao contexto histórico de definição dos espaços da produção industrial.

Neste capítulo vamos observar como os trabalhadores experimentaram o dia a dia e como se organizavam para o trabalho na fábrica. Além disso, vamos ressaltar a organização do trabalho no processo produtivo para perceber como eles lidaram com a percepção de que o frigorífico dependia não só de saberes prévio, como também, de sua disposição para o trabalho. A intenção é sublinhar que as relações de trabalho no frigorífico foram constituídas e não dadas a priori, de modo que as trajetórias de vidas, na qual homens e mulheres despossuídos amargaram a saída do campo, foram tão decisivas para definir o lugar dos trabalhadores na produção quanto a organização do trabalho no frigorífico.

Nesse sentido, me apoio aqui, nas considerações levantadas no segundo volume de “A Formação da classe trabalhadora na Inglaterra”. Ao olhar com distanciamento para as experiências históricas dos trabalhadores do século XVIII, Thompson constatou que “a imagem que induz a pensar antes a indústria, e depois as pessoas que dependiam delas [...] criou uma tradição tanto histórica quanto literária” (THOMPSON, 1987, p. 12-15). Thompson problematiza a ideia que afirma que o modo de produção sobrepõe as experiências históricas dos trabalhadores. Ele propõe fazer o oposto, como indica no primeiro volume de “A Formação da classe operária na Inglaterra”: “estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro ludista, o tecelão ‘obsoleto’ do tear manual...” (THOMPSON, 1987, p. 13). Partindo dessa proposta metodológica, ante as experiências de homens e mulheres de carne e osso que compõe a classe trabalhadora, tentarei mapear as ocupações, condições e relações de trabalho no frigorífico.

Para tanto, destacarei, em seguida, a distribuição das ocupações no interior do frigorífico para depois perceber as condições e relações de trabalho dos trabalhadores.

2.1. OCUPAÇÕES, CONDIÇÕES E RELAÇÕES DE TRABALHO NO FRIGORÍFICO

As ocupações organizadas em etapas cadenciaram o processo de industrialização da carne do porco. O desmonte do suíno foi composto por um conjunto de ocupações responsáveis por dar cabo de uma demanda diária. Essa relação de trabalho se desenvolveu sob três características principais no processamento da carne do porco: a) baixo emprego de

tecnologia, b) baixo emprego de força de trabalho, c) irregularidade na disposição da matéria prima. Começamos pelo último.

Durante a década de 1970 a produção do frigorífico variou muito. Até 1975, o frigorífico Rondon teve uma média de abate de duzentos porcos diários. A partir da metade da década de 1970, o frigorífico Rondon ampliou a produção em reforma que inaugurou uma nova direção. O grupo Frimesa passou a administrar a fábrica. As expectativas foram de ampliar o abate de porcos para quinhentos animais ao dia. Essa média não parece ter sido superada até 1977, quando o grupo Frimesa entrou em concordata. A produção pareceu se elevar a partir de 1978, quando a Swift Armour arrendou as instalações do FRIRONDON, comprando-a em 1979. A partir daí, a média diária de abates passou para aproximadamente quinhentos a setecentos animais.

Às vezes chegava mais, por vezes, menos porcos para ser abatido ao dia. Ao que tudo indica isso tem paralelo com a concorrência entre o frigorífico Rondon e as cooperativas de beneficiamento da soja pela integração dos espaços produtivos no campo. Com relação a produção no frigorífico, tendo em vista essa conjuntura, pode-se dizer que as relações de trabalho no frigorífico foram formadas com baixo emprego de tecnologia e de força de trabalho ocupada. Esse é o ponto de partida para entender as relações de trabalho, ocupações e conflitos no interior da fábrica.

Entre os anos de 1975 a 1978, os trabalhadores experimentaram também uma série de problemas administrativos. Além da crise econômica do FRIRONDON nesses anos, os trabalhadores correram o risco de perder emprego, moradia, água e luz. Esse processo pode ser observado a partir de um número expressivo de reportagens da Rádio Difusora no programa Frente Ampla de Notícias.

A partir de 1975 o frigorífico Rondon teve problemas com relação a media de suínos a ser abatida por dia. Diversas notícias da rádio difusora entre os anos de 1975 a 1978 propagavam a possibilidade produtiva do frigorífico para além da ofertada, é possível afirmar que o aumento produção pudesse mexer com as relações de trabalho dos 70 trabalhadores que trabalharam no frigorífico durante essa época. Isso não parece ter acontecido, já que, embora o frigorífico tenha realizado pelo menos uma ampliação na planta produtiva, ela não foi suficiente para alterar ou, mesmo, triplicar a produção durante esse período.

O Frigorífico Marechal Cândido Rondon, parte integrantes das organizações Frimesa está triplicando sua capacidade de industrialização com a construção e ampliação do parque industrial. Para se ter uma ideia, se a capacidade atual de abate é de duzentas cabeças de suínos, passará futuramente para 600 cabeças. A ampliação que era necessária está saindo, sendo um grande incentivo aos produtores de suínos que terão no Frigorífico Rondon S.A. um esteio de sustentação no setore financeiro. O frigorífico Rondon está se preparando com esta ampliação, agora, é necessário também que os produtores tripliquem a capacidade de produção para atender a demanda. (FAN, 10/07/1975)

Outro aspecto importante de ser mencionado foi ação sistemática do frigorífico sobre controle da matéria prima. A década de 1970 registrou o aumento de capitais, técnica e especialização no campo. As transformações nas relações de trabalho e na produção animal e vegetal tendeu a criar categorias e segmentos econômicos à produção no campo. Os colonos passaram a se especializar na produção da soja, ou na criação do suíno.

Como vimos no primeiro capítulo, esse movimento parece ter alterado as relações de viver e trabalhar no campo, no qual parece ter origem também um processo de proletarianização de filhos e filhas de colonos pioneiros. Essa constatação nos é importante, porque a integração dos criadores de suínos parece lidar com o processo de transição, na qual a resignação dos criadores de porcos, juntamente com a concorrência de outros frigoríficos sobre a produção, gerou um declínio na criação do suíno, que se expressa nas reportagens da rádio sobre a necessidade dos colonos colaborarem com a produção do frigorífico e de se integrar numa cadeia que envolvesse os criadores e os industriais.

A expectativa de industrializar uma produção animal “local” parece ter sido um dos motivos pelos quais o frigorífico ampliou a capacidade produtiva no final de 1976. Neste mesmo período, houve também a ampliação da vila operária. Durante a paralisação, por quatro meses do frigorífico, os trabalhadores se arranjaram com o trabalho de bóia fria ou de ajudante de construção das casas da vila operária e na ampliação do Frigorífico.

Após a ampliação da capacidade do abate, a direção da fábrica tentou criar laços políticos econômicos com os produtores de suínos da região. Propagandear as vantagens e a segurança que ambos os setores teriam a partir de uma aliança que envolvia a divisão do trabalho foi uma das pautas trazidas pela a direção do frigorífico, durante os anos de 1977 e 1978. Algumas reuniões saíram nessa época para racionalizar a produção, na qual um sistema em que envolvesse o comprometimento dos dois setores pudesse favorecer a

produção da carne do porco, na medida em que a capacidade de produção do frigorífico fosse plenamente utilizada.

Todos os fornecedores de suínos ao Frigorífico Rondon estarão reunidos amanhã as 10 horas da manhã nas dependências da empresa. Diretores da importante organização montaram o esquema para a realização da reunião quando estarão se referindo ao departamento de fomento, colocado em funcionamento objetivando melhorar o atendimento no setor. Sobre a criação racional de suínos, rações sistemas de compras, comercialização de produtos e formas de pagamento serão outros aspectos que entrarão no apanhado geral da ordem do dia. A informação foi prestada hoje pela manhã e, a reunião de amanhã com os produtores de suínos, fornecedores do frigorífico acontecerá com qualquer tempo. (FAN, 01/10/1977).

Depois de concluir todas as reformas, o FRIRONDON paralisou mais uma vez a produção. Desta vez para entrar em concordata. Cerca de duzentas famílias trabalhadoras que moravam na vila operária ficaram desamparadas (SEIBERT, 2008, p.52). A crise do frigorífico Rondon atingiu diretamente as cinquenta e nove famílias que moravam na vila operária. Atraso de pagamento, problemas com falta de água e luz parecem ter atingido as condições mínimas de existência dos trabalhadores.

Desde quinta-feira última, dia 12, às 10 horas, os moradores da Vila Operária do frigorífico Rondon S.A estão sem luz e água. É que as ligações de luz partem de um transformador geral que fornece energia ao frigorífico, e a Copel desligou-o. Consequentemente, as bombas que funcionam o poço artesiano estão paralisadas, interrompendo a distribuição. Os funcionários do frigorífico, apesar de estarem sem luz e água, ressentem-se ainda da falta de pagamento dos salários do mês de dezembro. Segundo um deles, é provável que recorra ao ministério do trabalho, através da Delegacia Regional do Paraná, para que este interceda em favor da classe operária, pressionando para que os salários sejam postos em dia. (FAN, 17/01/1978)

Os trabalhadores foram afetados diretamente pela crise econômica do frigorífico em 1978. Apelar para a Justiça, significou entre outras coisas, a forma como os trabalhadores lidaram com a situação. Procurar a Rádio Difusora para denunciar suas condições de vida foi a alternativa dos trabalhadores que arcavam com o ônus da falência do frigorífico.

Por outro lado, enquanto algumas famílias dos trabalhadores questionavam a falta de pagamento e das condições de manutenção de vida, outras famílias parecem ter deixado a vila operária para tentar a sorte em outro lugar. Guaíba e sua família foram uma delas. Ele

foi trabalhar em um frigorífico de abate de porcos no Sudoeste do Paraná. Neste mesmo período, final de 1978, a Swift Armour arrendou o frigorífico Rondon. Essa mudança foi acompanhada por trabalhadores que foram recrutados para trabalhar no Frigorífico Rondon, tais como Alípio, Bigode e Lena, além do retorno de famílias como a de Guaíba.

Informações não confirmadas dão conta de que estariam em ritmo adiantado as negociações para a reativação do Frigorífico Rondon. Apesar do vencimento da primeira parcela da concordata, no dia 3 deste mês, quando o frigorífico deveria depoiatar 40% da dívida, não se tem notícias de que tenha sido realizada a operação. As mesmas fontes acentuam que inicialmente o frigorífico Swift alugaria as instalações por um período de 6 meses, com opção de compra após este prazo. Assumiria neste tempo 40% da dívida do Frigorífico Rondon. Por outro lado, os mesmo setores afirmaram que assim que as negociações sejam concluídas, a Swift passaria a abater diariamente cerca de 600 cabeças de suínos. Nos primeiros dias deverão estar concluídas as negociações. (16/12/1978)

As relações de trabalho durante esse período parecem ter mantido a mesma dinâmica de outros frigoríficos da região, tais como o frigorífico de Medianeira-PR. Não foi à toa que a Swift Armour recrutou trabalhadores que trabalharam no FRIRONDON, como Guaíba e trabalhadores que trabalharam no frigorífico de Medianeira-PR como Bigode e Lena. Esses trabalhadores estabeleceram relações de confiança com outros trabalhadores a partir da experiência no mundo do trabalho e também em detrimento da conjuntura econômica do Oeste do Paraná. A falência do frigorífico Medianeira em 1978, localizado no Oeste do Paraná e administrado pelo Grupo Frimesa, também articulou à mobilização destes trabalhadores.

As 7h30m da manhã de hoje, o frigorífico Medianeira foi fechado por ordem judicial, a partir da falência decretada pelo Juiz de direito da comarca de Medianeira. Policiais militares matem sob guarda o parque industrial para evitar possíveis tumultos. Por outro lado, também foi decretada a prisão preventiva de dois de seus diretores, Adair Tomazeto e Alfredo Paschoal Ruaro. Os motivos que levaram o Juiz de direito daquela comarca decretar a falência poderão ser levantados à partir da abertura do expediente no Fórum daquela cidade, na tarde de hoje. (FAN, 23/10/1978)

Trabalhadores que, depois que a Swift Armour assumiu a direção do FRIRONDON, assumiram o comando da fábrica, como Seu Tenório que conheciam trabalhadores do frigorífico Medianeira, que naquele ano havia decretado falência, foram responsáveis por recrutar trabalhadores daquele frigorífico.

Considerando o contexto da produção frigorífica no Oeste do Paraná da década de 1970, pode-se chegar a conclusão que a herança negativa dos tempos de administração do grupo Frimesa, durante o processo de construção e reativação do FRIRONDON pela Swift Armour, contou com o trabalho dos trabalhadores e parece ter consolidado relações de força que igualou interesses. Por um lado o interesse do frigorífico em função da produção da mercadoria em relação à instabilidade da cadeia produtiva do porco, no outro, o interesse dos trabalhadores em garantir moradia, salário, água, luz e carne barata.

O fato da direção do frigorífico depender dos trabalhadores no processo de rearticulação da produção do FRIRONDON parece ter articulado a ação dos trabalhadores também nas relações de trabalho. Esta relação abriu possibilidade para a contestação dos trabalhadores e também da manutenção de condições de trabalho entre os anos que compreendem 1978-1989. O contexto de rearticulação da produção do FRIRONDON também foi o período de reconstrução das relações de trabalho. O abate e o descarte do porco dependeu de relações de trabalho que exigia força física, mobilidade dos trabalhadores na fábrica e assiduidade no trabalho. Características das relações de trabalho assumidas pelos trabalhadores no frigorífico que compreendeu o processo produtivo da carne do porco.

O processo produtivo do frigorífico pode ser dividido em três grandes setores: abate, desossa e carregamento. Articulados, eles organizavam os horários e o processo de trabalho na produção frigorífica. A justaposição das tarefas produtivas organizou as ocupações em que trabalhadores como Antônio da banha, João, Guaíba, Alípio, Bigode, Lino, Lena, Chico e Tonhão trabalharam.

1ª ETAPA (até o meio dia): **Chegada** dos porcos no frigorífico. **Descarregamento** dos animais e condução até as baias. Lá, os animais eram pesados e classificados de acordo com o peso. Em seguida eram direcionados até as pocilgas. Depois os trabalhadores ocupados com a pesagem e **classificação** dos porcos, encaminhavam o animal até o corredor de **higienização**. Neste setor os porcos eram banhados por chuveiros que retiravam as sujeiras superficiais. Logo em seguida tinha o setor do **choque**. O porco levava um choque para desacordar. Um a um os porcos eram amarrados pelos pés de trás com as correntes e engatados aos ganchos da nória que os levantavam do chão e os conduziam até o setor da **sangria**. Na plataforma da sangria, os porcos eram sangrados à mão. O sangue que escorria pela plataforma era averiguado pelo setor da **inspeção**. Essa análise era realizada para

avaliar a condição de saúde do animal. Logo em seguida, os trabalhadores eram organizados para o desmonte do porco. Logo que o porco saía da escaldagem ele passava por uma sucessão de ocupações específicas. A nória direcionava o animal até o setor da **pelagem**. A nória mergulhava os porcos nos caldeirões de água fervente. Este processo tinha como objetivo retirar os pelos dos porcos. No entanto, a escaldagem era insuficiente para remover todos os pelos. Um grupo se organizava em função de pelar a cabeça do porco, enquanto o outro o pernil, a paleta e o lombo. Depois a nória conduzia o porco para os trabalhadores encarregados da **evisceração**. Neste setor era separado as vísceras dos miúdos. As vísceras e os miúdos eram novamente analisados, enquanto os miúdos eram direcionados ao setor dos trabalhadores encarregados da manufatura, as vísceras eram descartadas. Depois deste processo, as carcaças eram direcionadas à **câmara fria** para o trabalho a **desossa** da parte da tarde.

2ª ETAPA (à tarde): As carcaças depositadas no dia anterior eram retiradas da câmara fria. Na **circular** as carcaças eram transformadas em pedaços. Cada pedaço do porco desmontado caracterizava uma ocupação específica. O ritmo da desossa era, em grande medida, cadenciado pelos trabalhadores que manuseavam a circular. A partir desta operação os grupos de trabalho eram definidos em ocupações minimamente especializadas. Da circular em diante a linha de produção se encarregava do ritmo do trabalho. Organizava-se assim, a partir da **desossa** do pernil, da paleta, da costela e do lombo os trabalhadores se organizavam para vencer a produção. Depois de realizar a desossa, os produtos eram **embalados** e logo em seguida **pesados**.

3ª ETAPA (à noite e durante a madrugada): Os produtos eram encaminhados ao setor de **Carregamento**. A produção diária era carregada nos caminhões para o transporte. O processo de desossa costumava se alongar durante o período da noite também.

A organização do trabalho no frigorífico indicou relações de trabalho comuns aos trabalhadores. A mesma equipe que se ocupava da parte do abate, também trabalhava na desossa e no carregamento.

Alguns anos de trabalho no frigorífico ofereceram aos trabalhadores a possibilidade de dominar e memorizar o processo da produção. Além disso, essa característica das relações de trabalho organizou a vida dos trabalhadores residentes da vila operária do frigorífico.

Os trabalhadores saíam de casa às cinco horas da manhã, para começar a trabalhar às cinco e meia, seis horas. “Porque você saía de manhã, você só saía fora da porta você ia falando bom dia, e aquele monte da vila já subindo junto”³². Ao chegar à fábrica, aquele “monte” de trabalhadores afiava cada um a sua faca e preparavam-se para o trabalho matinal.

Na parte da manhã, enquanto alguns trabalhadores se encarregavam do carregamento, outros partiam para abate muito cedo. De tarde, os trabalhadores, reuniam-se na sala de cortes para desossa, carimbagem, embalagem e congelamento dos produtos industriais.

De certa maneira, as etapas da produção preservavam características de um trabalho organizado pelas fases do dia. O passar do dia foi condição para alternar o trabalho. Parece que as definições das tarefas, a partir das etapas do dia, garantiam determinada manutenção do ritmo de trabalho na fábrica. A desossa só ocorria na parte da tarde, independente da quantidade de cabeças de suínos abatidas durante o trabalho realizado pela manhã.

Este modo de trabalhar cadenciou o ritmo da produção. Por outro lado, o alongamento da jornada de trabalho foi a condição para manter este ritmo inalterado. Quando havia horas extras, trabalhadores como Lena, “chegava em casa assim, meu Deus, com as estrelas”. Para no outro dia retornar cedo. Antes mesmo do sol nascer.

Antônio da banha pegava cedo no trabalho. Transformar o toucinho em torresmo exigia-lhe a responsabilidade de chegar ao trabalho de madrugada e muitas vezes trabalhar para além do por do sol.

Antônio da banha também trabalhou em outras ocupações no frigorífico. Mas, parece ter se firmado com a ocupação da banha, onde, inclusive, lhe rendeu o apelido dentro da fábrica. Ele trabalhou muito. Recorda-se que se deslocava para o frigorífico às três horas da manhã, donde retirava o toucinho e “limpava as máquinas” para iniciar o processo que separava o torresmo da banha. Além disso, o andamento da produção na sala da desossa dependia do seu trabalho. Ele precisava tirar o toucinho dos porcos das mesas para depositá-los logo em seguida nos digestores. Sua tarefa era transformar e separar a banha do couro do porco. O ritmo de seu trabalho dependia da produção diária. Como a produção oscilava,

³² Lena, 52 nos, cozinheira. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 09 de Maio de 2013.

trabalhar de “serviços gerais”³³ parece ter sido o lugar para onde trabalhadores iguais a Antônio eram direcionados para cumprir a jornada de trabalho diária. O termo “serviços gerais” é muito vago, mas indica a possibilidade de Antônio da banha ser direcionado para ocupações que pudessem exigir um mínimo de conhecimento do processo da produção em pelo menos mais de um setor.

Quando eu entrei comecei a raspar couro. Aí depois ali trabalhei em serviços gerais lá dentro. Depois dali fui puxar banha trabalhar na banha fazia banha. Aí eu cozinhava mais de seis oito cargas de banha por dia. Por isso me apelidaram de Antonio da Banha. Eu trabalhei muitos anos cozinhando banha. Aí depois entrou a Swift de novo na banha daí tinha dois digestores. Um cabia três mil e oitocentos quilos de toucinho e no outro cabia dois e oitocentos. Cuidava dois de uma vez só. Descarregava um moía um pouco de torresmo. Depois descarregava o outro. Trabalhei quase dez anos só num calor, num calor [...] o serviço era bastante eu tinha que entrar cedo para poder desocupar as máquinas pra poder. A hora que começava o abate as máquinas estarem tudo vagas então era obrigado a entrar não adiantava. Se não era eu que sofria depois.³⁴

É possível que as ocupações fora da fábrica tenham sido consideradas pelo conjunto dos trabalhadores as piores. O calor dos digestores e a exigência da força física para carregar os carrinhos de banha, bem como a responsabilidade com o trabalho indica a importância dos setores periféricos para o processo produtivo. Nos lugares da produção onde predominou a força física dos trabalhadores o ritmo de trabalho parece ter oscilado mais. Eram lugares da produção desprovidos de padronização e por consequência os trabalhadores tinham relativa liberdade para cadenciar o ritmo de trabalho. Foram espaços da produção onde o trabalho tendeu a ser menos fiscalizado.

O carregamento também foi uma dessas ocupações periférica à linha de produção. Entrar na câmara fria, carregar carcaças congeladas e as carnes manufaturadas costumava ser uma ocupação em que o ritmo do trabalho era cadenciado pelos próprios trabalhadores. O emprego de tecnologia no trabalho de carregamento era praticamente inexistente.

³³ A expressão “serviços gerais” foi utilizada pelos trabalhadores em algumas entrevistas. O termo foi narrado por eles quando precisaram dizer que eram aptos a trabalhar em outros setores. Esse termo não foi utilizado por eles de forma negativa, como se não tivessem especialização definida na produção e que isso lhe conferisse um status negativo dentro da fábrica, como parece acontecer em inúmeras fábricas de hoje, onde o trabalhador “sem especialização” é empurrado para diversas ocupações precarizadas que são serviços rasteiros, sujos e muito dependentes do processo da produção, altamente vigiado e inferiorizado pela hierarquia das fábricas.

³⁴ Antônio da banha, 65 anos, operário. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Marcos da Silva de Oliveira no dia 05 de abril de 2011.

Pela madrugada, Guaíba e um grupo de trabalhadores carregavam nos caminhões a produção do dia anterior. Por ser um trabalho pesado, cuja força física é indispensável e pelo fato da câmara de armazenamento da produção ser ambiente muito gelado, o carregamento foi uma ocupação ruim para se trabalhar. Além disso, Guaíba lembra que quando chegava carregamento de milho e soja para o beneficiamento na fabriqueta de ração, trabalhadores iguais a ele eram procurados para descarregar caminhões. Os anos em que Guaíba morou na Vila Operária garantiu essa relação de trabalho, já que a permanência dos trabalhadores nas casas do frigorífico facilitou o contato da chefia com os trabalhadores .

A lida com os porcos no curral parece ser outra ocupação que não despertou interesse nos trabalhadores. Além de ser uma ocupação “muito suja”, a disposição em levantar todos os dias cedo, a responsabilidade em emitir notas, de classificar, pesar e saber negociar o preço dos porcos com o colono afastou o conjunto dos trabalhadores desta ocupação. A ocupação onde Antônio da banha trabalhou por mais de dez anos parece não fugir muito esta regra. Remover a banha, raspar o coro, carregar mais de oito cargas de toucinho por dia não parece ter sido fácil. Além do ambiente de trabalho escaldante à beira dos tachos de feitura da banha.

Antônio da banha não se enquadrou em nenhum grupo de trabalho dentro das etapas definidas pelo processo produtivo. Trabalhou no calor muitas horas por dia, dificilmente alternou ocupações. O trabalho com a banha foi dependente do ritmo das máquinas, mas foi uma ocupação basicamente orientada pela tarefa necessária. Por isto, pode-se dizer que Antônio da banha trabalhou em uma ocupação que é deslocada dos postos especializados da industrialização da carne do porco. Com efeito, seu trabalho é indiretamente cadenciado pela linha de produção, bem como indispensável para o início do processo produtivo, já que acordar cedo para remover a banha das máquinas lhe impunha muita responsabilidade. Esta ocupação desgastava muito. Por mais de doze horas por dia o calor dos tachos lhe sugou as energias, o que não passou despercebido por ele.

Por outro lado, ocupações iguais a de Antônio da banha, cuja atividade necessita de muita disposição e responsabilidade dos trabalhadores, pareceu render relativa autonomia na organização de seu trabalho. A relativa autonomia centrava-se mais na execução que na preparação para o trabalho.

É certo presumir que ele próprio não gostasse de chegar ao frigorífico duas ou três horas antes dos restantes dos trabalhadores. Mas, a adequação nos horários foi necessária

para não “sofrer” depois. Evitar o acúmulo e a intensificação do trabalho fez parte do controle que Antônio da banha teve por alguns anos de trabalho no frigorífico. Isto denota a possibilidade, mesmo que limitada, da organização de seu próprio trabalho.

Durante dez anos em que Antônio da banha trabalhou a insalubridade e a exploração do trabalho fez parte do cotidiano dele. Dez horas de trabalho ao dia, durante dez anos no preparo da banha e do torresmo não parece ter sido uma experiência fácil. Mas foi nesta condição do trabalho industrial, em que trabalhadores como ele contestavam diariamente sua condição e mantinham sua sobrevivência. Os resultados foram diversos. Muitas vezes os trabalhadores eram rearranjados dentro da fábrica. Mudavam de setor ou permaneciam em ocupações, caso a alternância fosse indesejada. Aconteceu com o próprio Antônio da banha. Como desdobramento de uma de suas reclamações ele foi parar em outro setor.

Eles ficavam bravos comigo. Às vezes eu xingava eles porque eles não me pagavam insalubridade. Aí eu xingava eles, eles me tiravam me colocavam lá pra cima no salão para o abate. Mas igual, no calor de novo. Saía de lá até a bota tinha água de suor.³⁵

Antônio não parece ser o tipo de trabalhador que ficou calado quando sentiu o trabalho sugar-lhe as energias. A relação de trabalho que ele assumiu foi conflituosa, e ele soube exatamente para quem reclamar quando o controle de seu trabalho diminuiu. A natureza de seu trabalho, ocupação cuja disposição para acordar muito cedo e o calor dos tachos lhe impunham, o autorizava a reagir de maneira a contestar sua condição.

Quando Antônio da banha sentiu a exploração do trabalho, ele reagiu contra “eles” em função de garantir seus direitos, como por exemplo, o pagamento da insalubridade. Remanejar Antônio da banha para outro setor foi a solução encontrada pela chefia. O que significa que o saber fazer de trabalhadores iguais Antônio da banha também foi usado pela gerência frigorífica para controlar os conflitos no ambiente do trabalho, além de servir como argumento legítimo, entre os trabalhadores, para reivindicar melhores condições de trabalho.

O trabalho quente na lida com a banha foi argumento político de Antônio da banha para reivindicar um direito que lhe foi negado. Não pagar o extra da insalubridade parece despertar um sentimento de injustiça em trabalhadores iguais a ele. Acordar às três da manhã, remover o couro, limpar as máquinas antes de começar a produção, trabalhar o dia

³⁵ *idem*

inteiro no calor e não receber o extra da insalubridade parece ser para ele algo semelhante a um roubo. O que para o conjunto da classe trabalhadora é inadmissível. Mexer com o salário de Antônio da banha, pode ser entendido, a partir da experiência do próprio Antônio da banha, algo relativo à desconsideração ao esforço diário despendido em troca de sua existência. No caso de Antônio da banha, não pagar adicional insalubridade é fundamentalmente econômico, mas também moral.

Por “eles”, Antônio da banha parece diferenciar o trabalho dos trabalhadores encarregados pela produção do trabalho da gerência. A hierarquia da produção indicou essa separação. Composta por pelo menos quatro níveis hierárquicos entre ocupações manuais e intelectuais (trabalhadores envolvidos com a produção, líderes de setor, chefes de sessão e chefia geral), a chefia atuou diretamente no chão da fábrica. Quando houve alguma contestação dentro das relações de trabalho: desentendimentos durante a produção ou readequação das ocupações consolidadas pelo costume e rotina de trabalho, a chefia foi imediatamente procurada pelo trabalhador para resolver o problema.

Lena experimentou algo parecido. Tanto ela, como seus companheiros, chegavam cedo à fábrica. Afiavam suas facas e cada um se encaminhava até os postos organizados para o trabalho matinal. Logo os trabalhadores se encaminhavam para o setor de abate. No abate ela dominou todas as ocupações. Sabia fazer de tudo. Desde a sangria, pelagem e a evisceração. Quando houve a tentativa em remover Lena para o setor da evisceração, ela foi imediatamente procurou a chefia para resolver sua situação.

Quando o cara falou pra mim que eu ia ser transferida lá, eu mesma cheguei pro T. que era gerente, eu falei “pode me mandar embora!” Não era aquilo pra mim gente. Eu não desfaço de serviço nenhum, só que não era! Era trabalhar na sala das vísceras. Então aquilo o meu estômago não ia deixar eu de manhã cedo começar lá.³⁶

Lena e Antônio da banha conseguiram, mesmo que imediatamente, resolver seus problemas. Lena não foi para a evisceração, onde o trabalho lhe causava náuseas. Possivelmente ela já havia experimentado este trabalho. Deste ponto de vista, é certo que esta experiência tenha prevenido o deslocamento, já que Lena o havia conceituado como uma ocupação indesejada dentre as possíveis no setor de abate. Antônio da banha conseguiu

³⁶ Lena, 52 nos, cozinheira. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 09 de Maio de 2013.

a remoção de posto. Mas parece não ser exatamente o que ele quis. A dependência da produção do frigorífico de trabalhadores como Lena, parece caracterizar o impulso de Lena em relação a refuta do trabalho que ela julgava como ruim.

Para Lena, que “nunca perdeu um dia de trabalho”, ir parar em uma ocupação que lhe causava enjoos parece desconsiderar o trabalho que ela vinha desempenhando, ao ponto dos conflitos com os chefes imediatos permanecer em sua memória.

Antônio se apega ao direito da insalubridade justamente para direcionar a responsabilidade à chefia por sua condição de trabalho. Lena também. Quando ela foi procurar o gerente geral da produção, Lena indica os responsáveis pela situação. Ela poderia fazer um acordo no abate, já que muitos trabalhadores eram aptos ao trabalho de evisceração, inclusive seu cunhado Bigode. Mas ela não fez isto. Tanto Lena como Antônio da banha procurou responsabilizar a gerência pressionando-a em favor de seus interesses.

A condição de Antônio da banha e de Lena é amarrada por dois elementos fundamentais para a organização do trabalho industrial nos anos 70. O primeiro deles é a dependência da produção em relação à disposição e saber dos trabalhadores, o segundo, a própria natureza do trabalho de industrialização da carne do porco durante os anos de 1978-1989.

A manufatura da carne do porco, neste contexto, exigiu algumas características centrais no processo de produção. Dentre elas, a disposição dos trabalhadores às longas jornadas de trabalho, responsabilidade em lidar com máquinas de alto custo e facilmente danificáveis e contar com a iniciativa dos trabalhadores no processo produtivo. Ao formar-se este tipo de força de trabalho, a organização da produção e a hierarquia fabril necessitam dialogar cotidianamente com esta experiência. Quando trabalhadores iguais a Lena e Antônio da banha sentiram a contradição entre a disposição, responsabilidade, assiduidade e iniciativa para o trabalho que lhe eram requeridas contrastadas às arbitrariedades das relações de produção a reação foi imediatamente conflituosa. Pois trabalhadores iguais a eles, que tinham muito a perder com a falência do frigorífico, avaliavam também, que eles eram indispensáveis para a reabilitação econômica da fábrica. Lino identificou isso, ao salientar que “eles também precisavam da gente”. Além disso, a estava condicionada pela consciência adquirida no processo de proletarização de homens e mulheres que foram arrancados do campo para tentar vida melhor na cidade. Essa preposição dos trabalhadores é fundamentalmente econômica, já que o trabalho em frigorífico correspondeu a possibilidade

de levar uma vida digna. Essa percepção parece ter sido compartilhada no universo social no qual trabalhadores, como Guaíba, constituíram-se.

Sai e vai trabalhar no frigorífico” ela falou, “porque lá eles te assinam a carteira. Depois quando você ficar velho você se aposenta, daí você pode ir morar lá com nós” ela tem uma sorveteria lá bem em frente, ela tem até hoje. Daí eu fui lá, ela foi lá falou com os cara e arrumou. Daí eu trabalho um tempo, daí quando você fica velho você se aposenta né? Não adianta você trabalhar aqui na roça.

O conselho acima é da irmã de Guaíba. Ele parece associar o tempo em que trabalhou no frigorífico com a possibilidade econômica de levar uma vida estável em relação ao trabalho no campo. A avaliação acima indica, sobretudo, um significado comum compartilhado pelos trabalhadores, que motivou e mobilizou a direção do frigorífico em atuar em função de seus interesses em relação aos interesses dos trabalhadores. Deste ponto de vista, a ação dos trabalhadores também modificou a ação da classe dirigente.

Por outro lado, a instalação de maquinários novos visou reestruturar as funções periféricas as linhas de produção, onde trabalhadores individuais realizavam operações independentes. A substituição de trabalhadores por máquinas, onde havia baixa densidade de força de trabalho, expropriou ocupações “despadronizadas” à linha de produção. Além disso, eliminou um trabalhador relativamente importante ao processo de produção da carne do porco. Deste ponto de vista, a ampliação maquinário, durante o frigorífico da Swifit Armour, além de produzir demissões, como as de Antônio da banha, também transferiu o comando da ocupação para a chefia da fábrica, já que, a instalação de máquinas maiores e mais produtivas induz a legitimação de tal empreitada.

Quando se introduziu os digestores maiores na produção da banha, readequar o modo de trabalhar pareceu também rearranjar o modo que Antônio da banha se organizou para o trabalho. O aumento do maquinário repercutiu no aceleração da produção da banha. Com efeito, Antônio da banha parece ter sentido as máquinas lhe reduzir a importância de um trabalhador até então indispensável no processo da produção.

Antônio da banha acompanhou de perto as alterações nas máquinas. No tempo da Frimesa não foi fácil. Raspar o couro e remover quilos e quilos de banha das salas de abate e de corte era um trabalho duro, exigia-lhe responsabilidade e disposição física. Relação, na qual, orientou a exploração de seu trabalho por mais de doze horas diárias. Com a ampliação

do frigorífico na administração da Frimesa, ele foi trabalhar de bóia-fria para garantir a sobrevivência. Quanto a Swift-Armour assumiu em fins de 1978, ele precisou aprender a mexer com dois digestores novos e maiores.

Estas ocupações periféricas à linha de produção parecem ter ficado obsoletas com o passar do tempo frente à reestruturação do maquinário. Os dois digestores grandes enxugaram a ocupação de Antônio da banha. Na década de 1980, Antônio da banha foi despedido. Fazia mais de dez anos que Antônio da banha trabalhava na mesma ocupação. No entanto, até 1988, a reforma e ajustes nos setores periféricos a linha de produção pareceu não alterar o ritmo de trabalho para os trabalhadores do abate e da desossa.

No entanto, as ocupações não fixas dentro da fábrica e de dependência da produção parecem ter protegido setores onde predominava maior número de trabalhadores ocupados, como as de Guaíba. Nos dois casos, tanto Antônio da banha como Guaíba, indica que o costume dos trabalhadores somado ao processo de constituição da força de trabalho, parece ter retardado o avanço imediato de expropriação destas ocupações. Isso indica, entretanto, que as relações de trabalho dos trabalhadores do frigorífico, tendiam serem conservadoras em relação à alteração do ritmo de produção e à exploração do trabalho.

Guaíba trabalhou desde muito jovem em frigorífico de abate de porco em Santa Catarina. Lá ele aprendeu o trabalho com a faca e apreendeu o processo produtivo do trabalho frigorífico. O deslocamento de Guaíba para Marechal Cândido Rondon-PR reorganizou sua vida, mas não lhe retirou o saber fazer no processo produtivo. Pelo contrário, a experiência de Guaíba foi absorvida para na produção dos frigoríficos nesta região, “tinha o pessoal que trabalhava aqui que já era bom. Finado Alceu, o Zé Guaíra, o véio Perão, muita gente que já era prática de frigorífico, o gaúcho. Já tinha experiência de frigorífico.”³⁷ O frigorífico garantia a lucratividade a partir do trabalho de trabalhadores iguais Guaíba, com experiência na lida com o corte da carne do porco. Trabalhadores como ele foram importantes na produção do frigorífico porque aceleraram o processo de formação da força de trabalho para as ocupações na fábrica. A função de Finado Alceu, Zé Guaíra, Véio Perão e de Guaíba se constituíram em relação de trabalho cujo baixo emprego da tecnologia pressionava para baixo a simplificação das ocupações. Soma-se a isso, o baixo

³⁷ Lino, 60 anos, ex-operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

emprego de trabalhadores, relação de trabalho baseadas em ocupações rotativas dentro do frigorífico, na qual dificultava, também, a simplificação do aprendizado.

Guaíba era um trabalhador que detinha conhecimento de praticamente todo o processo produtivo. Do abate, passando pela desossa até o carregamento do dia seguinte. Guaíba se encarregou instruir alguns trabalhadores para diversas ocupações. Uma das condições para trabalhar foi dominar pelo menos dois setores, o setor do abate e o da desossa. Na parte da manhã abatiam-se os porcos. Na parte da tarde, o mesmo grupo, retalhavam as peças preparadas na manhã do dia anterior. A mobilidade das ocupações conferia a trabalhadores iguais a ele um preparo imprescindível para o ritmo da produção.

Antigamente não era que nem agora que... Hoje em dia cada um tem o serviço dele que tá câmara fria é câmara fria. Naquele tempo não. Ajudava aqui, ajudava lá, ajudava lá. Onde precisava tinha que ir. Trabalhava no corte, na matança, carregava caminhão, depois vinha pra matança, depois vinha pro corte. Depois tinha até milho de noite. Ajudava em tudo, tudo, tudo! Hoje em dia não é mais assim. Quem trabalha em câmara fria é só lá. Mas antigamente não! Onde faltava tinha que ir. Por exemplo, nós pegava cedo. Cinco horas. Carregava os caminhão que tinha que carregar cedo. Depois tomava o café e ia pra matança. Depois matava os porco até meio dia. Depois vinha pro corte. De tarde vinha pro corte, desmanchava e vinha embora. Depois no outro dia cedo, vinha de novo... Cinco horas. Pegava cedo.³⁸

A característica da exploração do trabalho dificultava a aprendizagem no trabalho, mas tornava a produção dependente de trabalhadores como Guaíba. Além disso, essa relação de trabalho aproximava o grupo de trabalhadores, também passível de reconhecimento a partir da relação de confiança e identidade de classe que começava no trabalho do corte da carne do porco e expandia no contato com a vizinhança na Vila operária.

Dominar os dois setores significou, em um universo de aproximadamente trezentos trabalhadores, garantir a produção diária. A organização do trabalho industrial nesta região parece ter seguido esta condição. Em Marechal Cândido Rondon-PR as relações sociais de trabalho parecem ter postergado a meta pretendida pelo frigorífico.

Acelerando as tarefas, pouco tempo os trabalhadores tinham para conversar, não podiam mais pegar torresmo com Antônio da banha na hora do trabalho, pregar peças com

³⁸ Guaíba, 66 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 07 de Maio de 2013.

os trabalhadores ou garantir as horas extras como renda da remuneração. Além disso, as fases do dia podiam ser atropeladas, desorganizando as etapas da produção.

O processo de industrialização do porco necessita passar por várias mãos até ser definida a mercadoria final. Neste sentido, a manufatura da produção animal exigiu grande dependência do ritmo cadenciado pelos próprios trabalhadores. Lino trabalhou muito tempo com a circular onde “a produção partia donde eu tava ali”. Lá ele se responsabilizava em transformar as carcaças dos porcos em pedaços que iam para a desossa.

Eu era carrasco eim! Eu metia o sarrafo naquela circular, muitos caras metiam os pernil nos meus pé. Jogava! (risos) eu deixava caído lá. Às vezes o chefe ficava beijudo lá. Só que isso era ordem do chefe mesmo fazer isso. Se o chefe mandou fazer isso porque que o peão não? Às vezes o peão se atrapalhava um pouquinho naquele meio de tempo o peão não vencia. Daí começava acumular, daí ia acumulando, daí ia caindo no chão. Aí de repente eu maneirava um pouco, às vezes até parava.³⁹

Lino identifica o ritmo de trabalho quando a produção tendeu aumentar. A forma de regular o trabalho a partir do aumento da produção se dava na extensão da jornada de trabalho. Quando Lino tentou aumentar o ritmo da produção e por consequência do trabalho, cumprindo ordens da chefia, os trabalhadores atiravam a mercadoria no chão. Aumentar o ritmo de trabalho significava produzir mais em menos tempo, reduzindo as horas extras que compunham grande parte do orçamento mensal dos trabalhadores. Além disso, o aceleração da produção na circular implicava na alteração do ritmo de trabalho de toda a linha de produção.

Depois de passar pelas baias, onde Alípio e João trabalhavam, o porco seguia caminho para o abate. Durante a manhã os porcos passavam pelo processo de classificação, choque, higienização, sangria, pelagem, evisceração e logo em seguida eram cortados na serra e transformados em carcaça. Ali trabalhou Lino.

Na parte da manhã Lino serrava as carcaças para que elas pudessem seguir a câmara fria. Da câmara fria elas eram retiradas somente no dia seguinte para a desossa. Ao narrar um dos conflitos na fábrica, Lino também indica que o ritmo de trabalho era cadenciado parcialmente pelos trabalhadores, de modo que a intensificação do trabalho foi logo respondida por seu companheiro ao atirar um dos pernis em seus pés.

³⁹ Lino, 60 anos, ex-operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

Os pedaços do animal seguiam rumo à câmara fria para serem desossadas na parte da tarde. O setor de abate era dividido em grupos de trabalhadores dentro da subdivisão da jornada de trabalho matinal, “na parte da manhã matava e daí na parte da tarde desossava. Que daí pegava o porco e transformava em pedaços né?”.

É que nem eu estou falando pra você. Eu trabalhava em um setor. O Antonio da banha já tinha outro setor. Ele já tinha outro setor. O Alípio era outro setor. E daí esses outros que trabalhava na maneação era só merda, aquilo voava merda pra tudo quanto é lado. Daí o chefe mandava eu pra lá eu não tava nem aí, se o porco queria subir subia, se não queria subir não subia. Pensa piá, se ficasse um porco dentro da mangueira, você não consegue pegar mais ele. Ele arroteia a mangueira inteira e não acha o portão de saída. Mas, daí o cara tinha que correr atrás daquela praga e meter o cacete e chute e o que tinha na mão. Hoje não pode né? Você sabe que...É, hoje já não é mais bem assim. Mas, é diferente. As baia, pra você ter uma ideia não é mais... o porque, o porque, que o porco não sabia mais onde era o portão. Porque era uma parede de concreto e tinha o portão aqui no canto, depois ele ficava lá sozinho ele não achava mesmo. Corria o diabo da mangueira inteira e não achava. O Alípio ajudava nessa parte de manhã cedo, tocar o porco, ou até no corredor.⁴⁰

Alípio e Antônio da banha trabalhavam em ocupações fora da fábrica. Ocupações rústicas e com margem maior de liberdade dos movimentos e no domínio do trabalho, embora fosse exigida muita disposição física e responsabilidade no processo produtivo.

Os setores em que Antônio da banha e Alípio trabalharam eram ocupações periféricas à linha de produção. Parecem ser ocupações pouca fiscalizadas. Alípio cuidava da entrada dos porcos nas baias. Ele costumava chegar ao trabalho antes do nascer do sol e retornar para casa com o sol se pondo. Cabia-lhe a responsabilidade de avaliar os lotes dos porcos que chegavam dos produtores. Nesta ocupação ele pesou, classificou, alocou e direcionou muitos porcos para o abate. Alípio e outros seis companheiros eram responsáveis por um dos dois turnos da classificação dos suínos. A fábrica inteira trabalhava em dois turnos de doze horas cada um. Ele começava a trabalhar muito cedo. Neste trabalho, Alípio estabeleceu proximidades com os freiteiros e com os colonos que vinham vez ou outra acompanhar a classificação e emissão das notas para o pagamento.

Seis horas da manhã o grupo de trabalhadores já havia descarregado os porcos do caminhão. Depois classificavam o animal pelo peso. Alípio emitia as notas conforme o crivo

⁴⁰*idem*

de sua própria avaliação. Nas baias, havia doze pocilgas com capacidade máxima de cento e trinta porcos cada uma delas. Nelas, Alípio e seus companheiros depositavam os porcos para o abate. “Tudo era movimentado por nós de manhã, cinco e meia, seis horas amanhecia e ia começa o abate”⁴¹. É certo que trabalhadores iguais Alípio e Antônio da banha também já tivessem trabalhado em outras ocupações no interior da fábrica. Isto parece ser a característica central que fundamentou a exploração de trabalho durante a década de 1970 e 1980. Os trabalhadores se organizavam em ocupações que poderiam variar dentro da fábrica. Dependendo da produção e da disposição produtiva da força de trabalho. Antônio da banha trabalhou na pelagem e na sangria. Quando foi necessário Alípio também cobriu outras ocupações.

Logo depois que o animal saía dos cuidados de Alípio e seus companheiros o porco era direcionado a um corredor que desembocava no setor do choque. Lá trabalhou Alberto Hert. Alberto foi um dos trabalhadores responsáveis em dar choque e manear o porco. O trabalho de Alberto não era nada fácil “esse cara sofreu na Swift; era maneador* de porco, ele tem os dedos tortos assim, de tanto coice de porco que levou nas mãos”. Amarrar porco e colocá-los nos ganchos mais de dez anos, legou a Alberto marcas irreversíveis nas mãos. Alípio e Alberto trabalharam anos nas ditas ocupações “sujas”. Onde “Alípio passava era aquele fedor. Porque o coitado fazia o serviço mais sujo que tinha! É porque o porco chegava da colônia lá, e daí era o serviço mais sujo.”⁴²

Nestas ocupações a força física e o trabalho “sujo” lhes garantiam determinada autonomia se comparada ao trabalho diretamente ligado ao ritmo das máquinas. Parece ter sido um trabalho menos rígido e fiscalizado. “Era um trabalho digamos sujo, se sujava bastante, trabalhávamos de macacão azul, mas era um trabalho bom de fazer, era um trabalho assim que não cansava”.⁴³

Em seguida, Alberto maneava os pés dos porcos e os direcionava um a um para o gancho da nória. Os ganchos levantavam os porcos do chão e em fileira os direcionavam até a sangria onde trabalhava seu Elmo.

⁴¹ Alípio, 53 anos, operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira no dia 28 de Outubro de 2012.

* Operário responsável por amarrar as patas de trás do porco. Manear significa amarrar, prender ou imobilizar com corda ou corrente.

⁴² Dona Linda, Zeladora. Esposa de Lino. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

⁴³ Alípio, 53 anos, operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira no dia 28 de Outubro de 2012.

Seu Elmo utilizava uma faca de dois gumes. Ele movia a faca em exercício de vai e vem, alternando os gumes a cada porco que passava. “tinha o Elmo H. ele era o sangrador. O porco quando estava maneado que ele tá lá em cima, o choque já perdeu. Aí a faca cortava pro dois lados a sangria né? O porco meteu a mão na faca dele e cortou o pulso dele.”

Lino também trabalhou neste setor. “Tinha que ter habilidade, é tinha que ter habilidade! Ali naquela área eu sabia fazer tudo, onde me mandava fazer eu sabia fazer.” Os acidentes com a faca parece não terem sido incomuns nas relações de trabalho de Lino e seus companheiros. Depois de mais de dez anos de trabalho no frigorífico, Lena ainda carrega as marcas dos cortes e as articulações grossas nos dedos das mãos. Os acidentes no trabalho fizeram parte do cotidiano de trabalhadoras como Lena e Lino.

Dava acidente. De roupa branca mesmo te levavam para o hospital, você fazia ponto. Mas assim, perto do que a gente trabalhava, e na ligeireza que tinha que trabalhar, a gente ainda fazia pouco acidente. A gente tinha uma turma assim como selecionado, que nem ele precisava ir no banheiro, eu sabia fazer o serviço dele, então eu ia. Sabe então, fazia aquele rodízio. Sempre as pessoas tinha que saber fazer mais do que um serviço, pra você substituir quando ele faltava.⁴⁴

Os acidentes parecem estar muito mais ligados a dinâmica das relações de trabalho no frigorífico do que em alguma alteração do ritmo produtivo registrado durante a década 1970 e 1980. Mesmo porque durante esse período as reformas realizadas no frigorífico (Frimesa em 1977 e a da Swift Armour em 1979), ao que indica, não alterou significativamente o ritmo de trabalho. Parece haver alguma alteração do ritmo de trabalho na passagem da década de 1980 para 1990, quando a produção do frigorífico incorporou equipamentos de proteção individual, tais como, capacete e a luva de aço. Parece que organização da produção no frigorífico dependeu do saber de trabalhadores, de modo “que saber fazer mais do que um serviço” não parece ter sido incomum no cotidiano deles. Deste ponto de vista o conjunto das relações de vida e de trabalho dos trabalhadores criaram condições para o aprendizado.

Quando Lino começou a trabalhar no frigorífico da Swift-Armour, aprendeu o trabalho de faca. Conheceu alguns trabalhadores que eram “práticos” com a faca. Guaíba

⁴⁴ Lena, 52 nos, cozinheira. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 09 de Maio de 2013.

foi um dos “práticos”. Lino deve ter aprendido também com ele. Lino gaba-se da habilidade apreendida na experiência com o trabalho. Para ele, o trabalho no frigorífico parece ter lhe oferecido a oportunidade de conhecimento integral do processo produtivo. Ele “sabia até quantos litros de água gastava um porco desde entrar no abate até tá pronto”.

Quando se tentou intensificar a produção, a compreensão global do processo de trabalho manteve o ritmo produtivo em equilíbrio e correspondente ao modo de trabalhar. Deste modo, essa relação com o trabalho dispensou a multiplicação das ocupações especializadas. A produção, embora fosse pressionada pelo o avanço da capacidade do maquinário, manteve-se dependente do saber fazer dos trabalhadores. O posto de cada trabalhador se manteve sem definição em si mesma, senão em relação ao conjunto das operações da produção.

Em 1977, quando a administração da FRIMESA anunciou a ampliação do frigorífico, a meta seria atingir “o triplo ao que era produzido antes da instalação dos novos maquinários.”⁴⁵ O que significa dizer que a estimativa de abate de cerca de mil porcos lançada em fins da década de 1969 parece nunca ter sido alcançada. A queda da produção animal no campo, a instalação de técnicas industriais na suinocultura, a concorrência com os frigoríficos regionais e com a sojicultura, somados a relação de trabalho costumeira do trabalhador, parece ter projetado para baixo a expectativa da produção.

O deslocamento dos trabalhadores pela fábrica, os rodízios, o ensino do trabalho, o domínio da produção, as etapas da produção orientada pelas fases do dia, foram destacado por Lena, Lino, Alípio, Antônio da banha e Guaíba. Tudo isto garantiu a produção na medida em que reduziu o avanço da especialização das ocupações. Deste ponto de vista, a formação da força de trabalho de frigoríficos desta região retardou o processo das ocupações especializadas. Lino identifica também as irregularidades das ocupações fixas no processo produtivo. A relação entre os trabalhadores habilidosos e os “mais lerdos” tendeu a projetar o ritmo da produção para baixo. Esta relação de trabalho parece ter caracterizado o ritmo da produção do frigorífico durante os anos em que Lino trabalhou.

Abatia e desossava lá dentro com a mínima gente que nós tinha. Então tinha peão que fazia o trabalho ali piá, fechava os zóio, ele já sabia todo o jeito e ainda ajudava o colega do lado, habilidade imensa. Só tem aqueles uns que é mais lerdo também né? Você sabe que os seres humanos não são

⁴⁵ “Frimesa experimenta novos maquinários” Frente Ampla de Notícias (11/12/1976).

iguais né? Só que ali foi escolhido, parece que era uma família tudo bom de faca.⁴⁶

Na relação de trabalho, destacada acima por Lino, ele aponta três elementos dominantes na produção frigorífica desta época. Lino parece valorizar o trabalho na medida em que “venciam” a produção diária com a “mínima gente” que tinha para concluir a produção do dia. Isto explica, em grande medida, a qualificação dos trabalhadores aptos a trabalhar em qualquer um dos três setores da fábrica. Este modo de organizar a produção parece abrir margem para a formação da “habilidade” dos trabalhadores envolvidos no processo produtivo. As diferenças entre os trabalhadores “habilidosos dos mais lerdos” em vez de gerar exclusão ou competitividade, proveio em solidariedade dos grupos de trabalho e assim foi possível ajudar o “colega do lado”. Este modo de trabalhar parece ter sido importante para estes trabalhadores. Tanto Guaíba, que ensinava jovens trabalhadores na lida com o trabalho frigorífico, como também Lino que foi ensinado por Perão, Guaíba, Zé Guaira e o finado Alceu, a lembrança daqueles tempos continuam muito viva na memória destes trabalhadores. Lino trabalhou durante quinze anos no frigorífico. A experiência no trabalho parece contar favoravelmente para a construção de habilidades e relação de confiança entre os trabalhadores como Lino. É certo que quando Lino fala sobre a habilidade que tinha era uma avaliação que ele fazia se si mesmo em relação aos outros, talvez se comparando com os mais “lerdos”. A questão é que a habilidade de trabalhadores de Lino foi constituída na relação de dependência da produção a trabalhadores iguais a ele.

Para além de garantir a vida, a relação estabelecida na produção extrapolou as paredes da fábrica. A afinidade dos trabalhadores estendeu-se, constituindo o modo de viver de trabalhadores, de modo que a organização do trabalho fosse o centro das relações estabelecidas entre eles. A experiência dos trabalhadores foi compartilhada na fábrica e se expandiu ao partilhar um modo de vida e trabalho comum.

Neste sentido, a formação da força de trabalho foi constituída em grupos de trabalho qualificados e pouco especializados. Entendo por qualificado os trabalhadores como Lino e Guaíba que conheciam o processo produtivo da carne do porco. Trabalhadores como eles tenderam a conservar o ritmo e o modo de trabalhar articulado à percepção de que a produção do frigorífico dependia, em muitos aspectos, de suas ações. Esta constatação

⁴⁶ Lino, 60 anos, ex-operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

parece ser comum entre os trabalhadores . Tal modo de trabalhar assegurou que reduzisse a especialização e simplificação do trabalho no frigorífico. A construção da “habilidade” de Lino durante os quinze anos em que trabalhou no frigorífico é antitética à especialização do trabalho. É certo que o costume do trabalho constituído pelos trabalhadores tenha sido fundamental para conservar relações de trabalho, mesmo depois que a multinacional Swift Armour comprou as instalações do frigorífico Frimesa em 1979.

O conhecimento do processo produtivo e o contato afetivo dos trabalhadores parecem gerar um conjunto de experiências que passou de trabalhador a trabalhador. Isso foi responsável por sustentar o modo de trabalhar dos trabalhadores do frigorífico durante, pelo menos, quinze anos “era uma família tudo bom de faca”.

Os modos de viver e trabalhar dos trabalhadores parece simular a instituição familiar. Os laços familiares dissolvidos pelo processo de expropriação socioeconômica dos trabalhadores foram reconstruídos a partir do parentesco facultativo, solidariedade e união de trabalhadores que experimentaram uma condição de vida e trabalho comum. Quando as coisas ficavam difíceis “os cunhados e as cunhadas”, “compadres e comadres”, que compunham a “família boa de faca”, podiam contar um com o outro. Lena ressalta esta experiência. A Vila Operária foi o espaço de relações sociais em Marechal Cândido Rondon-PR onde se reuniu um conjunto de trabalhadores cujas trajetórias de vidas e de trabalho são comuns. Para trabalhadores como Lena, entender o espaço da fábrica onde reuniam-se “uma grande família”, significou reproduzir relações sociais cujos interesses individuais passavam inevitavelmente pela condição coletiva.

Porque assim, queria ou não queria, a gente que morava na vila é como se fosse uma família. A gente sabia da vida de todo mundo, como era. Se a pessoa era querida, a gente sabia! Porque você saía de manhã, você só saía fora da porta você ia falando bom dia, e aquele monte da vila já subindo junto. Tu entende?⁴⁷

O conjunto das relações sociais dos trabalhadores: a trajetória de vida semelhante, seus costumes e seus valores formaram também as relações de trabalho no frigorífico.

O costume do trabalho no campo, na qual o trabalho é organizado por tarefas a partir das fazes do dia parece fazer parte das relações de trabalho no Frigorífico Rondon. Ele cadenciou as relações de trabalho de trabalhadores como Lena. A jornada de trabalho de

⁴⁷ Lena, 52 nos, cozinheira. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 09 de Maio de 2013.

doze horas por dia dividido pelo meio dia na troca do trabalho do abate pelo trabalho de desossa organizou o ritmo da produção no frigorífico. Muitas vezes, quando não foi possível “vencer” a produção até o horário definido, voltar para a casa na companhia das estrelas expressa o longo dia de trabalhadoras como Lena.

2.2 “TINHA DIA QUE A GENTE CHEGAVA EM CASA ASSIM, MEU DEUS COM AS ESTRELAS”: JORNADA DE TRABALHO E O SENTIDO DO TRABALHO

O processo de produção da mercadoria é definido por maior ou menor divisão do trabalho na organização social da produção. A organização do trabalho no frigorífico não avançou em direção às ocupações especializadas. A disposição do trabalhadores, em pelo menos mais de uma ocupação, caracterizou suas relações de trabalho. Também é certo, que para o frigorífico, fosse mais rentável administrar os trabalhadores em ocupações não fixas e assim estender a jornada de trabalho para “vencer” a produção diária.

Durante a década de 1970, a manutenção das relações de trabalho no frigorífico bateu de frente com as tentativas de aumentar o ritmo do trabalho. As relações de trabalho, mesmo depois de pelo menos duas administrações diferentes (Frigorífico Rondon para Frimesa em 1974 e da Frimesa para a Swift-Armour em 1977), não alcançou o nível esperado de reprodução das ocupações especializadas. Isto preservou, neste período, o modo de trabalhar destes trabalhadores, na medida em que as implantações técnicas não deram conta de desqualificar o saber de trabalhadores apreendido no dia a dia. Porém, este modo de trabalhar foi preservado a partir da exploração do trabalho em jornada de trabalho extensiva.

Deste modo, o processo de produção abrigou trabalhadores no ambiente da fábrica em uma jornada de trabalho que variou entre doze a dezesseis horas por dia. A dinâmica de exploração do trabalho pôde ser apreendida na experiência de trabalhadores como Antônio da banha, João, Guaíba, Alípio, Lino e dona Linda, Bigode, Lena, Chico e Tonhão. O nível de divisão e intensidade do trabalho na organização da produção repercutiu no modo em que trabalhadores iguais a eles administraram suas vidas em função do trabalho. “Chegar em casa com as estrelas” e levantar da cama “antes do por do sol” caracterizou essa dinâmica. A capitalização do trabalho excedente foi proporcional ao aumento gradativo da jornada de trabalho em sua forma horista.

Eu ganhei dinheiro aqui nessa Swift, hora-extra podia fazer a vontade, nós em oito funcionário pra tocar uma fábrica de ração inteira, carregamento, produção, descarga, tudo! Então, era puxado, mas dava pra ganhar bem. Sempre, quem mexia no pesado ganhava bem. Eu ganhei dinheiro. Era bom, tempo que não volta mais né?⁴⁸

É certo que o fetiche por salário alto tenha despertado em trabalhadores como Chico uma dimensão positiva. E talvez até fosse mesmo. Seja para complementar renda com as horas e viver um pouco melhor, seja para ratificar a sua imprescindibilidade na produção. Penso que seja os dois juntos somados a extração de mais valia a partir do tempo excedente no trabalho.

Para Chico, assumir que o trabalho foi “puxado” significou entender que não dependia da vontade dele as doze, treze, às vezes até quinze horas de permanência diária no ambiente fabril. Esta parece ter sido a condição para trabalhar. Por outro lado, a produção da ração dependeu muito da disposição e do saber apreendido por Chico, tanto na coordenação dos rodízios, como na operação das máquinas de ração.

Chico foi operador na fábrica de ração da Swfit-Armour. Sob o ritmo de máquinas de ração movida à lenha, ele fazia os reparos necessários e trocava as peças. Ali conheceu Cabeção, e trabalhou com mais dezesseis trabalhadores entre saqueiros e operadores. Cabeção foi seu companheiro, o operador que alternou os turnos de doze horas com ele.

Na medida em que trabalhadores como Chico e Cabeção sente o dia esvair-se no espaço da fábrica, por outro lado, a hora-extra lhe garante uma composição complementar na renda mensal. No entanto, isto não significa que os trabalhadores não tenham sentido as implicações deste modo de trabalhar. Entretanto, ao reconstituírem o modo de trabalhar desses trabalhadores, pode-se identificar melhor os sentidos que eles atribuíram ao trabalho no frigorífico.

Que era assim oh, nosso gerente não gostava que faltasse serviço, mas quando tinha folguinha, nós, nós do chiqueiro, dos suínos, quando tinha folguinha, a gente debruçava em cima de uma mesa ou deitava até em cima de uma mesa mesmo dormia sossegado, tava tão acostumado que nem, pra ti ter uma ideia, uma ideia, eu saia do serviço⁴⁹

⁴⁸ Chico, 60 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira no dia 03 de Fevereiro de 2010.

⁴⁹ Alípio, 53 anos, operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira no dia 28 de Outubro de 2012.

Durante os anos de 1970 e a década de 1980, o frigorífico empregou a força de trabalho basicamente por migrantes. Muitos trabalhadores vieram para Marechal Cândido Rondon-PR movidos por promessas de garantia de emprego, remuneração, habitação, água e luz. Para trabalhadores como Alípio e Guaíba o trabalho no frigorífico foi uma extensão da casa. “Há aqui tinha uma turma boa. Aqui no tempo da Swift-Armour era uma equipe boa de faca.”⁵⁰. Descansar entre uma classificação de porcos e outra indicou a característica da relação de trabalho em que Alípio e seus companheiros do “chiqueiro” formaram neste processo. Esta relação de trabalho se constituiu no alongamento da jornada de trabalho em função do ritmo da produção. Neste sentido, a produção da mercadoria envolveu uma série de costumes ainda muito ligada à vida do campo.

A jornada de trabalho de “sol a sol” orientou estes trabalhadores. Seja no nascer do sol até o por do sol do primeiro turno, ou do por do sol ao nascer do sol no segundo turno. Assim como a lida manual com o porco no curral, a conversa com o colono no descarregamento dos porcos, o cozinhar da banha, a feitura do torresmo, a pelagem, o trabalho com faca, assim como as demais ocupações. Esta relação com o trabalho foi, contudo, subordinada ao ritmo das máquinas e da jornada de trabalho extensiva.

O tempo despendido para a produção parece ter considerado a condição de trabalhadores dispostos ao trabalho, mas sob determinado ritmo de produção que “às vezes até parava”⁵¹. As reclamações de Antônio da banha quando sentiu o desgaste da longa jornada de trabalho e o calor do trabalho com a banha, as folguinhas, as conversas de Lena com os trabalhadores da linha de produção, o deslocamento dos trabalhadores em forma de rodízio, os pernis de porcos jogados aos pés de Lino quando resolvia acelerar a produção, o chefe “beijudo”, o conhecimento global da produção, tudo isto transformou estes trabalhadores em sujeitos que agiram no cotidiano da fábrica.

Manter relações de trabalho, o ritmo e o desempenho na produção. Em grande medida o ritmo da produção era orientado também por saberes dos trabalhadores. Em alguns lugares estratégicos, periféricos a linha de produção, tais como o curral, o armazenamento da banha, sala de máquinas, a serra era comandado por trabalhadores que tinham relativa autonomia em relação a linha de produção. Além disso, a permanência dos trabalhadores na

⁵⁰ Guaíba, 66 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 07 de Maio de 2013.

⁵¹ Lino, 60 anos, ex-operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

fábrica, regulado por uma extensa jornada de trabalho, era sentida pelos trabalhadores. Compensada pela remuneração das horas extras, mas não era isenta de sentidos.

As horas-extras garantiam a demanda diária para além da extensa jornada de trabalho de doze horas diárias. Antônio da banha lembra muito bem desse tempo: “teve meses, não foi direto, que eu fazia cento e catorze, cento e vinte horas extras o mais que eu fiz.” Alípio também experimentou essa condição, onde a comparação com os dias atuais parece inevitável.

Então a gente podia fazer hora extra na época dava fazer, daí o salário melhorava bastante, hoje em dia os salários tão muito baixos, muito baixos é a, o que eu te falei a mão de obra muito ociosa aí tem gente que se prevalece [...] E na época não a gente podia fazer hora extra a vontade, então não existia, difícil a empresa que tinha três turnos, era só dois. As empresas pagavam extra, o pessoal não reclamava tava ganhando bem, daí fazia dois turnos de doze horas.⁵²

No entanto, as brechas durante o processo produtivo requeriam de trabalhadores como Alípio a assiduidade e a compreensão de que o retorno para casa dependia do cumprimento da tarefa diária.

Embora, se “ganhasse bem”, o alongamento da jornada de trabalho foi despótico. Muitas vezes, João chegou exausto em casa. Trabalhar o dia inteiro no frigorífico não parece ser uma opção para trabalhadores como ele.

Eu chegava em casa me jogava em cima da cama e pensava não vou voltar mais! E se eu me acordar eu volto, desse jeito não. Dali um pouco me acordava me agarrava na sacola e voltava de novo [...] porque eu porque eu precisava trabalhar, precisava trabalhar!.”⁵³

É certo que as “folguinhas” de Alípio e seus companheiros tenham sido recuperadas durante o tempo de permanência dos trabalhadores na fábrica. A mesma permanência arbitrária que fez trabalhadores como João pensar em desistir do trabalho.

A mais valia foi regulada a partir da jornada de trabalho longa, materializando-se nas horas extras. O alongamento da jornada de trabalho foi a estratégia adotada pela organização do trabalho em que João e seus companheiros trabalharam. Observou-se, de acordo com a experiência desses trabalhadores, que a mais valia é proporcional à

⁵² Alípio, 53 anos, operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira no dia 28 de Outubro de 2012.

⁵³ João, 56 anos, operário. Entrevista realizada por Rinaldo José Varussa em fevereiro de 2011.

permanência dos trabalhadores na fábrica e não em função do aumento da intensidade do trabalho. Isto significa que o excedente do trabalho dos trabalhadores lhes foi retirado conforme a permanência destes nas fábricas, de modo que o ritmo de trabalho tenha sido parcialmente cadenciado pelos trabalhadores.

Por outro lado, na época de pico da produção a dedicação ao trabalho no frigorífico pode ser considerada como central na vida dos trabalhadores. Vencer a produção condicionou o ritmo de vida destes trabalhadores. Esta experiência ainda está muito viva na memória de trabalhadores como Lino:

Nossa, eu chegava a fazer... Que nem eu to falando pra você. Se eu pegava quatro e meia da manhã, imagina... Das quatro às sete e meia, eu já faço, duas horas e meia de horas extra. Daí eu ficava mais até nove dez horas, meu horário era até cinco e vinte, ficava até nove, dez, onze horas, imagina quanta hora extra⁵⁴

Lino trabalhou neste regime de exploração do trabalho. Ele lembra que quando a demanda da produção aumentava, ele fazia muitas horas extras para poder dar conta do trabalho diário. Considerando o alongamento das horas trabalhadas como um recurso organizacional da produção, trabalhadores como ele “tinha dia que [...] chegava em casa assim, meu Deus com as estrelas.”⁵⁵

A competição da força de trabalho com os frigoríficos do Oeste paranaense, especialmente o da Sadia em Cascavel-PR e por algum tempo o da Frimesa em Medianeira-PR, pode ter reduzido a oferta de força de trabalho disponível. O que pode esclarecer muito sobre o regime de trabalho no frigorífico de abate de porcos em Marechal Cândido Rondon-PR nas décadas de 1970 e 1980. Além do mais, trabalhadores iguais Guaíba, Alípio e Bigode foram procurados para trabalhar no frigorífico durante os anos 70.

Este contexto também ajuda a esclarecer, em parte, a manutenção das relações de trabalho nestes anos. A fábrica foi pressionada a manter o modo de trabalhar porque dependeu dos trabalhadores e dos costumes do trabalho “do monte da vila” para garantir a produção. “Dava bastante hora-extra. A gente fazia bastante hora-extra. **Era pouca gente**

⁵⁴ Lino, 60 anos, ex-operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

⁵⁵ Lena, 52 nos, cozinheira. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 09 de Maio de 2013.

né? Tinha pouca gente e bastante hora, fazia bastante hora.”⁵⁶. É possível afirmar que pagar horas extras fosse mais rentável para o frigorífico do que contratar novos trabalhadores. Mas, isto não foi empecilho para que trabalhadores como Lino não pudessem entender sobre a sua importância no processo da produção, tampouco a percepção de que estavam sendo explorados.

Nesse sentido, as relações de trabalho no frigorífico foram condicionadas pelo baixo emprego de tecnologia e força de trabalho. As extensas jornadas de trabalho caracterizaram a exploração do trabalho, já que o frigorífico operou com pouca força de trabalho ocupada. Nesse sentido, esse regime de trabalho dependeu de saberes e disposição dos trabalhadores ocupados. A maioria dos trabalhadores eram aptos a desempenhar mais de uma ocupação no processo de produção da carne do porco. Esta dinâmica de produção era organizado por grupos de trabalhadores que no decorrer do dia trabalhavam nos setores do abate e da desossa. Essa relação de trabalho era viável para o frigorífico, porque mantinha os trabalhadores em sistema que integrou a vila operária à fábrica.

A dependência do frigorífico, com relação a assiduidade, saberes e habilidades dos trabalhadores foram, em alguma medida, sustentados pela manutenção das relações de trabalho. Partindo disso, a fábrica foi um espaço da exploração do trabalho e também um espaço de conflito.

Os pequenos conflitos cotidianos no interior da fábrica: a reclamação na troca de setor, a avaliação negativa com relação a determinada ocupação, a crítica em relação a extensa jornada de trabalho e da insalubridade, possivelmente tenham alterado o ímpeto dos gerentes da fábrica em intensificar a produção. No entanto, a produção era organizada a partir de longas jornadas de trabalho, o que caracteriza as ocupações dos trabalhadores estafantes e superexplorada pelo fator moradia e sobrecarga do trabalho em dois turnos de 12 horas. Esse tipo de exploração do trabalho é em grande medida sustentada por fetiche sobre a remuneração. O “salário alto”, em grande medida provinha das horas extras que os trabalhadores faziam.

O pagamento das horas extras, entretanto, constituía-se de forma contraditória. Assegurar o pagamento das horas extras significou, para além do “salário alto”, também o afastamento de ocupações especializadas no interior da fábrica. É certo afirmar, também, que a exploração da força de trabalho a partir das extensas jornadas de trabalho tenha

⁵⁶ João, 56 anos, operário. Entrevista realizada por Rinaldo José Varussa em fevereiro de 2011.

assegurado a lucratividade do frigorífico. Isso só foi possível porque os trabalhadores moravam nas dependências da fábrica. Por outro lado, a vila operária também foi espaço de sociabilidade e de lazer dos trabalhadores. A partir disso, como era estruturada a vila operária? Qual sua função para a acumulação de capital no frigorífico? Ela foi responsável por criar uma rotina do trabalho para esses trabalhadores? Quais os espaços de não trabalho e de sociabilidade da classe trabalhadora? Essas foram as perguntas que motivaram a construção do terceiro capítulo. É sobre o modo de viver e os espaços de sociabilidade dos trabalhadores: as festas, os encontros semanais, os bailinhos e o futebol como espaço da ação da classe trabalhadora na região do Oeste paranaense que vou abordar no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

Vila operária: cultura e sociabilidade dos trabalhadores em Marechal Cândido Rondon-PR (1975-1990)

3.1 – A VILA OPERÁRIA DO FRIGORÍFICO RONDON

Em Marechal Cândido Rondon-PR, a formação da vila operária deve-se ao processo de constituição da produção agroindustrial. A instalação de um frigorífico de abate de porcos (1963-1992) concentrou determinada força de trabalho apta a desenvolver o trabalho de beneficiamento da carne do porco. Soma-se a este processo a migração de trabalhadores e trabalhadoras para a região localizada no Oeste do Paraná durante a década de 1970 e 1980, conforme foi registrado no capítulo 1 deste trabalho.

A produção do frigorífico foi realizada a partir do sistema fábrica-vila operária, se constituindo em uma das atividades industriais mais importantes durante o desenvolvimento agroindustrial em Marechal Cândido Rondon-PR. Dar cabo e agregar valor a uma numerosa produção suína foi uma tarefa que visou articular a fábrica a um incipiente sistema de integração econômica nesta cidade. Esse processo tomou maior proporção no curso dos anos de 1970, o qual registrou a articulação dos colonos criadores de porcos com o frigorífico e também com a migração de inúmeros trabalhadores para o Oeste Paranaense. Novas relações de trabalho foram constituídas. Alguns desses trabalhadores trabalharam como trabalhadores na industrialização da carne do porco. A constituição de vilas operárias em Medianeira-PR, Toledo-PR e Marechal Cândido Rondon-PR reuniram esses trabalhadores em espaço comum ocupado por trabalhadores migrantes que vieram para esta região do Brasil.

A vila operária em Marechal Cândido Rondon-PR reuniu cerca de cinquenta e quatro casas ocupadas por trabalhadores pobres. Alguns desses trabalhadores já tinham relativa experiência com o trabalho em plantas frigoríficas, tais como o frigorífico Swift Armour em Santana do Livramento-RS, frigorífico Seara em Santa Catarina, frigorífico Medianeira e o da Sadia no Paraná.

As casas da vila operária eram dispostas em fileiras com cerca de dois metros de distância uma da outra. Cada casa possuía cerca de cinquenta metros quadrados com três a

cinco cômodos. Dentre as cinquenta e quatro casas, quatro delas eram dispostas a postos hierarquizados no frigorífico. O tamanho das casas dos gerentes era de aproximadamente setenta metros quadrados e de alvenaria; enquanto as casas dos trabalhadores eram de madeira e tinham cerca de cinquenta metros quadrados. Algumas acomodavam duas famílias. A moradia garantia a permanência dos trabalhadores nas proximidades do frigorífico. Os trabalhadores não pagavam aluguel nas casas. Eles cumpriam em média uma jornada de trabalho que variou entre 12 a 14 horas, cuja moradia foi indispensável para reproduzir essa relação de exploração do trabalho. Cinquenta e nove famílias de trabalhadores pobres chegaram a ocupar as casas da Vila operária.

Segundo Carlos Seibert, até o ano de 1974, a vila operária era composta por seis casas. A partir de 1975, quando a administração do frigorífico passa para o grupo Frimesa, são construídas a maioria das casas que abrigou trabalhadores entre os anos de 1975 e 1980 (SEIBERT, 2008, p. 111). Não há registros de construção de casas na Vila operária depois da década de 1980. No entanto, a partir de 1980, o frigorífico não parou de contratar trabalhadores. Alguns trabalhadores que migraram para Marechal Cândido Rondon-PR passaram a dividir casa na Vila operária para não pagar aluguel.

Vale ressaltar que durante a década de 1970, o frigorífico de abate de porcos em Marechal Cândido Rondon-PR passou por três administrações diferentes. Pelo menos duas delas foram realizadas para ampliar a capacidade produtiva, até fixar a multinacional Swift Armour por um pouco mais de dez anos (1979-1989). A administração da Swift Armour visou manter o sistema Vila operária organizada pelo antigo Frigorífico Rondon (1963-1973) e ampliada pela administração Frimesa entre os anos de 1975-1977. Este modelo reproduziu a organização do trabalho industrial de outras plantas produtivas da multinacional em países da América Latina e no Brasil (SEIBERT, 2006, p. 43)

Na Vila operária de Marechal Cândido Rondon-PR moravam aproximadamente 200 pessoas, entre homens, mulheres, crianças e velhos. Se dividirmos o total de habitantes da Vila pelas cinquenta e quatro casas teremos uma média de 3,7 moradores por casa. Estima-se que trabalhavam no frigorífico pelo menos duas pessoas por casa, o que totaliza cerca de 110 trabalhadores ocupados no setor fabril.

O sistema fábrica vila operária incide sobre a classe trabalhadora de forma contraditória. A Vila operária em Marechal Cândido Rondon-PR foi um espaço onde reuniu trabalhadores assalariados em função de formar determinada força de trabalho

agroindustrial. Agrupar força de trabalho para garantir a produção dos frigoríficos, parece ser o caso desta organização do trabalho. Em Marechal Cândido Rondon-PR, é importante destacar que, o modelo fábrica-Vila operária visou também garantir a permanência de trabalhadores a partir da moradia em períodos de instabilidade da produção. Isso indica que, a moradia dos trabalhadores foi funcional para a produção do frigorífico porque a permanência dos trabalhadores nas proximidades da fábrica foi indispensável para perpetuar relações de trabalho baseado em baixo emprego da tecnologia e de força de trabalho.

Além disso, durante a década de 1970, o sistema de integração econômica entre campo e cidade ainda não garantia uma regularidade da matéria prima para o frigorífico. Ao que parece, a produção da carne do porco oscilou muito durante esse período, regulando, inclusive a permanência dos trabalhadores na fábrica a partir de horas extras e do trabalho no fim de semana. Esta organização do trabalho parece ter sido favorável para o crescimento da atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR e na região Oeste do Paraná, especialmente depois da crise da suinocultura frente à reestruturação técnica no campo paranaense durante a década de 1970.

Por outro lado, essa Vila operária também foi um espaço de relações sociais típicas de trabalhadores que migraram para o Oeste Paranaense. Trabalhadores e trabalhadoras, com trajetórias de vida e de trabalho parecidas com os trabalhadores entrevistados por mim, viveram o processo de migração para Marechal Cândido Rondon-PR. Eles se alocaram nas em vilas e bairros de trabalhadores nesta região. Trabalhadores como Bigode, Lena, Guaíba e Seu Tenório residiram na Vila operária de Medianeira-PR do então frigorífico MEDIANEIRA em 1972. Partindo dessa avaliação, a constituição das Vilas Operárias nesta região constituiu-se em espaço comum ocupado por uma numerosa classe trabalhadora nas décadas de 1970 e 1980.

Partindo disso, pretendo mapear a constituição das relações sociais de trabalhadores que trabalharam no frigorífico de abate de porcos e residiram na Vila operária em Marechal Cândido Rondon. Isto significa compreender as experiências dos trabalhadores em articulação com o universo da produção, sua cultura e modo de vida.

Trabalho com a ideia de que a construção da identidade e cultura dos trabalhadores de frigorífico em Marechal Cândido Rondon-PR deu-se a partir das experiências vividas pelos trabalhadores na fábrica, na vila operária e em outros lugares e atividades representativas para eles como o churrasco e o futebol.

É certo, entretanto, que o contexto objetivo destas relações esteja apoiado ao processo de industrialização recente em regiões do Oeste do Paraná e na exploração sobre o trabalho na concentração da riqueza nesta região.

Há uma numerosa literatura que trata sobre moradia operária. Quando Engels investigou a Situação da classe trabalhadora na Inglaterra, ele identificou que boa parte da condição de trabalhadores que viviam em cidades como Manchester ocupavam galpões, casas ou porões cedidos por capitalistas para abrigar trabalhadores imigrantes. Segundo Engels, o desenvolvimento da industrialização na Inglaterra do século XIX não somente centralizou a produção da mercadoria, como também centralizou a vida dos trabalhadores onde “os costumes e as condições dos ‘bons velhos tempos’ foram radicalmente destruídos” (ENGELS, 2010, p. 64). Aquilo que Engels chamou de “tendência centralizadora da indústria” se expandiu e fomentou novos debates.

Não é incomum estudos sobre moradias operárias partirem da perspectiva metodológica que considera esses espaços exclusivamente como lugares de dominação. Partindo desse referencial metodológico, as ações dos trabalhadores tendem a ser determinadas e limitadas pelo modelo de produção. Segundo essa abordagem, o modo de viver da classe trabalhadora aparece como se fosse produzido pela indústria. As implicações deste pressuposto podem reduzir nosso campo de investigação em vez de ampliar, ao ponto de transformar a vida social de trabalhadores, como os dos meus entrevistados, em mercadoria do capital. Não penso desta maneira.

Quando os trabalhadores falam sobre a Vila operária, eles interpretam suas vidas a partir dos espaços de convivência e de organização para o trabalho. Para os trabalhadores os espaços de sociabilidade são referência que firmam relações de classe e dotá-las de sentido.

Deste ponto de vista, a sociabilidade dos trabalhadores é entrelaçada pelo trabalho industrial e pelos espaços sociais construídos por eles nos encontros, nas festas, pela “família operária” e pelo sentimento de comunidade. Esse modo de viver se constitui em relações sociais contraditórias.

O tempo de trabalho na fábrica compete com o tempo disponível dos trabalhadores dentro e fora dela. Compreendo, entretanto, que tanto o espaço da produção como o espaço do lazer se constituem paralelamente tanto na rotina de trabalho industrial como também pelos costumes dos trabalhadores. Essa relação não é isenta de contradições. Penso que, em

relação conflituosa, o modo de trabalhar incide sobre o modo de vida, assim como o modo de viver incide sobre o modo de trabalhar.

Partindo desta percepção, como os trabalhadores viveram o processo de construção da vida a partir do trabalho no frigorífico e dos espaços de lazer e sociabilidade?

Para responder essa pergunta é importante frisar que considero os espaços dos trabalhadores como lugares onde se produz, aprende e se modifica valores. Lugares sociais que são orientados por sentimento de justiça e de pertencimento.

Partindo desse ponto de vista, este capítulo visa compreender as relações sociais manifestadas no espaço da Vila operária do frigorífico. Valorizar o modo de viver e a experiência social dos trabalhadores. Essa tarefa parte do princípio de que os trabalhadores são sujeito ativo, cujos interesses e identidades se expressam no modo em que vive em relação ao universo do trabalho. Este parece ser o caminho para compreender as pressões, limites e ação da classe trabalhadora em Marechal Cândido Rondon-PR.

A classe acontece quando alguns homens, como resultados de experiências comuns (herdadas e partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, contra outros homens cujos interesses se diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produções em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistema de valores, ideias e formas institucionais. (THOMPSON, 1987; pág.10)

A citação acima não é desconhecida. Devo ter lido ela em mais de uma dúzia de trabalhos acadêmicos. No entanto, é importante destacá-la porque a redação deste capítulo se apoia nesta proposta teórica. Também se leva em conta o fato dos trabalhadores viverem em condições determinadas. A venda da força de trabalho dos trabalhadores indica a contradição no conjunto de suas relações sociais.

No entanto, conceitos como “força de trabalho”, “mão de obra”, “proletário” são insuficientes para dar conta do conjunto da experiência dos trabalhadores, seu modo de vida, seus costumes e os sentidos que ela atribui ao trabalho e a vida. Cabe aqui, tentar destrinchar os sentidos e sentimentos constituídos e compartilhados pelos trabalhadores.

Considerando a Vila operária como um lugar de luta de classes, trabalho com a hipótese de que este espaço foi construído também pela classe trabalhadora, de tal modo que

a reorganização do trabalho não foi suficiente para evitar as contradições vividas por eles. Pelo contrário, rearranjar o modo de vida na Vila operária significou fortalecer os laços de identidade dos trabalhadores que residiram, trabalharam, lutaram e se relacionaram neste lugar durante as décadas de 1970 e 1980.

É sobre a hipótese de que os trabalhadores do frigorífico em Marechal Cândido Rondon-PR, com trajetórias de vida e de trabalho comuns, constituem-se enquanto classe a partir da vida compartilhada nos espaços de sociabilidade é que desenvolvo esse trabalho. Suas ações e percepções são norteadas por valores e costumes anteriores ao trabalho com o corte da carne do porco, cuja cultura é reunida e resignificada no cotidiano dos trabalhadores. Nesse sentido, a moradia, o conjunto das 54 casas e a relação entre cerca de cinquenta famílias, formam o espaço objetivo da moradia e de relações sociais entre trabalhadores de frigorífico.

3.2 – MORADIA E SOCIABILIDADE DOS TRABALHADORES

A situação habitacional da Vila operária em Marechal Cândido Rondon-PR tem paralelo com a lotação média das Vilas Operárias de grandes pólos industriais em cidades como São Paulo durante a década de 1980: “uma avaliação atual da quantidade de moradores das casas das Vilas Operárias indica uma média de 3,9 moradores por casa” (BLAY, 1985, pág. 157).

As moradias da Vila operária em Marechal Cândido Rondon-PR não podem ser consideradas permanentes. Mesmo porque as casas da Vila operária foram sendo construídas no processo de fortalecimento da atividade industrial. Elas eram de propriedade privada do frigorífico. Isto não passou despercebido pelos trabalhadores. Fátima parece considerar esta condição:

Há, demorava. Tinha que esperar alguém construir, alguém que mudasse, algum funcionário ganhasse a conta da empresa, aí desocupava uma casa, aquele que estava na vez ou o mais necessitado ganhava a casa, mas era demorado né?⁵⁷ (Grifo meu)

Fátima comenta acima sobre o processo de alocação dos trabalhadores nas casas da Vila operária. Para Fátima, ter acesso a habitação na vila significou poder alocar sua mãe e os quatro irmãos e reconstruir a vida neste espaço com outros trabalhadores. Segundo ela,

⁵⁷ Fátima Cattini, 53 anos, auxiliar de enfermagem. Entrevista realizada em 07/05/2013.

havia uma lista de espera, da qual os critérios são definidos pela organização da produção. O fato de ser “demorado” para conseguir uma casa para morar na Vila operária parece indicar para um baixo índice de rotatividade no frigorífico. Também indica que a construção de casas na Vila não se expandiu durante a década de 1980. Por ter “que esperar alguém construir” é evidência de que havia a percepção de trabalhadores como Fátima de que a casa concedida pela fábrica não é o lugar ideal. A possibilidade de construir um domicílio permanente retrata o status de temporariedade da moradia na Vila.

Entretanto, para trabalhadores como Fátima, a moradia é considerada um valor que assegura uma condição mínima de dignidade. Inclusive, se tornando um fetiche que varia entre a condição mínima de existência ao “sonho da casa própria”, como avalia Fátima, ao considerar a moradia na vila importante, na medida em que ressalta a possibilidade de “alguém construir”. Em alguma medida, a casa na Vila foi oferecida como um atrativo para trabalhadores com disposição para aprender o trabalho no frigorífico e uma possibilidade de reconstituir sua vida e os laços familiares. Com foi o caso de Fátima.

Além disso, a oferta da moradia também dialogava com as políticas patronais dos frigoríficos do Oeste do Paraná para atrair força de trabalho minimamente qualificada, como é o caso de Guaíba.

Na época que o cara me buscou lá em Cascavel-PR daí já tinha a casa estava pronta aqui. Eu vim de lá, a casa já estava pronta aqui, tava reservada, quem era bom de faca. Daí a gente veio e a casa tava pronta! Eles foram buscar lá a minha mudança⁵⁸ (Grifo meu)

Do ponto de vista técnico, a localização da Vila operária nas proximidades do frigorífico garantiu a permanência dos trabalhadores em suas dependências:

Há aqui tinha uma turma boa. Aqui no tempo da Swift Armour era uma equipe boa de faca. Sabe por que era? Morava todo mundo pertinho. Então levantava ali. Dez minutos já estavam no serviço.⁵⁹

⁵⁸ Guaíba, 66 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 07 de Maio de 2013.

⁵⁹ Bigode, 57 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de maio de 2013.

Guaíba percebe a função da moradia na vila para a organização do trabalho no frigorífico. Por ser uma atividade onde os grupos de trabalhadores garantiam a produção da mercadoria no frigorífico em diversos setores, a moradia também pressionou os trabalhadores a se organizar para o trabalho. Onde a mobilização da força de trabalho e a extração da mais-valia se constituíram em relação de trabalho sob extensa jornada de trabalho. Depois de aproximadamente vinte anos, Bigode ainda se lembra da rotina do trabalho. Da preparação à execução das atividades no frigorífico:

Eu acordava quatro horas da manhã. Daí eu começava às cinco horas da manhã. Pra ir até a empresa naquela época, eu morava lá em baixo, dava uns mil metros mais ou menos. Da vila lá em baixo até aqui em cima! Daí eu ia, começava as cinco horas, fazia o que tinha que fazer, ajeitava os negócios para começar o abate as coisas, as facas e afiava as facas aí trabalhava até meio dia. Aí ia pra casa almoçava, aí começava uma e meia aí ia até as cinco, às vezes passava também. Fazia horas extras, às vezes precisava fazer horas extras porque o serviço não... E era assim. Todo dia a mesma...⁶⁰ (Grifo meu)

A rotina de trabalho parece ter organizado a vida de trabalhadores como Bigode e Guaíba de modo que a produção no frigorífico pudesse ser convertida em mais ou menos trabalho podendo estender ou diminuir a jornada a partir das horas extras. Assim, as relações de trabalho eram reguladas pelo tempo de permanência dos trabalhadores na fábrica em função da produção e não da produção dos trabalhadores em função do tempo. Característica marcante que parece constituir parte significativa das relações entre capitalistas e trabalhadores em frigoríficos como os de Marechal Cândido Rondon-PR durante a década de 1970. Cabe aqui, entretanto, destacar que essa rotina do trabalho somente foi possível porque assegurou a permanência de trabalhadores nas moradias na vila operária.

O fato da rotina do trabalho não ter sido eliminado da memória de Bigode indica que, além de marcante, ela era compartilhada pelos demais trabalhadores:

A gente sabia da vida de todo mundo, como era. Se a pessoa era querida, a gente sabia! Porque você saía de manhã, você só saía fora da porta você ia

⁶⁰ *idem*

falando bom dia, e aquele monte da vila já subindo junto para o trabalho no frigorífico.⁶¹

Saber a vida de todo mundo, como afirma Lena sobre as lembranças de quando morava na vila e trabalhava no frigorífico, indica relação de pertencimento dos trabalhadores no frigorífico, na qual a rotina para o trabalho não foi capaz de eliminar, já que o fato dos trabalhadores morarem “tão pertinho, dez minutos já estavam no serviço, cada pouco tava em casa”⁶².

Por outro lado, é certo que o espaço da Vila operária, incluindo a moradia, visou controlar a força de trabalho para garantir a acumulação de capital da fábrica. Deste ponto de vista, a organização das casas, a localização e a diferença do tamanho e qualidade da moradia, tendem a reproduzir, no espaço da Vila, a divisão do trabalho que existe dentro da fábrica. Na Vila operária de Marechal Cândido Rondon-PR isso não foi diferente.

A disposição das casas seguia à hierarquia da divisão do trabalho no frigorífico. As quatro casas de alvenaria, na qual residiam os chefes, eram dispostas frontalmente e muito próximas ao frigorífico, enquanto que na parte de trás do frigorífico eram organizadas as casas dos trabalhadores em aproximadamente um quilômetro da fábrica.

Além de reproduzir hierarquia das relações de trabalho no frigorífico, a moradia garantia também outras formas de acumulação do frigorífico. Quando a produção baixava frente o declínio da suinocultura no campo e a disputa pelo espaço cultivável recrudescia devido à produção vegetal, a moradia mantinha a força de trabalho permanente. Algumas vezes trabalhadores como João trabalharam na roça para incrementar sua renda.

Dava bastante hora extra, agente fazia bastante hora extra. Era pouca gente né? Tinha pouca gente, então a gente bastante hora, fazia bastante hora. Geralmente eu era uns que fazia mais hora, porque eu precisava trabalhar, precisava trabalhar! Não existia nada, Pouca coisa. Pouca coisa! Então tinha que trabalhar. Eu era o primeiro a chegar e último a sair, houve vez que tinha essa ervilha. Colheita da ervilha aqui também, houve vez que entrar o mês inteiro, eu saía duas e meia da manhã e quatro e meia eu entrar de novo. Eu chegava a casa me jogava em cima da cama e pensava não vou voltar mais! E se eu me acordar eu volto, desse jeito não. Dali um

⁶¹ Lena, 52 anos, cozinheira. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 09 de Maio de 2013

⁶² Guaíba, 66 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 07 de Maio de 2013.

pouco me acordava me agarrava na sacola e voltava de novo.⁶³ (Grifo meu)

João nos informa sobre o tempo em que intercalou o trabalho no frigorífico com a colheita de ervilhas. A plantação, a colheita e o beneficiamento da ervilha em óleo vegetal foi uma das atividades paralelas do frigorífico da Swift Armour durante os anos 80. Incrementar a renda também significou ter que se desdobrar em funções muito distintas na forma de lucratividade do frigorífico.

Em contrapartida, em determinadas épocas do ano, quando a produção da carne do porco aumentava, a permanência dos trabalhadores na fábrica também aumentava. Nota-se que a elevação da mais valia se deu na forma de extensão da jornada de trabalho e no redirecionamento de trabalhadores como João para outras ocupações tanto fora como dentro da fábrica. Utilizar a disposição de trabalhadores alocados na Vila operária como João, significou explorar uma força de trabalho permanente porque dependia da moradia e da remuneração mensal. Além disso, para os trabalhadores, a moradia condicionou também um sentimento de dependência e do trabalho como obrigação.

A constatação de João parece ser construída a partir da vivência de trabalhadores como ele na Vila operária. O absenteísmo pode significar, para trabalhadores como João, a perda da moradia e do salário. Sobre isso, os trabalhadores parecem avaliar as perdas e os ganhos com relação ao universo das relações de trabalho e condições de vida. O que fazem na vida, os dilemas, conflitos não escapam às suas percepções.

Por outro lado, o trabalho de João é percebido positivamente de modo que ele perpetue a imagem de trabalhador assíduo já que ele indica que ele era “o primeiro a chegar e o último a sair”. O valor sobre o trabalho parece também alcançar outros trabalhadores que residiram na Vila operária do frigorífico: “Não falhei um dia”⁶⁴, “Nunca perdi, em dez anos de serviço, nunca perdi um dia de serviço!”⁶⁵, “Nunca perdi nenhum dia de serviço, eu sempre ficava continuava o trabalho a mesma coisa”⁶⁶. É certo que por “nunca perdi um dia

⁶³ João, 56 anos, operário. Entrevista realizada por Rinaldo José Varussa em fevereiro de 2011.

⁶⁴ Guaíba, 66 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 07 de Maio de 2013.

⁶⁵ Lino, 60 anos, ex-operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

⁶⁶ Chico, 60 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira no dia 03 de Fevereiro de 2010.

de trabalho” se avalia a moral do trabalho construída a partir das trajetórias de vida e de trabalho e da dependência de trabalhadores que tinham muito pouco, na qual a valorização pelo trabalho empreendido se associa ao que fazem da vida para manter relações muito caras para nós. O trabalho que gera a mercadoria e por consequência a lucratividade do frigorífico é o mesmo que cria condições básicas para manter relações familiares, costumes e hábitos compartilhados na vila e, muitas vezes, em disputa com os espaços da produção.

O trabalho sempre foi fundamental para a reprodução da vida social deles. As empreitadas que trabalhadores como João realizava no campo e a obrigação de tê-las realizadas e concluídas eram fundamentais para perpetuar os “bicos” entre um serviço e outro.

Além disso, a trajetória de vida de trabalhadores como João, sempre dependeu da avaliação do outro em relação aquilo que ele faz para ganhar a vida. Quando trabalhadores Guaíba, Lino e Chico avaliam sua percepção sobre o passado, eles indicam que a moradia por si só não garantia a assiduidade do trabalhador. As relações de trabalho no frigorífico também contavam com valores de trabalhadores que tiveram a trajetória de vida e trabalho marcado pela avaliação do outro em relação o que eles fazem da sua vida. A construção da moral do trabalho para estes trabalhadores parecem perpassar essa condição. Não é por acaso que o conjunto desses trabalhadores ainda hoje cultiva a necessidade de se afirmarem como trabalhadores que eram indispensáveis no processo da produção da carne do porco.

Ainda sobre o assunto que envolve a moradia, é importante perceber que a vila operária contribuiu para que os trabalhadores fossem assíduos e ocorresse pouco absenteísmo. Essa relação parece ter competido com os espaços de não trabalho dos trabalhadores. Guaíba e Bigode foram procurados para trabalhar nos fins de semana, já que é certo afirmar que o sistema fábrica-vila operária parece exercer pressão sobre os trabalhadores a partir da moradia.

Por outro lado, Alípio ressalta sobre uma das festas na Vila operária, onde a moradia também era utilizada como espaço de reconstituição de laços entre trabalhadores e construção de identidades, amizades e de manutenção de relações fora do espaço da produção.

Eu levantei da mesa bom. Não tinha nada de tontura. Mas, aí eu tinha um toca fita na época tinha umas setenta, oitenta fitas mais ou menos. Os caras me sacaniaram! Nós tinha lá pego esse toca fita música, quando peguei a

caixinha de fita, os cara tinha aberto e caiu tudo no chão. Eu peguei e me abaixei pra pega as fita. Quando me abaixei pra pega as fita fui de ponta, de ponta e aí não levantei mais. Tinha cama beliche das filhas deles. Eles me botaram na cama de baixo. Me lembro como se fosse hoje. Tu vê como o bêbado não perde o sentido não, não perde o sentido, não perde é bobagem dize que o bêbado perde, jogaram em cima daquela cama e dormi. Eles fizeram isso, eram umas quatro horas da tarde, quatro e meia, cinco horas da tarde. Eu só ia trabalha no outro dia de manhã. Ele bota a menina dele que dormia no beliche pra dormir em outro quarto. Quando foi quatro horas da manhã ele me chamo: “tá na hora”, “mas como que ta na hora?” “tá na hora, são quatro hora da manhã”. Eu dormi das quatro horas da tarde até às quatro horas da manhã aí, foi aí que começou nossa relação de amizade mesmo entendeu? Aí a gente se dava bem com ele.⁶⁷

Sobre este aspecto, as relações sociais constituídas no cotidiano trabalhadores retrata a condição contraditória dos trabalhadores na relação entre trabalho com o corte da carne do porco e vida na vila operária. Os bailinhos em uma casa da vila era uma das principais atividades de lazer desses trabalhadores. Eles eram organizados pelos trabalhadores de modo que a preparação dependesse de disposição coletiva. Além disso, esse costume é uma reprodução de encontros e bailes que trabalhadores como Lino freqüentavam quando moravam no campo. O espaço utilizado para o momento de lazer desses trabalhadores era uma das casas no frigorífico. Aparentemente essa casa era reservada para realizar os encontros entre os trabalhadores, já que havia lista de trabalhadores para residir em uma das casas da vila, como afirmou Fátima.

Além das casas, os trabalhadores criaram outros espaços que expandiram as relações de classe. Os trabalhadores construíram um campo de futebol e organizavam bailes e festas de aniversário em uma casa vazia disposta a encontros ocasionais. O divertimento nos finais de semana se associava ao dia “livre”. A celebração nos dias “livres” indica, de certa forma, a libertação simbólica dos trabalhadores do trabalho no frigorífico. O trabalho semanal havia sido concluído satisfatoriamente de modo que os conflitos e a longa jornada de trabalho no frigorífico pudessem ser manifestados, e às vezes, esquecidos nos espaços de sociabilidade desses trabalhadores.

Deste modo, a constituição das relações sociais no novo espaço também definiu novos hábitos e costumes dos trabalhadores em Marechal Cândido Rondon-PR nos anos de 1970 e 1980. Deste ponto de vista, considero a Vila operária como espaço de reconstituição das relações de trabalhadores, cujas trajetórias de vida se associam ao modo de vida e de

⁶⁷ Alípio,

trabalho no campo. No tempo em que o espaço da Vila produziu uma disciplina do trabalho voltada para a rotina dos trabalhadores em função da lucratividade do frigorífico, ela também foi um espaço de redefinição de valores e hábitos camponeses. Além da moral onde o trabalho duro dignifica as relações, também os bailes e as confraternizações, assim como o compadrio, o churrasco e o futebol são manifestações culturais anteriores ao trabalho no frigorífico.

A partir da década de 1980, a moradia foi insuficiente para o conjunto dos trabalhadores do frigorífico. A lista de espera ao acesso à moradia tendeu a alimentar as relações de poder da administração do frigorífico em relação aos trabalhadores que ocupavam as casas na Vila. Este sentimento se correlaciona também a um entendimento de dívida.

Muitos trabalhadores, incluso alguns que moravam na vila, foram contratados indiretamente por parentes que ocupavam o comando da fábrica. No caso de João foi um cunhado seu, gerente geral do frigorífico da Frimesa e Swift, que intermediou a contratação no frigorífico a partir do contato pessoal com Seu R., retirando-lhe da insegurança do trabalho informal e das “más condições de trabalho”⁶⁸. Integrar trabalhadores como Lino, Bigode, Guaíba e João na proximidade da fábrica reproduz um modelo que buscou construir progressiva dependência dos trabalhadores ao espaço produtivo regulado inicialmente pelo fator moradia. Além do mais, a moradia manteve os trabalhadores reunidos. A gratuidade da residência pressionou trabalhadores como João a não dispersassem. Tudo isso pressionou os trabalhadores. Sobre esse assunto, veremos como que essas pressões se manifestaram nas relações sociais dos trabalhadores no espaço da vila operária e na constituição da força de trabalho do frigorífico.

3.3 – A RELAÇÃO DOS TRABALHADORES NA VILA

A forma de exploração do trabalho industrial, baseada em sistema fábrica-vila operária se assemelha ao que Eva Alterman Blay identificou em estudo sobre as Vilas Operárias de São Paulo durante a década de 1980: “Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo”. O que se destaca no estudo sobre a Vila operária em Marechal Cândido Rondon-PR, parece ser comum no universo das relações de trabalho no Brasil. Isto indica que este modelo de acumulação de capital, embora recessivo e em

⁶⁸ João, 56 anos, operário. Entrevista realizada por Rinaldo José Varussa em fevereiro de 2011.

declínio, ainda operou com significativa força durante os anos de 1980 na produção fabril nacional.

Principalmente nas etapas preliminares da acumulação, a indústria evitava construir três turnos para as 24 horas do dia e procurava reter funcionários indispensáveis nas proximidades, ou seja, na Vila, para chamá-los em caso de necessidade. É claro que isto representou uma grande redução de despesas com a força de trabalho, por evitar a contratação de maior número de empregados, embora representasse um enorme desgaste para os trabalhadores – moradores que não tinham limite para a jornada de trabalho. (Blay, 1985, pág. 162) (Grifo meu)

O desgaste de João e seus companheiros, especialmente no que se refere à extensa jornada de trabalho, foi uma organização da produção comum para inúmeros trabalhadores que residiram em Vilas Operárias no processo de industrialização brasileira.

A composição das casas parece obedecer um sistema comum dentre os estudos sobre as Vila operárias no Brasil. Geralmente é um espaço de propriedade das fábricas, onde trabalhadores e trabalhadoras migrantes se alocam em função da garantia do trabalho, da remuneração e da moradia. No caso da Vila operária em Marechal Cândido Rondon-PR, os trabalhadores não pagavam aluguel, diferentemente das Vilas Operárias de São Paulo “Vila Crespi, Vila Maria Zélia, Vila Cerealina, Vila Guilherme Giordi, Vila Beltramo, Vila Nadir Figueiredo” (BAY, 1985, p. 154). Além de não pagar aluguel, os trabalhadores que compuseram a força de trabalho no frigorífico avaliaram suas condições de vida e de trabalho. Alípio parece elucidar melhor o contexto de sua decisão no processo de migração para Marechal Cândido Rondon-PR.

Em 79 veio então esse subgerente que era de lá veio pra cá porque a SWIFT. Comprou esse frigorífico aqui. Ele ligou pra lá me convidando pra vim pra cá. Como o salário ia praticamente triplicar o salário eu vim pra cá. Não pensei duas vezes eu vim pra cá solteiro. Chegando aqui eu fui trabalhando com ele me adaptei pessoa boa de trabalhar, só que lá em Livramento na SWIFT lá a mão de obra era muito barata. Porque a gente ganhava pouco? Porque era muita mão de obra ociosa. Na época a cidade era grande. Veja bem era 180 mil habitantes na época em Riveira no Uruguai do ladinho. Lá do lado só pra ver é uma avenida também com 190 mil habitantes e os uruguaios também caçavam serviços na SWIFT. A mão de obra tinha que ser ociosa e barata. Daí vim embora! Chegando aqui conheci a esposa casei constitui família né? Por aqui fui ficando.⁶⁹ (Grifo meu)

⁶⁹ Alípio, 53 anos, operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira no dia 28 de Outubro de 2012.

Para trabalhadores como Alípio, a migração para Marechal Cândido Rondon-PR só aceitável a partir do momento em que ele percebeu as implicações das relações capitalistas no Rio Grande do Sul. Alípio faz uma avaliação sobre a constituição do exército industrial de reserva e da superpopulação de trabalhadores nas cidades industriais. As implicações da caracterização de Alípio sobre seu emprego no Rio Grande do Sul são claras. Ele enxergou dificuldades em vista. O excedente populacional na cidade, a redução do salário e a vasta oferta de trabalho lhe pareceu ameaçar a condição de vida.

Partindo de sua experiência, Alípio identificou as implicações deste problema quando trabalhou na Swift Armour de Santana do Livramento-RS. Vir trabalhar em Marechal Cândido Rondon-PR parece aliviar a pressão para trabalhadores iguais a ele. Alípio certamente foi pressionado pela expectativa de ser, hora ou outra, mais um trabalhador descartável no processo de acumulação de capital em Santana do Livramento-RS.

A constatação de Alípio sobre sua condição em fins de 1970 explica o redirecionamento às ocupações distintas indústria-campo (inclusive contraditórias quando se analisa o contexto da proletarização de trabalhadores como ele) nas quais a experiência está articulada ao universo da produção agroindustrial. A permanência dos trabalhadores na Vila operária parece viabilizar que parte da força de trabalho se ocupe também em colheitas no campo. João trabalhou com ervilhas em épocas de recesso da produção no frigorífico enquanto Chico arrancou mandioca. A força de trabalho do frigorífico, composta, em grande medida, por trabalhadores migrantes, teve que lidar com as circunstâncias do processo de desenvolvimento industrial. A integração econômica entre campo e cidade também integrou trabalhadores como Chico e João em atividades ligadas a atividade industrial, paralelas ao trabalho no frigorífico, mesmo que completamente distintas e contraditórias.

Com relação a aspectos geográficos e desenvolvimento industrial, há fatores que diferenciam a composição das Vilas Operárias no Brasil. Por exemplo, ao investigar duas Vilas Operárias, o antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte aponta a diferenciação de ambas quanto ao posicionamento geográfico, a disposição da matéria prima industrializável e às condições de subsistência da classe trabalhadora. Duarte entende que estes aspectos interferem nas formas de exploração do trabalho, nas formas de se relacionar e resistir contra os espaços de acumulação de capital.

Enquanto as relações de classe da Vila operária de “Jurujuba” em Niterói-RJ conservou traços do trabalho pesqueiro, na Vila operária “Meio da Serra”, região da baixada fluminense, a condição de subsistência se concentrou na caça e na pesca. Enquanto “Jurujuba” a fonte do pescado foi o mar, no “Meio da Serra”, a fonte foi o rio. (DUARTE, 1987, p. 44-45). Sobre este aspecto, a ação da classe é circunscrita pela relação entre os trabalhadores e o meio em que fazem parte.

Nesse sentido, em Marechal Cândido Rondon-PR o processo de ressocialização dos trabalhadores de frigorífico é definido por um conjunto de valores e costumes herdados das relações de trabalho no campo, das experiências vividas no processo de proletarização e também das condições encontradas nas relações de trabalho e nas formas de sociabilidade.

Outro trabalho que merece destaque é o estudo de Giralda Seyfert sobre a Vila operária de fábricas têxteis da região de Brusque-SC, cujos trabalhadores estabeleceram relações de classe dividida entre os horários fixos do trabalho na fábrica e o trabalho do plantio e colheita no espaço da Vila operária (SEYFERT, 1987, p. 103). Por ser uma região em que predominou, até a década de 1960, o trabalho no campo, a força de trabalho da fábrica era composta por filhos e filhas de colonos que se dedicavam também às plantações sazonais no campo.

Em Marechal Cândido Rondon-PR, o processo de constituição da Vila operária no início da década de 1970 parece operar com similaridade aos dois estudos relatados. Bigode e Guaíba lembram o tempo em que chegaram a Marechal Cândido Rondon-PR durante a década de 1970. O retrato do município indica as condições da cidade e do lugar onde foi construída as casas da vila operária.

Tinha o centro, o centro já tinha. Aqui mesmo, quando eu vim pra cá, de lá de baixo eu vim pra cá. Aqui era lavoura. Tinha um bairrozinho ali em baixo ali, umas casinhas ali. Bem pouquinha! Ali pro lado de cima ali não tinha nada. Mas nada. Ali só tinha lavoura, não tinha nada, agora é que tá.⁷⁰ (Grifos meu)

Quando Bigode chegou a Marechal Cândido Rondon-PR em 1979, a caracterização da cidade não lhe escapou aos olhos. Constatar que a Vila operária era rodeada por lavoura, significa afirmar que a Vila foi constituída em espaço que dialogou com o modo de trabalho

⁷⁰ Bigode, 57 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de maio de 2013.

de trabalhadores que orientavam suas vidas a partir do trabalho no campo. Deste ponto de vista, a avaliação de Bigode se aproxima do estudo de Giralda Seyfert. Tanto as Vilas Operárias das fábricas têxteis em Blumenau-SC, como a Vila operária do frigorífico da Swift Armour em Marechal Cândido Rondon-PR foram instaladas em regiões onde predominou durante as décadas de 1960 e de 1970 o trabalho de colonos e seus filhos. Alguns desses trabalhadores, filhos de colonos empobrecidos pela definição dos espaços da produção no campo, compuseram a força de trabalho no frigorífico de abate de porcos e residiram na Vila operária e, ironicamente, criavam porcos em suas dependências. O frigorífico dispunha de carne barata para os trabalhadores, o que facilitava o churrasco, os encontros de fins de semana, festas e aniversários. Por outro lado, o porco criado no chiqueiro parece ser reprodução de um costume camponês, onde o animal aproveita os restos da comida dos trabalhadores. Além disso, “carnear o porco” no fim de ano iniciava um evento onde reunia boa parte dos moradores da Vila.

Além disso a memória de trabalhadores indica que o frigorífico foi construído em espaço que até final da década de 1970 era desprovido de construções urbanas. Por “não tinha nada”, Bigode se refere à diferença entre a Vila operária, rodeada por plantações, do centro comercial, com pavimentação asfáltica e edificações em alvenaria. Alípio quando chegou a Marechal Cândido Rondon-PR em 1979 observou que na cidade havia apenas dois bairros distantes do centro comercial. Um deles era o Higienópolis, próximo a Indústria de beneficiamento da soja para ração COPAGRIL, e o outro era a Vila operária do frigorífico.

Guaíba teve impressão semelhante do “nada” que rodeava a Vila operária. A comparação entre a Vila operária e o centro comercial não lhe fugiu a observação.

Aqui não tinha nada, aqui pra cima! Naquele tempo lá. Não tinha nada! Ali no lago ali em baixo era um baixadão com estrada de chão. Quando chovia dava aquele atolador. Era longe! Daqui lá em cima a gente nem ia, estrada de chão. Tinha um poeirão de tarde, vinha o vento pra baixo, meu Deus! Era terrível morar ali. Primeiro tinha uma fileira de casa lá em cima, bem pertinho lá do colégio. Daí de tarde o vento trazia tudo aquele poeirão. Aqui também na cidade. A cidade não era assim, era bem menos. Há uns vinte e cinco, trinta anos atrás, faz vinte anos que a Ceval fechou, daí pra cá cresceu muito. Não tinha nada por aqui. Aqui não tinha nada, nada!⁷¹
(Grifos meu)

⁷¹ Guaíba, 66 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 07 de Maio de 2013.

Guaíba destaca também a insalubridade da Vila operária. Ele aponta para as dificuldades de acesso ao centro da cidade. Morar na Vila não parece ser uma opção para trabalhadores como Guaíba, já que as condições pareceram ser muito ruins, de acordo com o seu relato. Além disso, Guaíba parece caracterizar as diferenças que havia entre o lugar onde foi construída a Vila operária do centro comercial. Enquanto várias campanhas de embelezamento da cidade despontavam nos projetos de urbanização da Prefeitura Municipal no processo de industrialização, a Vila operária, a constituição dos espaços de sociabilidade, os reparos na casa, os cuidados com higiene e a saúde ficavam dependentes da organização dos próprios trabalhadores. Guaíba, assim como Bigode, faz a avaliação de suas condições a partir dos espaços em que ocupam. Essa constatação parece estar associada a percepção de sua função no processo de lucratividade do frigorífico articulada as dificuldades de se morar na Vila operária na década de 1970. A desigualdade das condições dos trabalhadores que trabalhavam no frigorífico ao centro comercial parece incomodar Guaíba, já que alguns trabalhadores “práticos”, como ele, parecem ter prestígio com relação ao acesso à moradia e também no domínio da produção no frigorífico.

Alguns vinham de fora. Então eles davam casa, mas pra caras que nem eu que eram práticos, daí eles davam casa, não eram tudo os que tinham. Alguns tinham a casa deles. Por exemplo, alguns entravam meio recrutão, não ganhava a casa logo. É ficava, daí trabalhava, daí se via que o cara era bom de serviço daí registrava e tal, às vezes o cara tinha mulher que trabalhava também, daí um tempo arrumava uma casinha pra ele.⁷² (Grifo meu)

Não somente Guaíba, como também Lena, Bigode e Alípio tinham experiência com o trabalho em plantas frigoríficas de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e em outras cidades do Paraná. A administração do frigorífico parece ter centrado esforço significativo para trazê-los para Marechal Cândido Rondon-PR. A Vila operária era a garantia de moradia e, de certa forma, estabilidade, de tal modo que o percurso empreendido por trabalhadores como Bigode e Lena é considerável quando se leva em consideração a distância e a readaptação do modo de vida. Além da pressão que trabalhadores iguais a eles sofreram durante o processo de migração para o Oeste Paranaense. Lena e Guaíba, além da relação de confiança entre seus pares, contaram com a experiência no trabalho com o frigorífico para

⁷² Guaíba, 66 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 07 de Maio de 2013.

garantir emprego. Lena trabalhou no frigorífico de abate de porcos em Medianeira-PR, onde trabalhou com seu pai e seus cinco irmãos e Guaíba no frigorífico de abate de porcos em Seara-Sc. Lá ele trabalhou junto com Seu Tenório, que durante a década de 1970 foi responsável por gerenciar a produção e contratar trabalhadores para o trabalho no frigorífico.

Guaíba experimentou isso, pois sua migração é associada a ele e os “caras que eram práticos”. Guaíba parece relacionar o acesso que ele teve com a moradia a partir dos saberes que o levou morar na Vila operária. Pela característica do processo de produção da mercadoria no frigorífico (baixo emprego de tecnologia) foi impossível operar sem os saberes de trabalhadores como Guaíba, Lena, Bigode, Alípio e João, residentes da Vila operária. Este domínio envolvia o abate do porco, os cortes na carcaça, o retalhamento da carne, o processamento dos derivados e o manejo da carne que dependia basicamente da destreza com a faca.

A afirmação de Guaíba concorda com uma produção historiográfica que considera as Vilas Operárias como lugares da produção cujos trabalhadores são aliciados para desempenhar determinada atividade industrial. Mesmo porque, trabalhadores como Lino, que a partir de sua trajetória de vida e de trabalho podem ser considerados “meio recrutado”, aprenderam o trabalho no frigorífico a partir do acesso que tiveram à moradia. Guaíba parece discordar, entretanto, de que ele próprio tenha sido recrutado.

Os “recrutados”, segundo Guaíba, eram aqueles que tinham pouca ou quase nenhuma qualificação para a lida nos frigoríficos. Isto indica que houve uma relação de dependência de trabalhadores como Lino em relação a trabalhadores como Guaíba, bem como uma diferenciação entre aqueles que foram “convidados” para o trabalho industrial e aqueles que foram “recrutados” para aprender o trabalho no frigorífico. A linguagem militar utilizada por Guaíba não é despropositada. A disciplina do trabalho no frigorífico, na qual trabalhadores como Lino formaram-se tecnicamente como trabalhadores, parece começar pela adaptação ao trabalho. Além disso, a característica de exploração do trabalho no frigorífico tornou o aprendizado mais complexo. Para formar trabalhadores iguais a Guaíba demandou-se tempo, já que eles precisavam dominar várias atividades no processo de produção da carne do porco.

Esta relação parece se desenvolver a partir de um grau de dependência da produção. Eles também eram responsáveis por ensinar o trabalho industrial a trabalhadores como Lino.

Não conseguir aprender o trabalho significava não conseguir casa, o que implicava em ter que pagar aluguel. Isto parece pressionar duas vezes trabalhadores pobres como Lino ao aprendizado do trabalho com relativa rapidez.

Eu penei ali dentro. Você sabe que uma indústria é grande. E, ela tem porta pra tudo quanto é lado. Olha tinha peão que entrava lá dentro e não conseguia achar a porta de saída. Ele entrava aqui saía na câmara fria, saía num outro salão, saía num corredor enorme, saía na outra porta era um túnel de congelamento. Abria a outra porta era estoque. Eu penei né! O patrão mandava eu ir lá no abate, eu ia caçar o abate. Você acha que nos primeiros dias eu achava? Eu entrava aqui tinha o abate, mas ninguém falava isso pra você. Você vai aqui, vai ser lá seu serviço entendeu?⁷³
(Grifos meu)

A fala de Lino remete ao estranhamento dos trabalhadores que foram “recrutados” para trabalhar na indústria. Lino foi um trabalhador que se formou com o trabalho no campo. Aprender o trabalho no frigorífico significou também uma mudança de vida e de organização para o trabalho. As tarefas nas empreitadas ao “ar livre” nas lavouras foram substituídos pelas salas compartimentadas pela produção agroindustrial. É possível afirmar que isto tenha mexido com o imaginário social destes trabalhadores, de modo que traduzir a expressão “eu penei ali dentro” é muito difícil. Lino não “penou” só porque precisou aprender o trabalho no frigorífico, mas porque aquela relação de trabalho modificou também seu modo de viver.

Por outro lado, o espaço da Vila operária foi ocupado por trabalhadores que estabeleciam rede de contatos formados por laços de parentesco. Esta relação de classe moveu os trabalhadores de regiões bastante distintas. Muitas vezes para driblar a lista de espera da casa, duas famílias de trabalhadores dividiam uma mesma residência. Dividir uma casa em duas famílias parece ter sido o modo encontrado para alguns trabalhadores não pagar aluguel.

Destaca-se desta relação um comportamento de classe que é a informação sobre o trabalho e as condições básicas de existência posterior àquilo que Guaíba acentuou como recrutamento de trabalhadores. É o caso de Tonho, que tinha um cunhado que trabalhou no frigorífico e o contato com ele foi imprescindível para sua migração, assim como a

⁷³ Lino, 60 anos, ex-operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

mobilização de Chico, seu irmão, foi realizada por esta rede de informações estabelecidas informalmente pelo processo de migração de trabalhadores para essa região.

Sobre isso, José Sergio Leite Lopes já havia identificado semelhante movimento da classe trabalhadora quando investigou uma Vila operária no nordeste “A tecelagem do conflito de classes na cidade das chaminés.” Ao tratar de um estudo esta vila operária, Lopes identifica como que uma rede de informações entre os trabalhadores é também responsável por indiretamente reproduzir *propagandas* de aliciamentos de trabalhadores de outras regiões e estados a partir de redes de parentesco e amizade.

Esses relatos nos mostram como o processo de aliciamento, que de fato tem aspectos de propaganda, sedução e logro por parte do discurso aliciador dos *agentes* diante de uma força de trabalho potencialmente recrutável, não pode ser visto como um processo ativo por parte exclusivamente da companhia, sofrido passivamente pelos trabalhadores em suas áreas de origem. Estes últimos, através de suas redes de parentesco e amizades podem construir meios – mesmo enfrentando as barreiras próprias a formas de dominação que implicam na imobilização da força de trabalho e, portanto, o impedimento ao acesso do trabalhador ao mundo exterior – de verificar *in loco* ou através de informações secundárias, transmitidas por parentes ou colegas de trabalho previamente à transferência de sua família, as informações propagandeadas e aumentadas pelos *agentes* (LOPES, 1988, p.47)

Neste trecho, Lopes nos auxilia a compreender que a formação da força de trabalho em Marechal Cândido Rondon-PR, assim como em cidade tais como Pernambuco, é uma relação social. Além disso, as propagandas reproduzidas pelos trabalhadores parecem ser comuns no universo das relações operárias no Brasil. Especialmente no que tange a constituição da força de trabalho para grandes indústrias ou pequenas fábricas. Tonho ressalta isso e destaca sua condição enquanto trabalhador que dividiu casa para livra-se do aluguel. Para além da formação de força de trabalho por “tabela”, essa relação é construída por aquilo que podemos definir como pertencimento, a despeito, inclusive, do controle da gerencia da fábrica sobre o recrutamento e suas propagandas.

É que já tinha, tinha uns cunhado morando aqui, já trabalhava nesse frigorífico, na SWIFT. Daí eu resolvi de vir aqui né, dei uma olhada né, conversei, aí arrumei serviço e fui embora de volta, lá vendi tudo e vim embora. [...] É, só que era mais para baixo, ali tinha umas casas da firma mesmo, tinha umas cinqüenta e poucas casas que era do próprio frigorífico. Daí a gente só pagava luz e água e aluguel não pagava. Só que

daí tinha casas que depende a família pequena daí morava em duas famílias em uma casa pareia de meia.⁷⁴ (Grifo meu)

Pode-se dizer que no começo do trabalho em frigoríficos no Oeste do Paraná, o recrutamento dos trabalhadores foi uma estratégia que reproduzia determinada relação paternalista do frigorífico em Marechal Cândido Rondon-PR.

Um cunhado meu que era vice diretor daqui da Swift, ele foi lá passear lá, como ele era meu cunhado, ele me viu trabalhando lá, trabalhando em más condições. Ele resolveu vim aí falar com o seu Roberto, seu Roberto era o diretor, diretor da empresa da Swift. Ele disse “não, vai lá (?)”. E assim ele fez, o seu Roberto me trouxe eu vim, eu vim primeiro, eu vim sozinho é claro, e daí eu comecei a trabalhar. Comecei a trabalhar na Swift, nos anos 80.⁷⁵ (Grifo meu)

Os administradores do frigorífico eram responsáveis pelo recrutamento dos trabalhadores. Trabalhadores como João, cujo cunhado era um dos gerentes da fábrica. Guaíba que trabalhou no frigorífico de abate de porcos da Seara em Santa Catarina e no frigorífico de abate de porcos Medianeira em Medianeira-PR, Bigode que trabalhou também no frigorífico em Medianeira-PR e Alípio que trabalhou em uma planta produtiva da Swift Armour em Santa do Livramento-RS, foram recrutados por Tenório para trabalharem no frigorífico da Swift Armour em fins da década de 1970. Tenório foi trabalhador do frigorífico da Seara em Santa Catarina e do frigorífico Medianeira no Paraná. Em Santa Catarina, Tenório trabalhou com trabalhadores como Guaíba. Em Medianeira-PR, ele conheceu trabalhadores como Lena, o marido de Lena e Bigode. Quando Tenório transferiu residência para Marechal Cândido Rondon-PR, ele foi trabalhar na gerência do frigorífico e entrou em contato com os trabalhadores para que viessem trabalhar no frigorífico da Frimesa e depois na Swift Armour. Tenório morava em uma das casas de alvenaria na Vila operária.

Uma rede de contatos estabelecida a partir dos trabalhadores empregados no frigorífico funcionou como forma de recrutamento de outros trabalhadores. Quando Lena ainda trabalhava no campo na região de Serafina Correia-RS, um dos motivos que levou a família a migrar para o Oeste do Paraná foi o contato com um “compadre” de seus pais.

⁷⁴ Tonho, 57 anos, frentista. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de maio de 2011.

⁷⁵ João, 56 anos, operário. Entrevista realizada por Rinaldo José Varussa em fevereiro de 2011.

Possivelmente um padrinho de batismo de um de seus irmãos. A partir deste contato, foi quando sua família mudou para Medianeira-PR. Logo, Lena começou a trabalhar com seus pais e irmãos em um frigorífico de abate de suínos. Lá, Lena conheceu Seu Tenório e Bigode.

Tenório, trabalhador que ascendeu a gerente geral da Swift Armour em Marechal Cândido Rondon-PR é padrinho de batismo da filha de Lena do tempo em que trabalharam juntos no frigorífico em Medianeira-PR. Ele residia em uma das casas hierarquizadas pela composição técnica da estrutura da vila. Em Medianeira-PR, Lena também conheceu Bigode que é seu cunhado. A ligação entre o frigorífico de Medianeira-PR com o frigorífico em Marechal Cândido Rondon-PR se expressa na mobilização de trabalhadores como Tenório, Guaíba, Lena e Bigode. Pode-se dizer que formar determinada força de trabalho qualificada para trabalhar no frigorífico em Marechal Cândido Rondon também permeou esta relação. Para Lena, a migração para Marechal Cândido Rondon-PR significou a garantia de emprego, salário e moradia na Vila operária. Acrescenta-se a esta relação um sentimento de dívida de trabalhadores como Lena aos companheiros que os ajudaram com o transporte e acomodação na Vila operária.

Quando as coisas apertaram em Medianeira-PR, Lena recorreu a ajuda tanto de Bigode como de Tenório para a mudança para a Vila operária.

Daí o Bigode chegou pro meu marido e falou: “ó pra vocês o emprego está aberto, vocês sabem trabalhar, vocês tem vontade, pode vir!” O salário é esse. Depois ganhamos a casa pra morar na firma. (Grifo meu)

Desta relação, trabalhadores como Lena e Chico garantiam pelo menos três valores que se desdobravam de condições objetivas: 1) salário, 2) trabalho e 3) moradia. Somados, trabalho, salário e moradia, constituíram determinada condição de estabilidade se comparado ao processo de instabilidade no mundo do trabalho durante a década de 1970 e 1980.

No entanto, as casa da Vila operária em Marechal Cândido Rondon-PR eram insuficientes para o conjunto dos trabalhadores ocupados. A disponibilidade das casas parecem obedecer uma ordem de exigências. Durante a década de 1970 e os primeiros anos de 1980, a moradia era um espaço composto por trabalhadores, majoritariamente, com experiência com o trabalho no frigorífico. Este movimento foi acompanhado por Guaíba,

Bigode, Seu Tenório, cujo papel na produção era também ensinar trabalhadores como Lino a trabalhar na fábrica. Eles foram contratados diretamente pela gerência do frigorífico para trabalharem na fábrica. Deste ponto de vista, recrutar estes trabalhadores pareceu também acelerar o processo de formação da força de trabalho no processo de constituição industrial em Marechal Cândido Rondon-PR. Durante a década de 1980, alguns trabalhadores vieram trabalhar no frigorífico a partir de indicação de compadres e familiares consanguíneos. Trabalhadores sem experiência com o trabalho no frigorífico migraram em busca de emprego na fábrica. Soma-se a isto, aquilo que José Sérgio Leite Lopes acentuou em “O Vapor do Diabo: o trabalho dos trabalhadores do açúcar”. Para Lopes, existe uma diferença de concepção para a classe trabalhadora entre o ser *chamado* para o trabalho e o de *procurar* trabalho. Segundo o autor, essa distinção favorece as relações de poder na fábrica, pois divide os trabalhadores.

Diante dessa tendência à imobilização da mão-de-obra acarretada pela moradia dos trabalhadores em casa de usina, a distinção entre trabalhadores que *vão procurar* um novo emprego em usina e operários que *são chamados* por uma usina é um dos traços distintivos do mercado de trabalho singular dos operários do açúcar. Recoloca-se então aí, através da distinção, o poder mediador da administração sobre o próprio mercado de trabalho e mobilidade das trabalhadores: aos operários que são procurados pela usina, tudo!; aos que, ao contrário, procuram serviço na usina “espontaneamente” por terem de sobreviver ao ter deixado sua antiga casa, nada! (LOPES, 1976, p.184)

Em nosso estudo, ser *chamado* para trabalhar no frigorífico, o recrutamento para o trabalho se dá de forma direta, no mais das vezes estabelece relações pessoais entre agentes da burocracia fabril ou dos próprios trabalhadores. Lena, Guaíba, João e Bigode foram trabalhadores procurados pela burocracia do frigorífico. Deste modo, a administração fabril estabelece relações de confiança com os trabalhadores. No caso destes trabalhadores serem convocados para o trabalho, com garantia de habitação e emprego, era um prestígio, muitas vezes significado como “eles precisavam de nós”.

As diferenças entre ser *chamado* para trabalhar e *pedir* emprego teve como desdobramento a possibilidade de ter acesso a moradia na Vila operária. Ser *chamado* para trabalhar no frigorífico foi uma forma de constituir a força de trabalho com trabalhadores qualificados, na qual o fator moradia garantia a possibilidade de recrutamento. Os trabalhadores que não tinham experiência com o trabalho no frigorífico eram informados

sobre a possibilidade de se empregar na fábrica a partir de contato com parentes. Esses trabalhadores *pediam* para trabalhar. Para morar na Vila operária, esses trabalhadores precisavam se inscrever em uma lista de espera até que uma casa fosse desocupada. É certo que alguns trabalhadores qualificados, que foram *chamados* para trabalhar no frigorífico, dividiram casas com parentes que iam *pedir* trabalho. Deste ponto de vista, na Vila operária em Marechal Cândido Rondon-PR, a relação de parentesco criou uma rede de informações que aproximou os trabalhadores do trabalho no frigorífico, os reunindo em uma relação de dependência com a fábrica (pois muitos deles não tinham qualificação para o trabalho no frigorífico). Por outro lado, a relação de parentesco superou, em alguns casos, a distinção entre os trabalhadores que foram *chamados* (qualificados) para trabalhar dos que *pediram* para trabalhar. As relações de parentesco: o compadrio, cunhados e cunhadas parecem ter superado, em alguns casos, a divisão social do trabalho (entre qualificados e não qualificados) na Vila operária. O compartilhamento da moradia entre os trabalhadores, devido a insuficiência das casas, indica isso.

Para trabalhadores sem qualificação como é o caso de Tonho, a saída para se livrar do aluguel foi dividir a casa em “pareia de meia” (dividir uma casa em duas famílias). Isto significa, entre tantas coisas, que as cinquenta e quatro casas da Vila operária em Marechal Cândido Rondon-PR eram insuficientes para comportar todos os trabalhadores, de modo que a alternativa para alguns deles foi contar com a solidariedade de classe. Ao que parece o compadrio como forma de relação de classe não foi somente eficiente para recrutar os trabalhadores. Pode-se dizer que esta relação de classe também é uma cultura do trabalhador do campo e foi resignificado no trabalho e nos espaços de sociabilidade. Residir na Vila operária significou para trabalhadores como Lena garantir essas três condições, além de reproduzirem relações de parentescos similares àquelas de quando trabalhavam no campo.

As famílias parecem reproduzir esta forma de aproximação no universo de relações sociais na Vila operária. Enquanto Lena e seu companheiro trabalhavam na fábrica, a tarefa de cuidar das crianças pequenas era responsabilidade das cunhadas de Lena, “que nem a minha filha, ficou muito tempo com a minha cunhada. Duas cunhadas. Elas davam almoço, arrumavam e ela ia pro colégio”⁷⁶.

⁷⁶ Lena, 52 nos, cozinheira. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 09 de Maio de 2013

Considerando que Lena trabalhava mais de doze horas diária no frigorífico, as cunhadas dela desempenhavam um papel importante na formação individual das crianças, de modo que a figura materna fosse compartilhada.

Não era vizinho né? Nós não tinha vizinho, nós tinha uma família. Era cinquenta e uma casa. Era Dona Rosa, uma senhora que mora aqui, ela era a mãe dos filhos. Todo mundo ia trabalhar, ela que coordenava. Se ela resolvesse pegar uma cinta ou uma vara e passava em alguém, o pai chegava em casa e apanhava de novo. Porque, desrespeitou, apanhava da Dona Rosa. Porque ela andava na Vila. Ela tava sempre por ali. Ela é quem dominava a meninada. Era uma união tão bonita.⁷⁷ (Grifo meu)

Os velhos cumpriam um papel importante na organização da vida social dos trabalhadores na Vila. Coeducar as crianças enquanto os pais cumpriam a jornada de trabalho no frigorífico foi uma tarefa costumeira de Dona Rosa. A participação dela na relação com a “meninada da vila” pressupõe coletivizar as atividades nos espaços da vida social dos trabalhadores. Se dentro de casa as cunhadas e madrinhas substituíam a presença maternal, os espaços de convivência das crianças na Vila operária era responsabilidade de Dona Rosa.

Quando Linda menciona a constituição da “família operária” ela atribui a experiência vivida, bem como a coletivização das atividades da Vila operária como um valor da classe trabalhadora. Resignificar a família significou, para ela, retirá-la do conceito de família no sentido restrito do termo e projetá-la para o sentido de pertencimento de quem viviam condições de trabalho e de vida comuns.

Neste sentido, os trabalhadores reorganizaram as relações sociais no espaço definido para a produção industrial, de modo que a vida social dos trabalhadores na Vila operária fosse compartilhada. Os espaços de sociabilidade operária parecem ter sido construídos a partir dessa relação. A divisão técnica do trabalho na fábrica foi insuficiente para desarticular o sentimento de pertencimento de classe nas relações sociais da Vila operária. Muitos aspectos do modo de viver, aparentemente coletivo, estão presentes na memória destes trabalhadores: “Porque assim, queria ou não queria, a gente que morava na vila é

⁷⁷ Dona Linda, Zeladora. Esposa de Lino. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

como se fosse uma família”⁷⁸, “a gente viu ali uma família nascer”⁷⁹, “Só que ali foi escolhido, parece que era uma família”⁸⁰

Embora as casas fossem propriedade privada da empresa, os trabalhadores alimentavam algum tipo de direito sobre a casa em que moravam. Partindo disso, os espaços de sociabilidade orientaram também os momentos de resistência à exploração do trabalho, onde as relações de trabalho pressionam para a individualização no trabalho e na vida. A identidade de classe dos trabalhadores do frigorífico foi constituída em processo de redefinição desses valores. Ajustar valores e costumes nos espaços constituídos na Vila operária, também significou resistir contra relações contrárias ao modo de vida e do trabalho no campo ameaçadas pelo modo de trabalhar na fábrica.

Depois que o Frigorífico da Swift Armour vendeu as instalações para a Ceval alimentos, em 1989, houve transformações nas relações de trabalho dos trabalhadores. Na medida em que se alterou o processo de produção da mercadoria: os cortes, a disposição da linha de produção, a distribuição dos trabalhadores nas fábricas e o modo de controlar o tempo produtivo, os espaços de sociabilidade parecem ter também sofrido alterações. Deste ponto de vista, parece ter havido pressão para institucionalizar práticas sociais dos trabalhadores na medida em que também alteravam as relações de trabalho na fábrica. É sobre esse ponto que nos debruçaremos no tópico a seguir e também sobre a hipótese de que os trabalhadores resistiram a essas mudanças a partir de sistemas de referência, valores e costumes transmitidos por trabalhadores de frigorífico da região.

3.4 – ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA

É certo que a trajetória de vida dos trabalhadores e as relações de trabalho no frigorífico acompanharam a expansão do capitalismo em Marechal Cândido Rondon-PR. Na região Oeste do Paraná o capitalismo se desenvolveu no processo integração econômica entre campo-cidade e na constituição das agroindústrias. Personagens da história, tais como, Lena, Guaíba, Lino, Bigode, Fátima, D. Linda, João, Chico, Tonho e Antônio da Banha fizeram parte das relações sociais neste período.

⁷⁸Lena, 52 nos, cozinheira. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 09 de Maio de 2013

⁷⁹Fátima Cattini, 53 anos, auxiliar de enfermagem. Entrevista realizada em 07/05/2013.

⁸⁰Lino, 60 anos, ex-operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

Neste contexto, o processo de ressocialização e de sociabilidade na Vila operária compõe-se de trajetórias de vida e de trabalho em comum, valores, costumes e sentimentos compartilhados pelos trabalhadores constituem também novos padrões culturais. Eles estão presentes na experiência dos trabalhadores e é definido pelo modo trabalhar e viver na Vila operária.

Os espaços construídos *por* eles destoam dos espaços constituídos *para* eles. O espaço da Vila operária, para além de ser um lugar moralmente disciplinador, também foi um espaço dos trabalhadores que reconstituía uma moral comunitária. Possivelmente os conflitos de classe tiveram origem a partir desta dicotomia, em torno de algo que podemos definir como autonomia. A experiência social destes trabalhadores confirma isto, ao ponto da palavra “união” ser frequente na memória destes trabalhadores.

Os espaços de sociabilidade foram fundamentais para a formação desta consciência de classe, já que a constituição dela dialogou com as experiências dos trabalhadores, seus valores e costumes em (re) definição da cultura dos trabalhadores no contexto de crescimento da atividade industrial.

Sobre este assunto, é importante considerar as produções recentes de Antônio Bosi que indicam a possibilidade de explorar este campo de investigação. Segundo ele, é necessário distinguir os espaços construídos *para* a classe trabalhadora dos espaços *da* classe trabalhadora. Partindo deste ponto de vista, considero o espaço da Vila operária como um lugar que foi construído *para* a classe trabalhadora, no qual a ação *dos* trabalhadores, seus sentimentos, costumes e valores formaram um lugar comum. Esta apropriação extrapola juridicamente o que é legal e ilegal. Considera, sobretudo, a ação de trabalhadores no processo de formação enquanto classe consciente de si mesmo em relação aos espaços que ocupam.

Ó quando eu trabalhava na fábrica de ração nós organizamos um caixa, porque tem motorista que vem carrega e dava um troquinho. Daí o cara pegava aquele troco colocava no bolso era dele, né? Não dividia com ninguém. Daí um dia eu dei a ideia para eles, nós vamos se organizar e fazer um caixa, vamos juntar o dinheiro. Quando tiver dinheiro suficiente nós faz uma festinha. Daí não fica só para um, as vezes nós carregava um caminhão seis, oito peão um pegava o dinheiro ficava com o dinheiro. Então, daí organizamos, nós fazia três, quatro festinha por ano só do dinheiro de caixinha, e daí vinha os cara que tinha dinheiro pedia uma ajudinha para eles, ninguém negava. Nós fazia três, quatro festinha por ano

dava cem funcionário, cem pessoas, sem tirar um centavo do bolso de ninguém.⁸¹ (Grifo meu)

A redefinição dos costumes e dos valores da classe trabalhadora na Vila operária foi importante para aproximar trabalhadores como Lena e Guaíba. Juntos na Vila operária, os trabalhadores constituíram uma rotina para o trabalho onde a vida de cada um deles entrecruzou com outras definindo sua identidade de classe. Embora muitos aspectos da vida social destes trabalhadores inferem determinada redefinição do modo de vida camponês como o sentimento comunitário, o trabalho industrial, a moradia e os espaços de sociabilidade na Vila operária foi resultado da ação de homens e mulheres, como Bigode e Lena, no processo de constituição de espaços da classe trabalhadora no Oeste do Paraná.

Na Vila Operária em Marechal Cândido Rondon-PR, a formação dos espaços sociais contou com o sentimento de solidariedade de classe e de pertencimento. Ao organizar o caixa para os encontros dos trabalhadores, Chico também cumpriu o papel de organizá-la coletivamente. Agrega-se a isso o compartilhamento da vida social que tem origem no espaço do trabalho. O acordo firmado por Chico e seus companheiros na fábrica de ração da Swift Armour cumpre um papel importante na coletivização das tarefas. É importante observar que a organização dos trabalhadores, destacada por Chico, parte do espaço de trabalho se desdobrando em festas que reuniram mais de “cem funcionários”.

Este valor cultivado por Chico parece ser comum, já que foi culturalmente aceito pelos trabalhadores. Trata-se de uma prática em que nasce no ambiente de trabalho da fábrica e se sustenta nos espaços de sociabilidade na vila operária, mas que é compartilhada pelos trabalhadores desde os tempos em que trabalhavam no campo. Para reproduzir tais práticas culturais, trabalhadores iguais a Chico organizavam bailes e o futebol. Espaços que integraram os trabalhadores nos momentos de lazer e sociabilidade.

Uma das cunhadas de Bigode era a organizadora das festas. Na fábrica, nos horários de intervalo ou em alguns momentos de “brecha” na produção, almoço, intervalo para o café, Remi repassava as mensagens comunicando os encontros. A organização dos encontros indica o compartilhamento das tarefas na constituição da vida. A ação coletiva de trabalhadores e trabalhadoras indicam características de pertencimento de classe.

⁸¹ Chico, entrevista realizada no dia 01/03/2013.

Até era a minha cunhada a Remi, ela que organizava tudo. Ela trabalhava também. Aí ela organizava. Você dava uma coisa, você dava outra, daí você dá outra, aí um traz um refrigerante, outro leva uma cerveja, daí reunia o pessoal naquela casa. Aí fazia aqueles bailinhos ali entre famílias ali. Era gostoso aquela época. Se divertia, conversava, dava risada, era gostoso aquela época.⁸² (Grifo meu)

O futebol de fábrica também foi um espaço construído e organizado pelos trabalhadores. O futebol, como espaço de sociabilidade dos trabalhadores em Marechal Cândido Rondon-PR, já era uma prática social entre os trabalhadores em outros frigoríficos, tanto da região, quanto de frigoríficos distantes, como os da Seara em Santa Catarina e o da Swift Armour em Santana do Livramento-RS. Isso indica que o futebol foi uma prática comum no universo social dos trabalhadores de frigorífico, relativamente ligada aos momentos de lazer e de não trabalho. Para os trabalhadores do frigorífico em Marechal Cândido Rondon-PR, o futebol, além de ser uma prática esportiva também sustentou laços de identidade de classe e de pertencimento. Onde, inclusive, a habilidade não era condicionada pela divisão social do trabalho, tampouco pela hierarquia fabril. Guaíba e Bigode eram dois dos trabalhadores que já haviam jogado o futebol nas fábricas onde trabalharam.

Essa prática, ao se tornar parte da cultura dos trabalhadores é reconstituída no espaço da vila operária. As partidas de futebol reuniam filhos e filhas de trabalhadores para assistir as partidas. Trabalhadores como Dona Linda acompanhavam o futebol e torciam com fervor para o time do frigorífico.

É, eles leva nós dentro dos caminhão. Ia em peso. A família inteira, e se mexesse com um, era que nem um vespeiro sabe? Eu sei que eu tava pra nascer minha filha, e ela nasceu dia vinte e três de março. O frigorífico ganhou da Copagril. Aí deu um rolo danado. Eu não podia brigar, mas eu falava: “vai te bater!” E nós ia torcer. Nós torcia mesmo. Era assim doente! Não podia perder. (Grifo meu)

Dona linda se recorda do tempo em que andavam de caminhão para assistir as partidas do campeonato. As relações de classe se renovavam e se expandiam nos espaços sociais dos trabalhadores. Nestes espaços, como o futebol, os trabalhadores refaziam os laços que os uniam em relação a sua condição, ao ponto de Dona Linda associar uma final

⁸² Bigode, 57 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de maio de 2013.

de campeonato entre duas fábricas de Marechal Cândido Rondon-PR (Frigorífico contra a Copagril) com sua gravidez.

Bigode ainda guarda lembranças deste tempo. Não foi difícil encontrar no álbum de fotografia da família registros do tempo em que jogava futebol no frigorífico. Nota-se na imagem 1 que o campo de futebol fica no meio de duas fábricas.

Imagem 1



Time de Futebol da SWIFT ARMOUR em 1983. Ao fundo as fábricas de beneficiamento de grãos para ração. Álbum de fotografia da família de Bigode.

Na posição frontal, de onde o fotógrafo produziu o retrato, ficava o frigorífico, ao fundo, uma fábrica de beneficiamento de ração. A fotografia registra, além do futebol enquanto prática social dos trabalhadores, também a atuação dos dois segmentos industriais constituídos durante a década de 1970: a industrialização da carne do porco e o beneficiamento da soja para ração. O espaço entre as fábricas foi ocupado pelos trabalhadores e é registro de suas relações de classe. O jogo cumpriu um papel que inseria os trabalhadores que praticavam futebol enquanto protagonistas. Ocupar um posto hierárquico na fábrica não foi requisito para vencer as partidas de futebol dos campeonatos organizados entre as fábricas da cidade.

O campo de futebol ficava localizado na Vila operária. Durante os fins de semana os trabalhadores se reuniam para assistir jogos organizados pelos trabalhadores. Muitas vezes os jogos eram organizados no ambiente da fábrica pelos trabalhadores. O campo de futebol também era um espaço de sociabilidade das crianças da Vila operária. Nos fins de semana

“aquele monte da Vila”⁸³ se reunia para assistir as peladas organizadas pelos trabalhadores. Guaíba foi um dos organizadores.

Em fins dos anos de 1970, quando o frigorífico operava sob a administração da Swift Armour, trabalhadores como Guaíba construíram condições para reunir os trabalhadores nos espaços de lazer e da sociabilidade. Deste ponto de vista, a cultura dos trabalhadores não foi construída pela fábrica. Mas sim, pela ação e organização de trabalhadores como Chico, Remi e Guaíba em relação às práticas sociais construídas pelas experiências do passado, reconstituindo-as no decorrer da ressocialização dos trabalhadores na vila operária.

Nesse sentido, podemos definir que as relações sociais dos trabalhadores também transformam os espaços dos quais eles fazem parte. Sob condições determinadas pela pressão do capitalismo sobre sua experiência, creio que os trabalhadores constituem espaços e fixam limites à exploração do trabalho. Essas condições estão amarradas às condições de vida e de trabalho comuns aos trabalhadores e coletivamente aceitas por um conjunto de referências que aprovam ou reprovam determinada condição de vida e de trabalho. O novo espaço foi construído por trabalhadores migrantes durante o processo de construção de padrões culturais da classe trabalhadora em Marechal Cândido Rondon-PR, dignos de registro e análise.

Imagem 2



Time de Futebol feminino da Swift Armour fins da década de 1980. Do lado esquerdo aparece Guaíba, treinador do time. Álbum de fotografias da família de Chico.

⁸³ Lena, 52 nos, cozinheira. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 09 de Maio de 2013

Estes espaços foram fundamentais para delinear a experiência social dos trabalhadores. As trajetórias de vida em comum podem ser traduzidas a partir da incorporação do sentimento comunitário dos moradores da Vila operária.

Quando Eder Sader investigou sobre a classe trabalhadora em São Paulo em seu estudo “Quando novos personagens entram em cena”, identificou aquilo que ele chamou de “novos espaços da classe trabalhadora” durante a década de 1970. Os trabalhadores chegavam a São Paulo de cidades muito distantes do país. Tornaram-se trabalhadores migrantes, cujas vidas os havia empurrado para São Paulo em busca de uma vida melhor nas indústrias da grande cidade. Sader denominou este processo como um movimento de “ressocialização” da classe. Inúmeros trabalhadores chegavam a São Paulo e se alocavam em bairros trabalhadores da cidade.

Parcela considerável dos trabalhadores viveu o início da experiência da condição proletária em São Paulo na situação de migrante. Quer dizer que as experiências de procurar trabalho, obter documentos, arrumar moradia foram realizadas no curso de um processo de ressocialização, onde estão presentes representações que expressam uma alteração de padrões culturais. (SADER, 1988, pág. 88)

Paralelo a esse processo, na mesma década, no Oeste Paranaense, a Vila operária foi um espaço constituído pela classe trabalhadora. A ressocialização dos trabalhadores promoveu também um espaço de reconstrução cultural dos sujeitos sociais envolvidos neste contexto. Perpetuar valores ligados ao trabalho no campo, tais como, comunidade, união e família foi preciso ressignificá-los nos espaços dos trabalhadores. Tais valores e significados que orientaram o modo de viver na vila operária nas décadas de 1970 e 1980 em Marechal Cândido Rondon, considerou também o acesso à moradia, o salário, a carne do porco, dos espaços de sociabilidade, da garantia da aposentadoria e da carteira assinada

No entanto, construir espaços de sociabilidade significou disputar as relações sociais com o a produção, modificando, inclusive, a ação das classes dominantes. Em fins da década de 1980, o frigorífico reorganizou a produção amparada por selos de qualidades, alteração do ritmo da produção e aproximação dos espaços de sociabilidade à direção da fábrica.

Trabalhadores como Linda ainda avaliam as perdas com a “modernização” do frigorífico e a redução dos espaços de sociabilidade que parece ter ocorrido durante a transferência do frigorífico da Swift Armour para a Ceval alimentos a partir de 1989.

Antes, quando tinha as casinhas pra cima tinha o campo. Ali, aquele campo de futebol. Os meninos era o dia inteiro. Quem não tava na aula de manhã tava lá. E era uma união muito bonita. E quando era o tempo da Swifit que nós tinha as casinhas aqui né? Daí quando a Ceval comprou ela já quis modernizar.⁸⁴

Segundo Linda, “modernizar” o frigorífico significou também desagregar aquela “união bonita” dos trabalhadores que moravam na Vila operária do frigorífico. Carlos Seibert observou esse processo e nos oferece uma importante síntese:

A partir de 1991 as relações entre o grupo empresarial Ceval e os trabalhadores do complexo frigorífico sofrem significativas alterações. O vínculo entre trabalho e capital passa por mudanças. No início da formação da indústria de carne havia a necessidade de oferecer moradias aos trabalhadores, como estratégia para atrair mão-de-obra especializada, ou como forma de disciplinar o trabalhador. Até então, as empresas Frirondon, Frimesa/Ruaro haviam investido na construção de casas dentro da área do frigorífico, que favorecia a atração de trabalhadores especializados provindo de outros municípios do Estado, RS, SC, SP dentre outros. (SEIBERT, 2008, p.117)

Além das alterações entre capital e trabalho destacado por Seibert, o final da década de 1980 e início da década de 1990 marcaram grandes mudanças na organização do trabalho no frigorífico. Essas mudanças mexeram também com o modo de viver e de trabalhar dos trabalhadores. Os grupos que eram organizados em várias tarefas nas etapas da produção foram progressivamente se fixando em ocupações específicas. O frigorífico passou a operar com grupos definidos para o abate, corte e carregamento. Com a implantação de mais um turno, as horas extras deixaram de ser frequentes e o fetiche do “salário alto”, que era amparado pelas horas extras, foi progressivamente se desfazendo. O advento do cronômetro na linha de produção alterou o ritmo de trabalho no frigorífico. O ritmo da produção aumentou reduzindo o tempo de permanência dos trabalhadores na fábrica. Tudo isso parece ter computado favoravelmente ao desconforto que trabalhadores como João sentiram:

⁸⁴ Dona Linda, Zeladora. Esposa de Lino. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

Quando a gente entrou na SWIFT, não existia esse negócio cobrança de produção. Não existia né? Então a gente não tinha essa ideia de produzir e vender mais barato. Você tinha um ganho igual né? Você tinha um ganho igual seria muito mais fácil pra negociar. Quanto mais barato, mais você negocia, mais negócio você tem e mais produto você vende né? Nessa época não existia. Depois quando foi implantado, que veio esse pensamento de ISO, esse qualidade total, daí veio o ajuste, daí veio uma mudança de ideia que você tem que produzir, produzir. Quanto mais você produz, mais barato você vai vender mais você vai ter mais lucro. Tem pessoas que não se adaptam. Inclusive no meio de nós trabalhador teve pessoa que não se adapta teve que sair. Não se adapta com o ajuste, com a cobrança do ajuste né? De você produzir né..? Produzir! Produzir de melhor qualidade, produzir de melhor qualidade.⁸⁵

O ISO, destacado por João como uma “ideia que você tem que produzir, produzir...” foi um acordo firmado entre capitalistas para padronizar a produção e estabelecer determinado ritmo de produção em 1947. O acordo foi firmado em Genebra na Suíça depois da segunda guerra mundial. Vinte e cinco grandes capitalistas do mundo organizaram o primeiro encontro da Organização Internacional para Padronização (ISO). Em 1987, a então Organização Internacional para padronização (ISO), foi reformulada em encontro na Inglaterra. Inúmeros outros capitalistas reproduziram os selos de qualidade e padrões de produção em tal encontro⁸⁶.

A reorganização do trabalho, orientada pelos acordos capitalistas mundiais (ISO), não passou despercebida por trabalhadores como João. Quando Edmundo Fernandes Dias apontou que a “reestruturação produtiva é a forma atual da luta de classes” (DIAS, 1996), ele parece destacar o problema acompanhado e questionado por trabalhadores iguais a João. Onde os trabalhadores identificam mudanças na forma em que se organizam para o trabalho, avaliando as perdas e ganhos. Essa avaliação estabelece referência em relação entre o que tinham e ao que passaram ter. Podemos qualificar os sentidos dessas alterações no que tange o cotidiano do trabalho experimentado pelos trabalhadores.

As implicações da rearticulação no método da produção da mercadoria geraram conflitos entre a organização industrial e o modo de trabalhar no frigorífico, o que, parece ter resultado, também, em transformações no modo de viver dos trabalhadores. Retirar-lhes progressivamente seu modo de viver e de trabalhar, significou imputar-lhes restrições na

⁸⁵ João, 56 anos, operário. Entrevista realizada por Rinaldo José Varussa em fevereiro de 2011.

⁸⁶ http://pt.wikipedia.org/wiki/ISO_9000, acesso no dia 03/11/2013

forma em que vivem a vida e se organizavam para o trabalho. A intensificação do trabalho e a maximização do tempo produtivo causaram estranhamento nos trabalhadores.

Antônio Bosi também ressalta isso quando avalia o processo histórico de intensificação e precarização do trabalho no Oeste do Paraná. Segundo ele, o processo de intensificação do trabalho nesta região implica necessariamente a destituição ou a subordinação de modos de vida e de trabalho. Altera-se, assim, o modo em que homens e mulheres vivem suas vidas e se organizam socialmente. Neste sentido, o processo de reorganização do trabalho e ampliação do capital incide sobremaneira na vida de trabalhadores como João, e também formou o modo de lutar, questionar e viver nesta região do Brasil.

Sobre as alterações nas relações de trabalho é importante destacar o seguinte: os cronômetros passaram a organizar o tempo produtivo dos trabalhadores. Produzir mais e com mais qualidade resultou também no avanço das ocupações especializadas. A divisão da produção em três turnos e a fixação da jornada de trabalho em oito horas implicou em alterações no ritmo da produção: maior vigilância no trabalho, aumento da intensidade na produção além da pressão na busca pela qualidade da produção. Isso parece desarticular tanto o modo de trabalho e pressionar a destituição do modo de vida dos trabalhadores na Vila operária. Vejamos como Lena aponta o problema vivido por ela:

Na SWIFT pra CEVAL não foi nada de tristeza, porque nós sabia que nos estava saindo só de nome. Só mudou o nome. Nós ficamos todos. Gerentes, vamos dizer, ficaram bem dizer todos, E, o serviço mudou alguns cortes, que nem ali foi um baque um pouquinho maior, porque ali eles trouxeram uns cronometristas, pra ficar ali do seu lado parado, pra ficar do seu lado pra ver quanto que ficava esse corte, sabe foi uma coisa assim, mais rígida sabe? A pessoa parava do seu lado, ela marcava. Marcava o tempo que você fazia. Ali foi também uma avaliação de salário. Porque você demoraria pra fazer esse celular, uma hora você faria cinco, numa hora você fez dez, então ali valeria a capacidade de uma pessoa da outra. A habilidade. E aí mudava o salário. Cada um, vamos supor, eu fazia o meu, enquanto uma lá limpava dois, uma limpava três, isso não tinha. Era agilidade no braço mesmo, e até então o fio da faca que ajudava, quanto a faca mais afiada menos dor no braço você tinha. Porque vai ali fazer um serviço quando a faca não ajuda.⁸⁷ (Grifo meu)

⁸⁷ Lena, 52 nos, cozinheira. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 09 de Maio de 2013

No universo fabril as transformações da organização do trabalho e do processo de produção da mercadoria geraram algumas modificações no cotidiano dos trabalhadores. Digno de recordação para Lena, a reestruturação produtiva no frigorífico em fins dos anos 1980 e início dos 1990 gerou um conjunto de estranhamentos.

Este processo incide sobre o ritmo de produção e também amplia relações de poder dentro frigorífico registrando os conflitos no ambiente fabril. A reação não parece ter sido amistosa, ao ponto de trabalhadores como Lena avaliarem o constrangimento dos trabalhadores com presença dos cronometristas: “Porque assim, na maneira como eles chegaram, tinha gente que acabava sofrendo né? Porque eu não sei se a pessoa tem um medo de fazer uma coisa errada e ele depois chamar a atenção.”⁸⁸

Lena destaca a perda de autonomia em que trabalhadores como ela tinham com relação ao processo produtivo. Embora, as ocupações como as de Lino pudessem cadenciar o ritmo da produção (a serra era o começo da etapa produtiva, antes de encaminhar para o processo de corte), a diversificação da remuneração para os mais “habilidosos” promoveu uma hierarquização na produção, compreendida por trabalhadores iguais a Lena e Lino como premiação e consideração por seu trabalho. O desconforto registrado por Lena foi um dos resultados do processo de reorganização do trabalho. Os espaços de sociabilidade dos trabalhadores também foram alvo da reorganização do trabalho.

No final da década de 1980 foi construída a Associação dos trabalhadores do frigorífico. Este espaço, oferecido pela gerência do frigorífico, sediou cursos de aperfeiçoamento do trabalho e grupo de teatro. O futebol, construído por trabalhadores como Guaíba em meados da década de 1970, começou a ser organizado a partir da Sede da Associação nos anos de 1980.

As imagens 1 e 2 são indícios desta transformação. Nota-se que tanto os times de futebol feminino quanto o time de futebol masculino estão uniformizados com jogos de camisas da empresa. Isso indica alguma incorporação da fábrica à prática esportiva comum dos trabalhadores. Esta relação assume características de relação política entre dominantes e dominados. A ação dos trabalhadores modifica relações de dominação e determina também a ação das classes dominantes. Como por exemplo, a construção de uma Associação de trabalhadores com intenção de regular e institucionalizar as práticas sociais dos trabalhadores pelo frigorífico:

⁸⁸ Idem

Imagem 3



Construção da Associação de trabalhadores (final da década de 1980). Álbum da família de Bigode.

A construção da associação visava concentrar a vida social dos trabalhadores em espaço ordenado pela administração do frigorífico. Além disso, a construção da associação e também de um refeitório marcam um período de mudanças na organização do trabalho, que tende a concentrar a força de trabalho e maximizar o tempo ao enxugar as “brechas” da jornada de trabalho.

Com a construção da Associação dos trabalhadores, realizada pela administração do frigorífico, os caixinhas organizados por Chico para realizar as festas passou ter menos nas relações sociais e na lucratividade do frigorífico, já que o espaço do trabalho onde se organizava o fundo para as festas foi reestruturado:

“Daí me tiraram um monte de funcionário, daí só ficou eu na Ceval naquele tempo. O restante foi demitido. Nós era dezenove funcionário naquele tempo. Só ficou eu e mais um novato que eles contrataram!”⁸⁹

Além das impressões de Chico, Lena e João, as imagens 3 e 4 indicam o momento de mudança de postura da classe dominante. Na passagem da década de 1980 para 1990, a reestruturação da produção no frigorífico competiu com o modo de viver dos trabalhadores. Garantir espaço para as práticas sociais significou, entre outras coisas, construir também

⁸⁹ Chico, 60 anos, operário aposentado. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira no dia 03 de Fevereiro de 2010.

espaços de sociabilidade controlados pela burocracia do frigorífico. O trecho escrito no verso de uma das fotografias do álbum da família de Lena, que ainda é guardada como recordação daquele tempo, revela a construção de novos espaços de sociabilidade integrados à associação do frigorífico.

Foto da ‘Turma do barulho’ grupo de teatro dos funcionários da unidade: José Carlos dos Santos, Ivanilda da Cunha, Laciode Rubnich, Gilmar Muller, Valquiria da Silva, Zeni Oliveira da Cunha, Everaldo M. dos Santos, João F. Correia, Valdino M. dos Santos, Edvaldo M. da Cunha, grupo dirigido pela Tec. De Seg. Eloisa e Eng. Lúcio⁹⁰

A “Turma do barulho”, grupo de teatro dos trabalhadores do frigorífico, parece ser evidência da ação das classes dominantes para integrar a “família operária” aos espaços do frigorífico. A imagem 4, retrata um dos encontro do grupo de teatro.

Imagem 4



Grupo de Teatro do frigorífico. Fotografia sem data, estima-se que seja no início dos anos de 1990. Álbum de Lena e família.

A direção do grupo de teatro, registrado na imagem 4, é coordenado por um técnico de segurança e por um Engenheiro de produção. O que indica, também, que a construção destes espaços ocorreu paralelamente à reorganização da produção do frigorífico no início

⁹⁰ Manuscrito de Lena no verso da fotografia original da imagem 5.

da década de 1990, período em que aparentemente ocorreu a ampliação dos setores de vigilância e qualidade sobre o trabalho.

Ao transformar o modo de trabalhar dos trabalhadores do frigorífico, a empresa precisou transformar também o modo de vida. Trabalhadores como Lena, Lino, Bigode, Chico e João se recordam dos cursos de “aprimoramento técnico”.

A individualização da produção, o encurtamento do domínio do processo produtivo, a especialização das ocupações, a aceleração do ritmo de produção, a ampliação da fiscalização no universo do trabalho e especialmente a redução do salário mensal, também incidiam sobre o modo com que os trabalhadores organizavam a vida e atribuíam sentido as suas perdas.

A reorientação do trabalho industrial no frigorífico parece ter implicado nas alterações dos espaços trabalhadores, como o futebol de fábrica e os espaços de sociabilidade. Alguns lugares marcados pelas práticas sociais dos trabalhadores, na Vila operária, parecem ter sido também incorporados pela administração do frigorífico. A construção da Associação de trabalhadores foi um espaço de sociabilidade também centralizado pelo poder da administração do frigorífico. A luta pelo trabalho também foi uma luta pelos espaços de sociabilidade.

Esta relação pareceu desestabilizar aquela condição registrada por Chico, onde trabalhadores como ele organizavam os rodízios na fábrica e dispunham relativa autonomia com relação às horas de trabalho. A redução das horas extras implicou em um processo de encurtamento e rebaixamento do salário, algo que foi sentido pelos trabalhadores. As horas extras, embora fosse resultado de uma organização do trabalho em que a permanência dos trabalhadores na fábrica era rentável para o frigorífico, também lhes proporcionava grande parte da remuneração no fim do mês. Com a instalação dos três turnos, o “tempo das horas extras à vontade” foi diminuindo ao ponto dos trabalhadores perceberem a redução do ordenado mensal.

Sobre este aspecto é importante ressaltar que, a despeito da ausência de organização sindical no frigorífico, trabalhadores como Lino, Bigode, Chico, Guaíba, Lena, Fátima, Dona Linda e João presenciaram uma luta por aumento de salário.

Piá, nós era organizado ali heim!? Uma vez nosso salário decaiu pra você ter uma ideia, ele abaixou. E nós tinha o cabeça entendeu? Aí o cabeça falou “vamo fazer um protesto aí porque o nosso salário caiu demais!”

Entendeu? Porque veio um cara espertinho de Cascavel-PR, ele já tinha quebrado uma empresa lá, daí acho que ali ele tentou segurar. Ele era do recursos humanos, ele tentou de certo segurar o nosso salário. Aí o que o cara do RH fez, ele era uma cara bem alto pescoçudo, “Quem é o cabeça aí?” Se nós falasse quem era o cabeça, ele cortava a cabeça do cara e não dava aumento pra ninguém. Daí todo mundo numa voz só “Cabeça é todos nós queremos o aumento”, entendeu? “Nós cabeça e todos nós, nós queremos aumento!” Essa parada aí ninguém tinha combinado. Só tinha combinado pra ir até o RH pedir aumento, mas também tinha combinado pra não falar quem era o cabeça, porque se ele soubesse quem era o cabeça ele cortava o cabeça. Nós era unido, nós era unido.⁹¹ (Grifo Meu)

Ao premiar os trabalhadores com um salário maior, dependendo de sua produtividade, a administração do frigorífico pareceu entender que o salário é um valor para os trabalhadores. Do ponto de vista econômico, o salário garante as condições mínimas de existência e sobrevivência dos trabalhadores. Do ponto de vista moral, para a classe trabalhadora, o rebaixamento do salário indica também o descrédito com o trabalho, incidindo sobre a importância do trabalhador com seus chefes e pares nas relações de trabalho. Pode-se dizer que no caso dos trabalhadores do frigorífico, o rebaixamento do salário gera sentidos negativos em relação as mudanças que são tanto econômicas quanto morais. Nesse sentido, a premiação ou bonificação pela produtividade é produto tanto da alteração do ritmo da produção como o rebaixamento do salário.

Suponho que essa relação do trabalhador com o salário, além de ser a quantia necessária para a reprodução da força de trabalho e resultado da exploração do trabalho no capitalismo, também está associado àquilo que Edward Thompson destacou em “Costumes em Comum: estudo sobre a cultura popular tradicional” como “economia moral” dos trabalhadores. Para trabalhadores como Lino deixar comprar “um litro de Wisk, um Nato Nobelis como nós tomava, tá trinta e pouco, quase quarenta conto!⁹² Você não tem mais como levar um litro desse!”, é motivo de reflexão com relação a depreciação do valor do seu trabalho em comparação com o valor de troca de uma mercadoria comum no universo da sociabilidade dos trabalhadores.

Deste ponto de vista, a questão salarial puxada pelo “cabeça” do grupo dá um tom muito mais amplo para esta luta dos trabalhadores. Pode-se dizer que organizações dos trabalhadores, como está relatada acima por Lino, é resultado de um processo histórico de

⁹¹ Lino, 60 anos, ex-operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

⁹² Idem

formação do sujeito político durante os anos de 1970 e 1980, como os meus entrevistados, que se constituíram enquanto sujeitos sociais capazes de avaliar suas vidas em função dos espaços que eles constituíram.

Neste sentido, a consciência de classe desses trabalhadores é resultado da compreensão que homens e mulheres têm em relação ao espaço que ocupam, as pressões e limitações que os cercam e os interesses que os articulam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de responder a pergunta: Quem são os trabalhadores que trabalharam no frigorífico de abate de porcos em Marechal Cândido Rondon-PR durante a década de 1970 e 1980?

Grande parte da classe trabalhadora em Marechal Cândido Rondon-PR é formada por trabalhadores migrantes que vieram para esta cidade durante as décadas de 1970 e 1980. Esse movimento deu-se junto a reorganização do trabalho no campo, implementações de técnicas, controle da matéria prima e condicionamento dos colonos às produções vinculadas a incipiente integração econômica entre campo e cidade no Oeste Paranaense. Novas relações de trabalho também se constituíram nesse processo. Pode-se constatar que durante esse período aumentou o número de trabalhadores assalariados no campo e na cidade, na medida em que surgiram ocupações ligadas ao desenvolvimento da atividade industrial, tais como os safristas, saqueiros e boias frias.

A década de 1970 registrou também a constituição de vilas operárias no Oeste do Paraná. Concentrar a força de trabalho nas proximidades das empresas foi fundamental para o desenvolvimento do capitalismo. O sistema fábrica-vila operária operou num momento histórico em que os trabalhadores cumpriam uma jornada de trabalho de 12 a 14 horas por dia. O pagamento das horas extras foi um dos recursos utilizados pelo patronato local na extração da mais valia.

A vinda de trabalhadores migrantes implicou mudanças nos espaços de moradia e lazer. Bairros como o Higienópolis e a vila operária do frigorífico foram lugares para o desenvolvimento da sociabilidade dos trabalhadores, que organizavam, com alguma autonomia, bailes, futebol e festas. Tais espaços foram fundamentais para que os trabalhadores se vissem como classe, e se percebessem partilhando experiências comuns de trabalho.

Para chegar nestes resultados precisei sistematizar trajetórias de vida e de trabalho aparentemente desconectadas para investigar a experiência dos trabalhadores durante a constituição da classe trabalhadora na região Oeste Paranaense. Além disso, quando observamos com maior rigor a vida desses trabalhadores, pudemos, no decorrer do trabalho, inscrever um contraponto a visões oficiais sobre o processo de desenvolvimento industrial

regional. Amparado pelo discurso de “Progresso econômico”, o argumento oficial exclui a percepção de homens e mulheres que trabalharam durante esse período. As experiências sociais dos trabalhadores são omitidas por relatos de grandes feitos e por um desenvolvimento econômico linear e aparentemente isento de contradições. Ao examinar as experiências de vida e de trabalho dos trabalhadores não foi isso que encontramos.

Neste trabalho, nos deparamos com questões bastante difíceis. A primeira delas foi tentar, de forma clara, entender em que medida a migração de trabalhadores de um frigorífico de abate de porcos e suas trajetórias de vida estavam ligadas as alterações no mundo do trabalho no processo de formação da classe trabalhadora no Oeste do Paraná. Essa empreitada se baseou em trabalho de observação e interpretação não somente do que os trabalhadores têm a nos contar sobre o trabalho no frigorífico, mas também sobre o trabalho no frigorífico em relação a suas experiências de vida e de trabalho antes e durante a experiência operária.

Sobre este aspecto, suas trajetórias de vida e de trabalho revelaram características comuns compartilhadas pelos trabalhadores. Os valores, costumes e hábitos da classe trabalhadora constituem pontos de referência em que homens e mulheres, pertencentes a ela, interpretam as condições de vida e de trabalho. No mais das vezes, a cultura da classe trabalhadora, seus valores, hábitos e costumes são hostis à relação de trabalho capitalista. “Comer o pão que o diabo amassou” durante a trajetória de vida, significa, entre outras coisas, a contradição com uma moral do trabalho que diz que “o trabalho dignifica o homem”. Por outro lado, os trabalhadores tendem a conservar uma afirmação positiva com o trabalho, pois dependem, entre outros aspectos, da aprovação do outro para a manutenção de condições de vida. No caso dos trabalhadores do frigorífico, essa afirmação está amparada na relação entre o passado do trabalho no campo e a condição de vida experimentada em vários postos de trabalho no decorrer da vida. Ainda que, em grande medida, as relações de trabalho assalariado na cidade neguem o passado do trabalho no campo, o valor do trabalho é comum entre os trabalhadores, ao ponto de referências do trabalho no campo, serem reproduzidas e compartilhadas tanto no trabalho na fábrica como nos espaços de sociabilidade.

De certo modo a moral do trabalho parece ser formada nessa relação. Isso não significa que os trabalhadores eram “imobilizados” pelo fator moradia e que sua consciência fosse condicionada pelo e para o espaço da produção. Ao contrário disso, os trabalhadores

forjavam espaços sociais e articulavam seus interesses. Foi deste ponto de vista que tentamos enxergar e discutir a experiência dos trabalhadores do frigorífico no processo de constituição da classe trabalhadora no Oeste do Paraná. Foi possível concluir que tal formação também modificou as ações da classe dominante.

Por fim, partindo desse estudo, foi possível afirmar que o desenvolvimento da atividade industrial marcou pelo menos dois momentos de reorganização do trabalho em Marechal Cândido Rondon-PR. Se as décadas de 1960 e 1970 marcaram a reorganização do trabalho no campo, a partir de técnicas e financiamentos e articulação direta das fábricas aos colonos, transformando modos de vida e de trabalho dos trabalhadores do campo, a década de 1990 registrou a reorganização do trabalho, alterando modos de vida e de trabalho dos trabalhadores que migraram para o Oeste do Paraná para trabalhar no frigorífico. Cabe, entretanto, empreender maior fôlego de pesquisa sobre esse contexto histórico. Creio que essa investigação poderá contribuir para compreender sobre a condição de vida e de trabalho de uma numerosa classe que trabalha e vive no Oeste do Paraná.

FONTES

4.1 Orais

André, solteiro, 25 anos, trabalhador autônomo, nasceu em Marechal Cândido Rondon-PR. Trabalhou de mecânico, pedreiro, ajudante de lavar carros, fábrica de móveis, e por sete meses trabalhou na Unidade de Aves COPAGRIL. Entrevista realizada em 20 de março de 2011 na rua Costa e Silva, centro, Marechal Cândido Rondon-PR.

Aline, casada, 29 anos, dona de casa, amapaense, reside em Marechal Cândido Rondon-PR desde 2000. Trabalhou na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL um ano e cinco meses. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2011 na Rua Paraná do loteamento Florença em Marechal Cândido Rondon-PR.

Alípio, 53 anos. Nasceu nas proximidades de Santana do Livramento-RS. Trabalhou no campo e no frigorífico da Swift Armour em Santana do Livramento-RS e em Marechal Cândido Rondon-PR. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira em 28 de Outubro de 2012.

Antônio da banha, 62 anos. Nasceu em Taquararé-RS. Trabalhou no campo, em serraria companhia de asfalto e nos frigoríficos Frirondon, Frimesa e Swfit Armour. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Marcos da Sila de Oliveira no dia 05 de maio de 2011.

Bigode, 57 anos. Operário aposentado. Nasceu em Guaporé-RS. Trabalhou no campo e de operário no frigorífico de Medianeira-PR e da Swift Armour e Ceval em Marechal Cândido Rondon-PR. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

Chico, 60 anos. Operário aposentado. Nasceu em Crissiumal-RS. Trabalhou no campo, boia fria, saqueiro e operário da fábrica de ração da Swift Armour. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira no dia 03 de fevereiro de 2010.

Fátima Cattini, 53 anos. Auxiliar de enfermagem. Nasceu em Santo Inácio-PR. Trabalhou no campo, de empregada doméstica, boia fria e de operária. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 07 de Março de 2013.

Fernanda, solteira, 29 anos, desempregada, nasceu em Cascavel-PR, reside em Marechal Cândido Rondon-PR desde 2008. Trabalhou de garçonete, auxiliar de cozinha, fábrica de Bolas KAGIVA e Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2011 na Rua Alecrim no bairro Higienópolis em Marechal Cândido Rondon-PR.

Guaíba, 66 anos. Operário aposentado. Nasceu em Xavantina-Sc. Trabalhou no campo, em companhia de asfalto, açougueiro e no frigorífico da Seara em Santa Catarina e no da Frimesa, Swift Armour e Ceval em Marechal Cândido Rondon-PR. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 05 de Maio de 2013.

João, solteiro, 24 anos, estudante universitário, nasceu em São Paulo, em 1995 seu pai se mudou para Marechal Cândido Rondon-PR ao ficar desempregado em São Paulo. Trabalhou um ano e cinco meses na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Entrevista realizada em 27 de Novembro de 2009 na rua Pernambuco na Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE de Marechal Cândido Rondon-PR.

João, 59 anos, operário. Nasceu em Santana do Livramento-RS. Trabalhou no campo, de pedreiro e calceteiro, no frigorífico da Swift Armour e da Ceval e na indústria de beneficiamento do leite Frimesa. Entrevista realizada por Rinaldo José Varussa em fevereiro de 2011.

Leandro, solteiro, 25 anos, estudante universitário e operário, nasceu em Santa Helena-PR, trabalhou na roça, no frigorífico de aves da SADIA em Toledo-PR. Trabalha na Indústria de beneficiamento do leite FRIMESA. Entrevista realizada em 7 de dezembro de 2009 na Rua Paraíba, centro, Marechal Cândido Rondon-PR.

Lena, 52 anos. Cozinheira. Nasceu em Serafina Correia-RS. Trabalhou no campo e de operária. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 05 de Maio de 2013.

Linda, 58 anos. Auxiliar de escola. Trabalhou no campo e de boia fria. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de Maio de 2013.

Lino, 60 anos. Pedreiro. Nasceu em Nova Aliança do Ivaí-PR. Trabalhou no campo, de boia fria, sauqueiro e operário. Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira no dia 07 de Maio de 2013.

Tonho, 59 anos. Frentista. Nasceu em Crissiumal-RS. Trabalhou no campo e no frigorífico da Swift Armaou e da Ceval em Marechal Cândido Rondon-PR. Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Marcos da Silva de Oliveira no dia 04 de abril de 2011.

4.2 Jornalísticas

Radio difusora de Marechal Cândido Rondon-PR, Programa Frente Ampla de notícias (FAN).

FAN “Empreendimentos industriais” – (03/01/1967)

FAN “O frigorífico em atividade” – (1969)

FAN “Frigorífico soou o apito no início do ano” – (02/01/1969)

FAN “O frigorífico de vagar mais firme” – (10/01/1969)

FAN “Frigorífico aguarda a vinda de um veterinário” – (26/04/1969)

FAN, “Frigorífico em uma nova matança” – (26/06/1969)

FAN “Suinocultura rondonense está em crise” – (21/10/1969)

FAN, “Curso de Soja será realizado essa semana” – (1971)

FAN, “Curso de suinocultura” - (03/05/71)

FAN, “Atividades nas cooperativas continuam intensas” – (08/12/1971)

FAN, “Ministério da agricultura importa suínos europeus” – (08/12/1971)

FAN, “Carteirinhas obrigatórias para associados da Copagril” – (09/12/1971)

FAN, “Governo quer saber tudo sobre cooperativas” – (20/03/1972)

FAN, “Criação de suínos deverá continuar em Marechal Cândido Rondon em ritmo crescente” (23/01/1972)

FAN “Financiamento à suinocultura” – (23/01/1972)

FAN, “Assembleia Geral de Prestação de Contas da Copagril (Cooperativa Agroindustrial) foi realizada” - (29-03-1972)

FAN, “Frigorífico Rondon S/A. indústria e comércio” – (08/05/1973)

FAN, “Prefeitura vai recolher suínos” – (09/08/1973)

FAN, “Uma indústria que cresce” - (02/10/1973)

FAN, “Frigorífico atende consumidores” - (21/12/1073)

FAN “Mais reuniões da copagril” – (20/02/1974)

FAN, “Frigorífico será três vezes maior” – (10/07/1975)

FAN, “Frigorífico poderá exportar no futuro” – (07/02/1976)

FAN, “União faz a força no cooperativismo” – (05/07/1976)

FAN, “Frimesa experimenta novos maquinários” – (10/12/1976)

FAN, “Frigorífico abate 150 cabeças de suíno” – (22/12/1976)

FAN, “Frigorífico Rondon recebeu visita importante” – (19/08/1977)

FAN, “Frigorífico Rondon aumentará seu capital” – (13/09/1977)

FAN, “Frigorífico Rondon reúne fornecedores de suínos” – (01/10/1977)

FAN, “Os diaristas estão chegando” – (24/01/1977)

FAN, “Frigorífico Rondon volta a operar” (07/08/1978)

FAN, “Frigorífico reinicia atividades” – (25/08/1978)

FAN, “Frigorífico inicia os abates” – (28/08/1978)

FAN, “Grupo Frimesa poderá ser comprador” – (30-12-1977)

FAN, “Credores deverão habilitar-se para concordata do frigorífico até o dia 22”
(07/01/1978)

FAN, “Frigorífico voltará a funcionar” – (30/05/1978)

FAN, “O introdutor do cooperativismo no Oeste do Paraná” – (18/08/1978)

FAN, “Reativação do frigorífico Rondon pela empresa Swift” – (05/12/1978)

FAN, “Arrendamento do Frigorífico Rondon para a Swift poderá ser anunciado” –
(16/12/1978)

FAN, “Decretada a falência do Frigorífico Medianeira” – (23/10/1978)

FAN, “Concluídas negociações entre o Frigorífico Rondon e a Swift” – (23/12/1978)

FAN, “Frigorífico tem falta de matéria prima” – (08/02/1979)

FAN, “Swift Armour 25% do abate procede do município” – (06/04/1979)

FAN, “Sadia recruta pessoal em toda a região” - (08/01/1980)

4.3 Documentos Oficiais

4.3.1 - Relatórios do Instituto Paranaense de desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES):

1. FUNDAÇÃO IPARDES. *Aspectos da economia e sociedade paranaense*. Curitiba, 1981. 4v. Convênio SEPL/IPARDES.
2. _____. *Estudos para uma política de desenvolvimento industrial no Paraná*. Curitiba, 1981. 4v. Convênio MIC/SEIC/SEPL/IPARDES.
3. _____. *Perspectivas e potencial de participação institucional do setor cooperativo nos planos e programas de adequação do desenvolvimento rural paranaense*. Curitiba, 1983. Convênio SEPL/IPARDES.

Site: http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&sistemas=1&cod_sistema=1

Obs: Acesso entre os meses de Novembro e Dezembro de 2013.

4.3.2 – Relatórios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE):

1. BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo demográfico Paraná: VIII recenseamento geral*. Brasil, 1973. V. I – Tomo III. 878p.
2. _____. *Censo demográfico dados destritais do Paraná: IX recenseamento geral do Brasil 1980*. Rio de Janeiro, 1982. V.I – Tomo III, número 18. 450p.

Site: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>

Obs: Acesso entre os meses de fevereiro e março de 2013.

Referências bibliográficas

BOSI, Antônio.. *Precarização e intensificação do trabalho no Brasil recente: Ensaio sobre o mundo dos trabalhadores (1980-200)*. 1ª ed. – Cascavel: Edunioeste, 2011.

_____. *A Cultura da Classe: A recusa do trabalho em frigorífico no Oeste Paranaense (1990-2010)*. 2013 [mimeo]

_____. “História das relações de trabalho na cadeia produtiva avícola no oeste paranaense” in: *Revista de História Regional*; 2011.

BOSI, A.P; VARUSSA, R.J; *Trabalho e trabalhadores na contemporaneidade: diálogos historiográficos*. Cascavel: Edunioeste, 2011.

BRAVERMAN, Harry.. *Trabalho e capital monopolista*. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987

FINKLER, Anna L. *Os problemas de saúde dos trabalhadores e a relação com o processo do trabalho nos frigoríficos*. 2007. Trabalho de conclusão de curso em Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel-PR.

GRAMSCI, Antônio.. “Americanismo e fordismo” in: *Cadernos do cárcere*; vol.4 – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GRANDO, G.D.. *Trabalho industrial, identidade de classe e os trabalhadores das indústrias alimentícias Copagril e Faville em Marechal Cândido Rondon/PR (2000 - 2010)*. 2013. (Trabalho de Conclusão de Curso em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Marechal Cândido Rondon-PR.

GEMELLI, Diane D. *Mobilidade territorial do trabalho como expressão da formação do trabalhador para o capital: frigorífico de aves da Copagril de Marechal Cândido Rondon/PR*. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão-PR.

HOBSBAWM, E.J; RUDÉ, G.. *Capitão Swing*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

HOBSBAWM, Eric. *Os trabalhadores. Ensaio sobre a história do operariado*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HECK, F.M. *Degradação anunciada do trabalho formal na Sadia – Toledo (PR)*. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Presidente Prudente-SP.

LOPES, J.S.L.. *A tecelagem do conflito de classe na cidade das chaminés*. São Paulo: Marco Zero, 1988.

_____. *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, K.. *O capital: crítica da economia política*. Vol. I e II – 2ª ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1985.

PEREIRA F.G; SOUZA A.D.. “Trabalhadores, imprensa e agroindústria no Oeste do Paraná: As contradições do processo de expansão da indústria de alimentos em Marechal Cândido Rondon. In: *Trabalho e trabalhadores no processo de industrialização recente no Oeste do Paraná (1970-2010): Estudos sobre a Cadeia Avícola*. Org. Antônio Bosi. Jundiaí: Paco editorial, 2014.

SADER, Eder.. *Quando novos personagens entram em cena: experiência, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAATKAMP, V.. *Desafios, lutas e conquistas: história de Marechal Cândido Rondon*. Cascavel: Assoeste, 1984.

SEIBERT, C.. *Os moradores do loteamento Ceval na história de Marechal Cândido Rondon (1991-2007): um estudo de caso sobre a formação do setor urbano industrial frigorífico e a luta por moradia*. Marechal Cândido Rondon, 2008, 213p. (Dissertação de Mestrado).

THOMPSON, E.P.. *A formação da classe operária inglesa*. 3 volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

_____. *Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Senhores e Caçadores: a origem da lei negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VARUSSA, R.J.. “Daí, eu agarrei o mundo”: experiências e trajetórias de trabalhadores “sem profissão definida” a partir do oeste do Paraná (décadas de 1970 a 2000) in: *História e perspectivas*, Uberlândia, 2010.

_____. “Industrialização, trabalhadores e justiça do trabalho (década de 1990): algumas considerações”. In: *Tempo da Ciência*. Toledo: Edunioeste, 2006.

_____. “Pioneiros da flexibilização e os bóias-frias da indústria: Oeste do Paraná, década de 1980.” In: *Trabalho e trabalhadores no processo de industrialização recente no Oeste do Paraná (1970-2010): Estudos sobre a cadeia avícola*. Org. Antônio Bosi. Jundiaí, Paco editorial: 2014.